

VOLUME 3 DA SÉRIE
O DOADOR DE MEMÓRIAS
MAIS DE 15 MILHÕES
DE LIVROS VENDIDOS

O MENSAGEIRO

Lois Lowry





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O MENSAGEIRO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

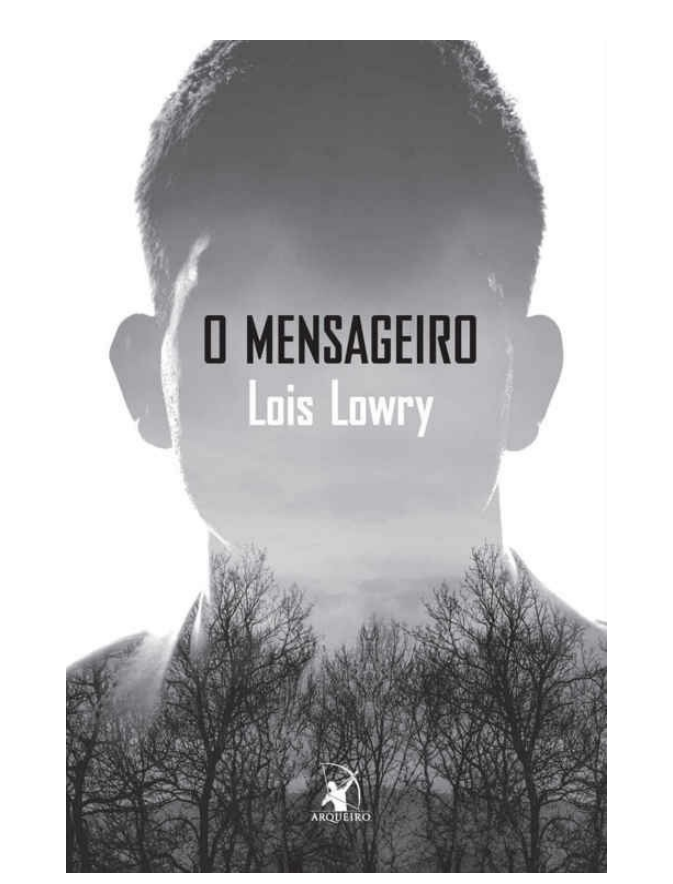
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar

nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



O MENSAGEIRO

Lois Lowry



Título original: *Messenger*
Copyright © 2004 por Lois Lowry
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado por um acordo especial com a
Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito dos editores.

tradução: Fabiano Morais

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Pedro Staite e Tereza da Rocha

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Victor Burton

imagens de capa: paisagem: Petiallieva/ iStockPhoto,
silhueta: Chris Pecoraro/ iStockPhoto

adaptação para e-book: Marcelo Morais



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L956m

Lowry, Lois
O mensageiro
[recurso
eletrônico]/ Lois

T 1 1 ~

Lowry; tradução
de Fabiano
Morais. São
Paulo: Arqueiro,
2016.
recurso digital

Tradução de:
Messenger
Formato:
ePub

Requisitos do
sistema: Adobe
Digital Editions
Modo de
acesso: World
Wide Web

ISBN 978-85-
8041-568-1

(recurso
eletrônico)

1. Ficção
americana. 2.
Livros
eletrônicos. I.
Morais, Fabiano.
II. Título.

16-
31689

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Matty estava louco para acabar logo de preparar o jantar. Queria cozinhar, engolir a comida e dar o fora dali. Quem lhe dera ser adulto para poder decidir quando comer, ou mesmo se queria comer, para início de conversa. Havia algo que precisava fazer, algo que o amedrontava. A espera só aumentava a ansiedade.

Matty já não era criança, mas também não chegava a ser homem. Às vezes, usava a janela de casa para se medir, parado diante dela do lado de fora. Antes, chegava apenas até o peitoril, ficava com a testa apoiada na madeira, mas agora era tão alto que conseguia olhar para dentro sem nenhum esforço. E, se recuasse em direção à grama alta, podia se ver na vidraça. Seu rosto estava ficando másculo, pensou ele, embora ainda gostasse da brincadeira infantil de fazer caras e bocas para o próprio reflexo. A voz também já engrossava.

Ele morava com o cego, que os outros chamavam de Vidente, e era seu ajudante. Ainda que achasse a tarefa uma chatice, limpava a casa, pois o homem dizia que era necessário. Assim, Matty varria o chão de madeira todos os dias e arrumava os lençóis no quarto: com todo o capricho na cama do homem, de qualquer jeito na sua própria. Na cozinha, cada um fazia sua parte. O homem ria das misturebas de Matty e tentava ensiná-lo a cozinhar, mas o garoto era impaciente e não se importava com sutilezas, como ervas.

– Por que a gente não junta tudo e joga na panela? Vai misturar na barriga de qualquer jeito.

Essa era uma discussão antiga e amigável. Vidente deu uma risadinha.

– Cheire isto – pediu ele, estendendo o broto verde-claro que estava picando.

Matty obedeceu.

– Cebola – disse, dando de ombros. – A gente pode simplesmente jogar aí dentro. Ou nem precisa cozinhar, mas aí você fica com bafo de onça. Uma garota prometeu que ia me beijar se eu estivesse com bom hálito. Mas acho que ela está só me provocando.

O cego sorriu para o menino.

– A provocação é o que torna tão divertida a etapa anterior ao beijo – falou ele, e Matty corou. – Você poderia negociar um beijo – sugeriu Vidente, risonho. – O que daria em troca? Sua vara de pescar?

– Não faça isso. Não brinque com negociações.

– Tem razão, eu não deveria. Costumava ser uma coisa alegre. Mas agora... Você tem razão, Matty, já não é motivo de brincadeira.

– Meu amigo Ramon foi à última Feira de Negócios com os pais. Mas ele não quer falar no assunto.

– Vamos fazer o mesmo, então. A manteiga já derreteu na panela?

Matty conferiu. Ela estava começando a borbulhar, com uma coloração dourada.

– Já.

– Então acrescente a cebola. Fique mexendo para ela não queimar.

Matty obedeceu.

– Agora cheire *isto* – falou o cego.

Foi o que Matty fez. O aroma da cebola que refogava na panela o deixou com água na boca.

– Melhor do que se estivesse crua? – perguntou Vidente.

– Mas dá muito trabalho – retrucou Matty, irrequieto. – Cozinhar é muito trabalhoso.

– Acrescente um pouco de açúcar. Só uma pitada ou duas. Deixe cozinhar por um minuto e, depois, vamos colocar o coelho. Não seja tão impaciente, Matty. Você está sempre fazendo tudo com pressa e não há necessidade disso.

– Só quero sair antes de anoitecer. Preciso conferir uma coisa. Tenho que jantar logo para chegar à clareira antes de escurecer.

O cego riu. Então apanhou os cortes de coelho da mesa e, como sempre, Matty ficou impressionado ao ver a segurança com que ele movia as mãos, como sabia exatamente onde havia deixado cada item. Observou-o enfarinhar os pedaços de carne com habilidade e colocá-los na panela. O aroma mudou à medida que a carne fritava com a cebola amolecida. Vidente acrescentou um punhado de ervas.

– Para *you* não faz diferença se é dia ou noite lá fora – disse Matty, fazendo cara feia –, mas preciso da luz do sol para ver uma coisa.

– E que coisa é essa? – perguntou o cego, orientando em seguida: – Quando a carne tiver dourado, adicione um pouco de caldo para ela não agarrar.

Matty seguiu as instruções, derramando na panela o caldo em que o coelho fora cozido mais cedo. O líquido escuro trouxe à tona a cebola e as ervas picadas, fazendo-as girar em torno dos pedaços de carne. Ele já sabia que aquela era a hora de tampar e baixar o fogo. Enquanto o cozido fervia, dispôs os pratos na mesa em que os dois jantariam.

Esperava que Vidente esquecesse o próprio questionamento: “E que coisa é essa?” Não queria responder. Matty estava perplexo com o que escondera na clareira. O fato de não saber o que significava lhe dava medo. Perguntou-se por um instante se seria possível negociar aquilo.



Depois de lavar e guardar os pratos, Matty viu que Vidente já estava sentado na poltrona com o instrumento de corda que tocava à noite. Foi devagarinho em direção à porta, na esperança de ir embora sem ser notado. Mas o cego ouvia qualquer coisa que se movesse ao redor. Inclusive, uma vez, escutara uma aranha correr de uma ponta da teia à outra; Matty estava de prova.

– Já vai para a Floresta outra vez?

Matty suspirou. Não havia escapatória.

– Volto antes de escurecer.

Tudo bem. Mas acenda o lampião, para o cego da se atreva. Depois que

– Tudo bem. Mas acenda o lampião, para o caso de se atrasar. Depois que escurece, é bom ter uma janela iluminada para se guiar. Eu me lembro de como era a Floresta à noite.

– Quando foi isso?

O homem sorriu.

– Quando eu ainda enxergava. Bem antes de você nascer.

– Você tinha medo da Floresta?

Muitas pessoas tinham, e por bons motivos.

– Não. Tudo não passa de ilusão.

Matty franziu a testa. Não sabia o que o cego queria dizer com isso. O medo era uma ilusão? Ou a Floresta? Olhou para ele. O cego esfregava a lateral envernizada do instrumento com um pano macio. Seus pensamentos haviam se voltado para a madeira lisa, embora não pudesse ver a grã ondulada do bordo dourado. Talvez, pensou Matty, *tudo* fosse ilusão para um homem que tivesse perdido a vista.

Matty esticou o pavio e conferiu a quantidade de óleo no lampião. Então acendeu o fósforo.

– Está feliz por eu ter feito você limpar a fuligem do lampião, não está?

O cego não esperava receber uma resposta. Ele moveu os dedos pelas cordas, atento ao som produzido. Como fazia quase todas as noites, pôs-se a afinar o instrumento com esmero. Conseguia identificar variações sonoras que, aos ouvidos do menino, pareciam todas iguais. Matty ficou parado diante da porta por um instante, observando. Sobre a mesa, o lampião cintilava. Vidente estava sentado com a cabeça inclinada em direção à janela, de modo que a luz do fim de tarde evidenciava as cicatrizes em seu rosto. Ouvia, depois girava um pequeno parafuso na parte de trás do braço de madeira, então ouvia novamente. Agora estava concentrado nos sons e havia se esquecido do garoto. Matty saiu de fininho.



A caminho da Floresta que delimitava o Vilarejo, ele pegou um trajeto mais longo para poder passar pela casa do professor, um homem bondoso com uma mancha vermelho-escura que lhe cobria metade do rosto. Marca de nascença, era como a chamavam. Quando ainda era novo no Vilarejo, Matty às vezes se surpreendia olhando-o fixamente, pois nunca tinha visto ninguém com uma marca daquelas. De onde o menino vinha, as autoridades não permitiam defeitos como aquele. As pessoas eram condenadas à morte por menos.

Mas ali no Vilarejo, além de não serem consideradas defeitos, marcas e imperfeições eram valorizadas. O cego recebera o nome verdadeiro de Vidente, sendo respeitado pela visão especial que tinha, a despeito dos olhos arruinados.

Embora seu nome verdadeiro fosse Mentor, o professor às vezes era chamado carinhosamente de “Pimentão” pelas crianças, por conta da marca de nascença. Elas o adoravam; era um profissional sábio e paciente. Matty, ainda pequeno quando fora morar ali com o cego, havia estudado na escola em tempo integral durante algum tempo, e ainda assistia a aulas de reforço nas tardes de

inverno. Fora Mentor quem o ensinara a se sentar quieto, ouvir e, com o tempo, ler.

Passou pela casa do professor não para vê-lo, ou para admirar seu viçoso jardim de flores, mas na esperança de avistar a linda filha de Mentor, que se chamava Jean e o havia provocado recentemente com a possibilidade de um beijo. Nos fins de tarde, ela costumava arrancar ervas daninhas.

Mas naquele dia não havia sinal dela ou do seu pai. Matty viu uma gorda cadela malhada dormindo na varanda, mas não parecia haver ninguém em casa.

Melhor assim, pensou. Jean o teria atrasado com suas risadinhas e promessas sedutoras – que nunca eram cumpridas. Além do mais, ele sabia que a garota as fazia a todos os meninos. Nem mesmo devia ter ido até ali só pela esperança de vê-la.

Matty pegou um graveto e, na terra do caminho ao lado do jardim, desenhou um coração e, dentro, escreveu com capricho o nome de Jean e o seu logo embaixo. Talvez ela o visse e soubesse que ele havia estado ali; talvez desse alguma importância a isso.

– Ei, Matty! O que está fazendo? – Era seu amigo Ramon, dobrando a esquina. – Já jantou? Quer comer com a gente?

Matty foi andando depressa para junto de Ramon, bloqueando a visão do desenho na terra, esperando que o amigo não notasse nada. Era sempre divertido ir à casa de Ramon, pois, recentemente, sua família havia ganhado uma Máquina de Jogos numa negociação, uma caixa grande com uma alavanca que deveria ser puxada para fazer três rodas com figuras girarem. Então um sino tocava e elas paravam. Se as três imagens fossem iguais, a máquina cuspia uma guloseima. Era muito empolgante.

Às vezes, Matty se perguntava o que eles haviam sacrificado em troca da Máquina de Jogos, mas ninguém nunca lhes perguntava.

– A gente já jantou, sim – respondeu ele. – Preciso ir para um lugar antes de escurecer, então o jantar foi cedo.

– Eu até iria com você, mas estou com tosse e Botânico disse que eu não devo ficar muito na rua. Prometi que ia direto para casa. Mas, se você esperar, posso ir correndo perguntar...

– Não – apressou-se a responder Matty. – Tenho que ir sozinho.

– Ah, é para uma mensagem?

Não era, mas Matty assentiu. Incomodava-o um pouco contar essas pequenas mentiras. Por outro lado, sempre as contara; crescera mentindo, e ainda achava estranho que as pessoas naquele lugar em que vivia agora considerassem errado mentir. Para Matty, às vezes era uma maneira de tornar as coisas mais fáceis, menos constrangedoras e mais convenientes.

– Até amanhã, então.

Ramon acenou e saiu correndo para casa.



Matty conhecia as trilhas que levavam à Floresta como se as tivesse aberto. E, de fato, algumas tinham sido criadas por ele ao longo dos anos. As raízes ficaram achatadas à medida que experimentava vários trajetos, buscando a rota mais curta e segura de um ponto a outro. Ele era ágil e silencioso na mata e conseguia pressentir o caminho certo sem nenhum ponto de referência, da mesma forma que previa o tempo e sabia quando choveria antes que as nuvens aparecessem e o vento mudasse de direção. Matty simplesmente *sabia*.

Os outros habitantes do Vilarejo quase nunca se aventuravam ali. Era perigoso para eles. Às vezes, a Floresta se fechava ao redor das pessoas que tentavam atravessá-la e não as deixava escapar. Houve casos de mortes terríveis, em que os corpos foram trazidos de volta estrangulados por cipós ou ramos que se enroscavam de forma maligna no pescoço e nos membros dos que decidiam abandonar o Vilarejo. De alguma forma, a Floresta sabia. Mas também parecia saber que as viagens de Matty eram benignas e necessárias. Os cipós nunca haviam tentado pegá-lo. De vez em quando, as árvores quase pareciam abrir caminho e convidá-lo a passar.

– A Floresta gosta de mim – comentara ele certa vez com o cego, orgulhoso.

Vidente concordou.

– Talvez ela precise de você – observou.

As pessoas também precisavam de Matty. Acreditavam que ele conheceria os caminhos, conseguiria trilhá-los em segurança e faria os serviços que exigiam atravessar a mata cerrada e suas rotas sinuosas, labirínticas. O garoto portava mensagens para elas. Esse era o seu trabalho. Ele achava que, quando chegasse a hora de receber seu nome verdadeiro, a escolha seria *Mensageiro*. Gostava da sonoridade e estava ansioso por receber esse título.

Mas, naquela tarde, Matty não levava nem ia buscar mensagem nenhuma. Ele seguiu até uma clareira conhecida, logo após um conjunto cerrado de pinheiros. Saltou com agilidade um córrego, então saiu da trilha desgastada para passar entre duas árvores, empurrando a folhagem. Aquelas árvores tinham crescido rápido nos últimos anos, portanto agora a clareira estava totalmente oculta. Tornara-se, assim, o esconderijo de Matty.

Ele precisava de privacidade para aquela coisa que estava descobrindo sobre si mesmo, de um lugar para testá-la em segredo, para avaliar o próprio medo do que aquilo poderia significar.

A clareira estava mergulhada na penumbra. Atrás dele, o sol começava a se pôr sobre o Vilarejo, e a luz que chegava através da Floresta era rosada e fraca. Matty percorreu o chão coberto de musgo até uma série de moitas altas e densas perto da base de uma árvore. Agachou-se ali e apurou os ouvidos, inclinando a cabeça em direção às plantas. Fez um som baixinho, que havia praticado; logo em seguida, veio o som que ao mesmo tempo esperava e temia escutar em resposta.

Enfiou a mão com cuidado na vegetação rasteira e retirou um pequeno sapo. O animal o encarou com seus olhos esbugalhados e destemidos e tornou a fazer o mesmo som: *brebt-brebt, brebt-brebt, brebt-brebt*.

Matty imitou o sapo, como se os dois conversassem. Embora estivesse nervoso, o “diálogo” o fez rir um pouco. Ele examinou o corpo verde e

escorregadio. O sapo não fez nenhum esforço para pular da sua mão. Ficou parado, o papo fundo e translúcido estremecendo.

Ele havia encontrado o que procurava. De certo modo, torcia para não encontrar. Sem dúvida, sua vida seria mais simples se aquele fosse um sapo qualquer, sem nenhuma marca. Mas, como no fundo já sabia, esse não era o caso. Da mesma forma, tinha consciência de que tudo iria mudar para ele a partir de então. Seu futuro sofrera uma nova e secreta reviravolta. A culpa não era do sapo, percebeu Matty, devolvendo com cuidado a pequena criatura verde à vegetação e observando as folhas balançarem enquanto ela se afastava, como se nada tivesse acontecido. Ele também se deu conta de que estava tremendo.



Voltando para o Vilarejo pelo caminho agora coberto de sombras, Matty ouviu sons que vinham da área além da praça do mercado. A princípio, ficou surpreso, achando que eram pessoas cantando. Não que isso fosse algo incomum no Vilarejo, mas em geral não ocorria ao ar livre, e muito menos à noite. Intrigado, parou para escutar melhor. Não era um canto, mas o som ritmado e pesaroso que chamavam de lamentação, o som da perda. Ele afastou as outras preocupações da mente e, sob a última luz do dia, pôs-se a correr para casa, onde o cego estaria à sua espera e poderia lhe explicar o que estava acontecendo.

– Você ficou sabendo do que aconteceu com Catador ontem à noite? Ele tentou voltar, mas já era tarde demais.

Carregando suas varas, Ramon e Matty tinham se encontrado para pescar salmão, e o amigo estava louco para contar as novidades.

Matty se retraiu, incomodado. Então Catador fora apanhado pela Floresta. Ele era um homem alegre, que amava as crianças e os animais pequenos, estava sempre sorrindo e contava piadas muito engraçadas.

Ramon falara em um tom convencido de quem gosta de ser o portador das notícias. Matty gostava muito do amigo, mas às vezes suspeitava que seu verdadeiro nome pudesse acabar sendo Falastrão.

– Como você sabe disso?

– Eles o encontraram ontem à noite na trilha atrás da escola. Depois que a gente se separou, ouvi a confusão. Vi quando trouxeram o corpo para cá.

– Eu ouvi o barulho. Eu e Vidente achamos mesmo que alguém tivesse sido apanhado.

Ao chegar em casa na noite anterior, Matty encontrara o cego se preparando para deitar e ouvindo atentamente o pranto coletivo – estava claro que um grande número de pessoas se lamentava.

“Perdemos alguém”, dissera Vidente, preocupado, detendo-se enquanto tirava os sapatos. Ele estava sentado na cama, de pijama.

“Levo uma mensagem para Líder?”

“Pelo som, ele já deve saber. É uma lamentação.”

“A gente deve ir para lá?”, perguntara Matty.

Por um lado, era o que queria – nunca tinha participado de uma lamentação –, mas, por outro, ficara aliviado ao ver o cego balançar a cabeça.

“Eles já têm gente suficiente. Parece ser um grupo bem numeroso; consigo ouvir pelo menos doze pessoas.”

Como sempre, Matty se surpreendera com os sentidos aguçados de Vidente. Para o garoto, era só um conjunto de lamentos indistinguíveis.

“Doze?”, perguntara, provocando-o em seguida: “Tem certeza de que não são onze ou treze?”

“Ouço no mínimo sete mulheres”, respondera o cego, sem perceber que Matty estava brincando. “Cada uma em um tom diferente. E creio que cinco homens, embora um deles seja bem jovem, provavelmente da sua idade. A voz não é tão grossa quanto ainda vai ser. Pode ser aquele seu amigo... Como ele se chama mesmo?”

“Ramon?”

“Isso. Acho que consigo ouvir a voz do Ramon. Ele parece rouco.”

“Sim, ele está com tosse. Tem tomado ervas para ver se melhora.”

Agora, lembrando-se disso, Matty perguntou ao amigo:

– Você participou da lamentação? A gente achou que ouviu a sua voz.
– Participei. Eles já tinham gente suficiente, mas, como estava lá, me deixaram participar. É claro que, com essa tosse, minha voz não saiu muito boa. Eu só fui porque queria ver o corpo. Nunca tinha visto um antes.

– É claro que já. A gente assistiu ao enterro do Cuidador de Rebanhos. E viu aquela garotinha que se afogou no rio ser tirada da água. Lembro que você estava lá.

– Quero dizer enroscado – explicou Ramon. – Já vi um monte de gente morta. Mas, até ontem à noite, nunca tinha visto alguém enroscado.

Matty também não. Apenas ouvira falar. O enroscamento era tão raro que as pessoas já haviam começado a tratá-lo como mito, algo que só acontecia no passado.

– Como é que é? Dizem que é horrível.

Ramon assentiu.

– E é mesmo. Como se os cipós o tivessem estrangulado. Pobre Catador... Ele agarrou os cipós para tentar se soltar, mas eles se enrolaram nas mãos também. Ele ficou enroscado da cabeça aos pés. A expressão em seu rosto era de dar medo. Os olhos estavam abertos, mas gravetos tinham entrado debaixo das pálpebras. E na boca também. Dava para ver algo enroscado na língua dele.

Matty sentiu um calafrio.

– Ele era tão legal... – falou enfim. – Sempre jogava frutinhas pra gente quando saía para catá-las. Eu abria a boca ao máximo e ele tentava acertar. Se eu conseguisse pegar uma com a boca, ele aplaudia e me dava outra.

– Para mim também. – Ramon parecia triste. – E a mulher dele acabou de ter filho. Disseram que foi por isso que ele entrou na Floresta. Queria contar à família dela sobre o bebê.

– Mas ele não sabia dos riscos? Não recebeu nenhum Alerta?

Ramon começou a tossir de repente, envergando-se, ofegante. Então se endireitou e deu de ombros.

– A mulher dele diz que não. Ele já tinha ido antes, quando o primeiro filho nasceu, e não teve problemas. Nenhum Alerta.

Matty pensou no assunto. Catador não devia ter se dado conta de qualquer Alerta. Às vezes, os primeiros eram quase imperceptíveis. Ele sentiu uma tristeza profunda pelo homem bondoso e alegre que fora tão brutalmente enroscado e deixara duas crianças órfãs. A Floresta sempre dava Alertas, Matty sabia que sim. Entrava nela com frequência e estava sempre atento. Se recebesse algum, por menor que fosse, nunca voltaria. O cego só entrara na Floresta uma vez, para ir ao seu vilarejo de origem quando precisara da sua sabedoria. Tinha retornado em segurança, mas houvera um pequeno Alerta no caminho de volta: uma picada repentina e dolorosa do que parecia um galho muito fino. Não conseguira vê-lo, obviamente, embora mais tarde tivesse dito que o havia sentido se aproximar, pressentindo-o com o tipo de conhecimento que fizera as pessoas lhe atribuírem o nome verdadeiro de Vidente. Matty, ainda criança na época, era seu guia; tinha visto o galho crescer, estender-se, afiar-se, mirar e atacar. Não restava dúvida. Fora um Alerta. O cego nunca mais poderia entrar na Floresta. O tempo disponível para voltar estava esgotado.

Matty, por sua vez, nunca fora alertado. Entrava repetidas vezes na Floresta, atravessava os caminhos, falava com as criaturas. Entendia que, por algum motivo, era especial para a Floresta. Havia anos seguia suas trilhas – seis anos, para ser exato. Na primeira vez, ainda era muito novo e acabara de abandonar o lar em que costumava ser maltratado.

– Nunca vou entrar lá – falou Ramon, decidido. – Não depois de ver o que aconteceu com Catador.

– Você não tem um lugar para onde gostaria de voltar – replicou Matty. – Nasceu aqui no Vilarejo. Aquilo só acontece com quem tenta voltar para um lugar de onde tenha saído.

– Como você, talvez.

– Como eu. Mas tomo cuidado.

– Prefiro não arriscar. A gente pode pescar aqui? – perguntou Ramon, mudando de assunto. – Não quero andar mais. Ultimamente, estou o tempo todo cansado. – Eles haviam contornado o milharal, chegando ao ponto gramado da margem do rio onde costumavam pescar juntos. – A gente pegou um monte de peixe aqui na última vez. Minha mãe preparou alguns para o jantar, mas eram tantos que depois fiquei beliscando os restos enquanto brincava com a Máquina de Jogos.

De novo a Máquina de Jogos. Ramon vivia falando nela. Matty havia decidido que o verdadeiro nome dele seria Falastrão, mas reconsiderou, concluindo que Convencido era mais apropriado. Ou Esnobe. Estava cansado de ouvir falar da Máquina de Jogos. E com um pouco de inveja também.

– Sim, aqui está bom – falou Matty.

Ele desceu a margem escorregadia até o local em que uma rocha se projetava em direção ao rio; era tão grande que dava para ficarem em pé nela. Os dois meninos escalaram a grande saliência e se acomodaram na beirada para preparar os equipamentos de pesca e jogar as linhas que fisingariam os salmões.

Atrás deles, o Vilarejo, calmo e pacífico, continuava tocando sua vida. Catador tinha sido enterrado naquela manhã. Com o filho mais velho brincando aos seus pés, a viúva amamentava o recém-nascido na varanda de casa, auxiliada por outras mulheres que a consolavam, sentadas ali com seus crochês e bordados e falando apenas de coisas alegres.

Na escola, Mentor orientava com carinho um menino travesso de 8 anos chamado Gabe, que havia negligenciado os estudos para brincar e agora precisava de ajuda. Sua filha, Jean, vendia buquês e pão fresco em sua barraca na praça do mercado, onde flertava às risadinhas com meninos encabulados e desajeitados que passavam por ali.

Vidente andava pelas ruas do Vilarejo conversando com as pessoas, interessado no bem-estar de cada uma delas. Ele sabia onde ficava cada cerca, cada encruzilhada; conhecia cada voz, cheiro e sombra daquele lugar. Se algo estivesse errado, faria tudo ao seu alcance para ajustar.

O jovem alto conhecido como Líder estava parado diante de uma janela, observando lá do alto o ritmo lento e alegre do Vilarejo, das pessoas que ele amava, que o haviam escolhido para governá-las e protegê-las. Ele chegara ali ainda criança, enfrentando uma viagem árdua. O Museu guardava o que restava

de um trenó quebrado em um mostruário de vidro, com uma inscrição que explicava que aquele fora o veículo que trouxera Líder. Havia várias relíquias desse tipo lá, pois cada pessoa que não tivesse nascido no Vilarejo tinha sua própria história de como chegara ali. A narrativa do cego também era contada: como o carregaram, à beira da morte, de um lugar em que seus inimigos o abandonaram, com os olhos arrancados e privado de um futuro em sua comunidade natal.

No Museu havia sapatos, bengalas, bicicletas e uma cadeira de rodas. Mas, de alguma forma, o pequeno trenó pintado de vermelho se tornara um símbolo de coragem e esperança. Líder era jovem, mas representava essas virtudes. Nunca tentara voltar atrás, nem mesmo tivera essa vontade. Aquele era o seu lar agora, aquele era o seu povo. Como em todas as tardes, ficou parado diante da janela, observando. Seus olhos eram de um azul claro e penetrante.

Sentiu-se grato ao ver o cego andando pelas ruas.

Conseguia ver a jovem que ninava um bebê na varanda de casa, de luto pelo marido. *Não se desespere*, pensou.

Além do milharal, via também os dois meninos chamados Matty e Ramon jogando as linhas de pesca no rio. *Boa pescaria*, desejou.

Via ainda o cemitério depois da praça do mercado, onde o corpo destroçado de Catador tinha sido enterrado. *Descanse em paz*.

Por fim, fitou os limites do Vilarejo, o local em que a trilha conduzia à Floresta e era engolida pelas sombras. Líder conseguia ver além das sombras, mas não sabia ao certo o que via. Estava tudo turvo, mas havia algo na Floresta que perturbava sua mente e o deixava aflito. Ele não conseguia saber se era bom ou ruim. Ainda não.



Nas profundezas da vegetação rasteira e espessa ao redor da clareira, na região que era a fonte da preocupação de Líder, um pequeno sapo verde comia um inseto que tinha apanhado com a língua ágil e pegajosa. Rente ao solo, movia os olhos protuberantes à sua volta, tentando encontrar mais insetos para devorar. Como não havia nenhum, saltitou para longe dali. Embora o sapo mal percebesse, uma de suas patas traseiras estava estranhamente rígida.

– Se a gente tivesse uma Máquina de Jogos – comentou Matty, tentando soar casual –, as noites seriam bem menos chatas.

– Você acha que nossas noites são chatas, Matty? Pensei que gostasse de quando lemos juntos. – Vidente riu, corrigindo-se em seguida: – Desculpe, quis dizer quando você lê e eu escuto. É minha hora preferida do dia.

Matty deu de ombros.

– Não, eu gosto de ler para você, Vidente. O que quero dizer é que não é *empolgante*.

– Bem, talvez devêssemos escolher um livro diferente. O último... não lembro mais o nome, Matty... era um pouco lento. *Moby Dick*. Isso.

– Eu até gostei. Mas era longo demais.

– Bem, peça algo que tenha um ritmo menos vagaroso na biblioteca.

– Já expliquei para você como funciona a Máquina de Jogos, Vidente? Ela é super-rápida.

O cego deu uma risada. Já ouvira aquilo várias vezes.

– Vá à horta e traga um pé de alface, Matty. Vou terminar de limpar o peixe. Depois você pode preparar a salada enquanto o peixe cozinha.

– *Além disso* – continuou Matty, em voz alta, seguindo para a horta, que ficava logo em frente à porta –, seria uma ótima maneira de terminar as refeições. Algo doce para comer. Tipo uma sobremesa. Já contei que a Máquina de Jogos dá um doce se você ganhar, né?

– Aproveite para ver se encontra algum tomate maduro enquanto apanha a alface. Um bem *doce* – sugeriu Vidente, em tom de brincadeira.

– Pode sair uma bala de hortelã, uma jujuba ou talvez algo que eles chamam de azeitinho.

Ele pegou um pequeno pé de alface que estava ao lado da escada dos fundos. Pensando melhor, apanhou também um pepino e arrancou algumas folhas de manjerição. De volta à cozinha, colocou os ingredientes da salada na pia e começou a lavá-los sem muito ânimo.

– O azeitinho vem em várias cores diferentes, e cada uma delas é um sabor – anunciou ele –, mas acho que você não está muito interessado em saber.

Matty suspirou e olhou ao redor. Embora soubesse que o velho não iria ver seu gesto, apontou para a parede mais próxima, que era decorada por uma tapeçaria colorida, um presente da talentosa filha do cego. Matty a contemplava frequentemente, analisando com atenção o bordado complexo que representava uma floresta grande e densa separando dois vilarejos. Era a geografia de sua própria vida, e a do cego também, pois os dois tinham ido de um lugar para outro, vencendo grandes dificuldades.

– A Máquina de Jogos poderia ficar bem aqui. Seria muito conveniente. *Extremamente* conveniente – acrescentou, sabendo que o cego gostava quando

ele exercitava o vocabulário.

Vidente foi até a pia, afastou para o lado a alface lavada e começou a enxaguar os filés de salmão limpos.

– E então nós desistiríamos de fazer coisas como ler, tocar e ouvir música, ou talvez até as negociássemos em troca da atividade *extremamente* empolgante de puxar uma alavanca e observar uma máquina cuspir guloseimas?

Vendo por esse ângulo, pensou Matty, a Máquina de Jogos não parecia uma troca tão boa assim.

– Bem, é divertido.

– Divertido – repetiu o cego. – O fogão já está pronto? E a panela?

Matty olhou para o fogão.

– Só um instante.

Ele ajeitou a lenha para aumentar o fogo. Então colocou a panela com óleo em cima.

– Eu faço o peixe se você fizer a salada. Peguei também um pouco de manjerição – acrescentou com um sorriso –, já que você é tão *perfeccionista* com saladas. Está bem ao lado da alface.

Ele observou as mãos ágeis de Vidente encontrarem o manjerição e rasgarem suas folhas, jogando-as na tigela de madeira.

Matty pegou o peixe e o depositou na panela, mexendo o óleo. No mesmo instante, o cheiro de salmão frito encheu o recinto.

Lá fora, a noite caía. O garoto ajustou o pavio de um lampião e o acendeu.

– Sabia que, quando você ganha um doce, um sino toca e luzes coloridas começam a piscar? – insistiu ele. – É claro que você não se importa com isso, mas tem alguém aqui que ficaria muito feliz se...

– Matty, Matty, Matty... Fique de olho no peixe. Ele cozinha rápido. Não toca nenhum sino quando fica pronto. E não esqueça que eles negociaram algo em troca daquela Máquina de Jogos. Ela provavelmente lhes custou caro.

Matty franziu a testa.

– Às vezes você ganha um doce de alcaçuz – argumentou ele pela última vez.

– Você sabe o que eles negociaram em troca? Ramon lhe contou?

– Não. Ninguém nunca conta essas coisas.

– Pode ser que ele nem saiba. Seus pais não devem ter lhe contado. Talvez seja melhor assim.

Matty tirou a panela do fogo e serviu o peixe alourado em dois pratos, um depois do outro. Colocou-os na mesa e trouxe a tigela de salada da cozinha.

– Está pronto.

Vidente pegou dois pedaços de pão grossos que, pelo cheiro, pareciam frescos.

– Eu comprei estes na praça do mercado hoje de manhã, da filha de Mentor. Aquela menina vai ser uma ótima esposa para alguém. Ela é tão bonita quanto a voz dela faz parecer?

Matty, no entanto, não estava disposto a ser distraído pela lembrança da bela filha do professor.

– Quando é a próxima Feira de Negócios? – perguntou quando já estavam os dois sentados.

- Você ainda é muito novo.
- Ouvi dizer que vai ter uma em breve.
- Não dê ouvidos ao que os outros dizem. Você ainda é muito jovem.
- Não vou ser jovem para sempre. Deveria ver como é.

O cego balançou a cabeça.

- Seria doloroso. Como o seu peixe agora, Matty, enquanto está quente.

O garoto cutucou o salmão com o garfo. Podia ver que o assunto estava encerrado. Vidente nunca negociara nada, nem uma só vez, e tinha orgulho disso. Mas Matty achava que um dia o faria. Talvez não por uma Máquina de Jogos. Mas havia outras coisas que queria. Devia poder saber como aquilo funcionava.

Decidiu que ia descobrir. Mas, primeiro, tinha aquela outra coisa com que se preocupar e a consciência angustiante de que não tomara coragem para contar ao cego a respeito dela.



Não havia segredos no Vilarejo. Era uma das regras propostas por Líder, e a votação a favor dela fora unânime. Todos os que chegaram ao Vilarejo de alguma outra parte, todos os que não tinham nascido ali, vinham de lugares repletos de segredos. De vez em quando – mas não com muita frequência, pois sempre era causa de tristeza –, essas pessoas descreviam suas comunidades de origem: com governos cruéis, punições severas, miséria total ou falsos confortos.

Havia muitíssimos lugares assim. Às vezes, ao ouvir essas histórias, Matty ficava impressionado. No começo, quando chegara ao Vilarejo, pensava que o que sofrera na infância – vivendo sem pai em um barraco, com uma mãe amarga e frustrada que batia nele e em seu irmão até sangrar – era incomum. Mas agora sabia que em toda parte, espalhadas pelos quatro cantos do mundo conhecido, existiam comunidades onde as pessoas sofriam. Nem sempre devido a surras ou à fome, como havia acontecido com ele, mas por causa da ignorância. Por *não saberem*. Porque eram privadas do conhecimento.

Matty acreditava em Líder e em sua insistência para que todos os habitantes do Vilarejo, até mesmo as crianças, lessem, aprendessem, fizessem sua parte e cuidassem uns dos outros. Por isso, Matty era estudioso e esforçado.

Mas, às vezes, recaía nos hábitos da vida anterior, em que precisara ser um menino ardiloso e dissimulado para sobreviver.

“É o que eu aprendi”, argumentava com o cego, emburrado, quando os dois começavam a viver juntos e ele fora flagrado cometendo alguma pequena transgressão. “*Num* consigo evitar.”

“*Não* consigo”, dissera o cego, corrigindo-o com delicadeza.

“*Não* consigo”, repetira Matty.

“Agora você está reaprendendo. Está aprendendo a ser honesto. Sinto muito por ter que puni-lo, Matty, mas o Vilarejo é um lugar de pessoas honestas e decentes, e quero que você seja um de nós.”

Matty baixara a cabeça.

“Então *ocê* vai me bater?”

“Não, sua punição vai ser não ter mais nenhuma lição hoje. Vai me ajudar na horta em vez de ir para a escola.”

No momento, aquela parecera uma punição ridícula para Matty. Afinal, quem queria ir à escola? Com certeza não ele!

Por outro lado, quando não ia às aulas e ouvia as outras crianças recitando e cantando na escola, sentia-se terrivelmente perdido. Aos poucos, começou a mudar de comportamento e a se tornar uma das crianças felizes do Vilarejo e logo seria um ótimo aluno. Agora, já quase adolescente e prestes a terminar a escola, era raro recair em seus velhos maus hábitos, e costumava se emendar sozinho quando isso acontecia.

Por tudo isso, Matty sentia-se muito incomodado por ter um segredo.

Líder havia convocado Matty para entregar mensagens.

O garoto gostava de ir à casa dele por causa da escada. Outras residências também tinham – embora Matty e o cego, não –, mas a de Líder era em espiral. O rapaz ficava fascinado e adorava subi-la e descê-la.

O segundo motivo eram os livros. Naturalmente, Líder não era o único a possuí-los e Matty tinha alguns da escola. Também pegava emprestado na biblioteca a fim de ler histórias para o cego à noite.

Mas a casa de Líder, que vivia sozinho, continha mais livros do que Matty já vira em um lugar só. Todo o térreo, exceto pela cozinha, era coberto de prateleiras e volumes de todos os tipos. Líder o deixava pegar e folhear qualquer um que quisesse. Havia ficções, é claro, como as da biblioteca. E livros de História, como os que estudava na escola, os melhores deles cheios de mapas que mostravam como o mundo mudara com o passar dos séculos. Alguns tinham páginas lustrosas com pinturas de paisagens diferentes de qualquer coisa que Matty tivesse visto na vida, de pessoas vestidas de um jeito estranho, de batalhas, de cenas serenas em que uma mulher segurava um bebê recém-nascido. Outros ainda eram escritos em línguas do passado e de outros lugares.

Certa vez, quando Matty abrira em uma página e apontara uma língua desconhecida, Líder dera uma risada irônica.

“Chama-se grego. Sei ler algumas palavras. Mas, no lugar onde passei a infância, não nos era permitido aprender essas coisas. Então, no meu tempo livre, peço que Mentor venha aqui me ajudar com as línguas. Mas...”, Líder suspirara. “Tenho tão pouco tempo livre... Talvez, na velhice, sente aqui para estudar. Acho que gostaria disso.”

Matty devolvera o livro ao seu lugar e passara a mão com cuidado pelas lombadas de couro dos que ficavam ao lado dele.

“Se não deixavam você aprender, por que deixaram você trazer os livros?”

Líder dera uma risada.

“Você já viu o pequeno trenó, não?”

“No Museu?”

“Sim. O veículo em que cheguei. Fizem tanto alarde por causa dele, é quase embaraçoso. Mas é verdade que vim naquele trenó. Um rapaz desesperado, à beira da morte. Sem nenhum livro! Eles foram trazidos para mim depois. Em toda a minha vida, nunca fiquei tão surpreso quanto no dia em que chegaram.”

Matty corra os olhos pelos milhares de volumes. Em seus próprios braços – e ele era forte – só poderia ter carregado no máximo doze de cada vez.

“Como foram trazidos para cá?”

“Pelo rio, em uma balsa. De repente, lá estavam elas: caixas de madeira enormes, todas cheias de livros. Até aquele dia, eu estava sempre com medo.

Um ano havia se passado. Depois dois. Mas eu ainda tinha medo; achava que eles viriam atrás de mim, que eu seria recapturado, condenado à morte, pois ninguém conseguira fugir da minha comunidade antes. Foi só após ver os livros que soube que as coisas tinham mudado, que eu estava livre, e que lá, no lugar de onde eu vim, procuravam se transformar em algo melhor. Acredito que os livros tenham sido uma espécie de pedido de perdão.”

“Então você poderia ter voltado”, dissera Matty. “Era tarde demais? A Floresta deu algum Alerta?”

“Não. Mas por que eu voltaria? Encontrei um lar aqui, como todos. É por isso que temos o Museu, Matty, para que nos lembremos de como viemos para cá, e por quê: para que recomeçemos e criemos um novo lugar a partir do que aprendemos e trouxemos dos locais antigos.”



Agora, Matty contemplava os livros, como sempre fazia na casa de Líder, mas não parou para tocá-los ou examiná-los. Tampouco admirou a escada, com seus degraus elaborados, de madeira talhada e envernizada, que subiam em espiral. Quando Líder o chamou – “Aqui em cima, Matty” –, ele subiu aos saltos para o segundo piso, adentrando o aposento espaçoso em que o homem vivia e trabalhava.

Ele estava sentado à escrivaninha. Ergueu os olhos dos papéis à sua frente e sorriu para Matty.

– Como foi a pescaria?

Matty deu de ombros e sorriu.

– Razoável. Peguei quatro ontem.

Líder largou a caneta e se recostou na cadeira.

– Deixe-me perguntar uma coisa, Matty. Você e seu amigo pescam bastante. E você já vem fazendo isso há um bom tempo, desde que chegou ainda criança ao Vilarejo. Não é verdade?

– Não lembro exatamente há quanto tempo. Eu era deste tamanho quando cheguei – respondeu Matty, erguendo a mão até a altura do segundo botão da própria camisa.

– Seis anos. Você chegou seis anos atrás. Portanto, vem pescando durante todo esse tempo.

Matty assentiu, mas ficou tenso. Estava desconfiado. Não demoraria muito para receber seu nome verdadeiro, pensou. Torcia para que não fosse *Pescador*! Era para isso que Líder o havia chamado?

Ele o encarou e começou a rir.

– Relaxe, Matty! Quando você fica assim, quase consigo ler seus pensamentos! Fique tranquilo. Foi só uma pergunta.

– Uma pergunta sobre pescaria. Eu só pesco para arranjar comida ou de brincadeira. Não quero que seja mais do que isso, está bem?

Matty gostava de Líder porque podia lhe falar o que quisesse, podia lhe dizer o que sentia.

– Eu entendo. Não se preocupe. Estava perguntando porque preciso de informações sobre o estoque de comida. Algumas pessoas disseram que há menos peixes do que costumava haver. Olhe aqui o que eu estava escrevendo.

Ele entregou um papel a Matty. Eram colunas de números, listas intituladas “Salmão” e “Truta”.

Matty leu os números e franziu a testa.

– Talvez seja verdade. Lembro que, no começo, eu conseguia tirar um monte de peixe do rio. Mas sabe de uma coisa, Líder?

– O quê?

O homem pegou o papel de volta e o largou sobre outros na mesa.

– Eu era pequeno na época. E talvez você não lembre, porque é mais velho do que eu...

Líder sorriu.

– Ainda sou jovem, Matty. Lembro como era ser menino.

Matty achou ter notado um breve lampejo de tristeza nos olhos de Líder, apesar do sorriso terno. Muitas pessoas no Vilarejo, inclusive Matty, tinham lembranças tristes da infância.

– O que quis dizer é que me lembro de todos aqueles peixes, da sensação de que nunca iriam acabar. Era como se eu pudesse jogar minha linha quantas vezes quisesse e sempre teria peixes. Agora, não é mais assim. Mas, Líder...

O homem o olhou, na expectativa.

– As coisas parecem *mais* quando você é pequeno. Elas parecem maiores; as distâncias, mais longas. Na primeira vez que atravessei a Floresta, achei que não fosse acabar nunca.

– São mesmo dias de viagem, Matty, de onde você saiu.

– É, eu sei. Ainda leva dias. Mas não parece mais tão longe ou tão demorado quanto antes. Porque, como sou mais velho, maior, e já fui e voltei tantas vezes, agora sei o caminho e não sinto mais medo. Então a viagem parece mais curta.

Líder tornou a rir.

– E os peixes?

– Bem, não parece ter tantos quanto antes – reconheceu Matty. – Mas talvez seja só porque eu era criança na época, quando os peixes pareciam não acabar mais.

Líder tamborilou com a ponta da caneta na mesa, pensativo.

– Pode ser – disse após um instante.

Ele se levantou. Em uma mesa no canto do escritório, apanhou uma pilha de papéis dobrados.

– Mensagens? – perguntou Matty.

– Sim, mensagens. Estou convocando uma assembleia.

– Sobre *peixes*?

– Não. Quem me dera fosse apenas sobre peixes... Seria fácil.

Matty pegou os papéis que deveria entregar. Antes de se virar em direção à escada para ir embora, ele não resistiu e falou:

– Pescar nunca é fácil. Você precisa usar a isca certa, saber aonde ir, então tem que puxar a linha no momento exato, senão o peixe pode escapar do anzol. Além disso, nem todo mundo sabe pescar direito e...

Enquanto se afastava dali, ainda conseguia ouvir as risadas de Líder ao longe.



Matty levou praticamente o dia inteiro para entregar todas as mensagens. Não era uma missão difícil. Ele preferia as mais complexas, na verdade, quando lhe davam comida, uma mochila e o enviavam para longas jornadas pela Floresta. Embora não fosse enviado para lá havia quase dois anos, gostava, em especial, das viagens que o levavam de volta ao antigo vilarejo, onde podia cumprimentar os amigos de infância com um sorriso um tanto superior e esnobar os que o tinham tratado com crueldade no passado. Sua mãe estava morta, segundo lhe disseram. O irmão continuava ali, e olhava para Matty com muito mais respeito do que antes, mas àquela altura eram apenas dois estranhos. A comunidade em que ele crescera estava muito mudada, como se fosse uma terra estrangeira, apesar de lhe parecer menos hostil do que em suas lembranças.

Agora, ele simplesmente andou de uma ponta à outra do Vilarejo, entregando o aviso da assembleia que aconteceria na semana seguinte. Depois de ler a mensagem, entendeu por que Líder o havia questionado sobre a quantidade de peixes, bem como por que lhe parecera tão preocupado e aflito.

Uma petição tinha sido redigida e assinada por um número considerável de pessoas, pedindo que o Vilarejo fosse fechado a forasteiros. Haveria um debate e uma votação sobre o assunto.

Não era a primeira vez que algo assim acontecia.

– Nós votamos contra essa medida um ano atrás – lembrou o cego a Matty quando a mensagem foi lida para ele. – Deve haver um movimento mais forte agora.

– Ainda há muitos peixes, e as plantações estão rendendo boas colheitas.

Vidente amassou o papel e o jogou no fogo.

– Não é por causa dos peixes ou das colheitas. Esse será o argumento que usarão, é claro. Eles mencionaram a escassez de alimentos da última vez. É uma questão de...

– Falta de casas para abrigar as pessoas?

– É mais do que isso. Não consigo encontrar a palavra certa. Egoísmo, creio eu. Está se infiltrando aqui.

Matty ficou espantado. O Vilarejo fora criado com base no oposto: altruísmo. Ele sabia disso por conta dos estudos e das histórias que ouvia. Todos sabiam.

– Mas a mensagem, que eu poderia reler agora se você não tivesse queimado, dizia que Mentor é o líder do grupo que quer fechar a fronteira! O professor da escola!

O cego suspirou.

– Dê uma mexida na sopa, ok, Matty?

Obediente, o garoto mexeu a concha de madeira na panela e observou os feijões e tomates picados se agitarem no caldo grosso que fervia. Ainda pensando no professor, acrescentou:

– Ele não é egoísta!

- Eu sei que não. É por isso que é tão intrigante.
- Mentor recebe todos de braços abertos na escola, até os recém-chegados que não têm estudo nenhum, que nem sabem falar direito.
- Como você, quando chegou – observou o cego com um sorriso. – Não deve ter sido fácil, mas ele ensinou você.
- Ele teve que me domar antes – admitiu Matty, também sorrindo. – Eu era selvagem, não era?

Vidente assentiu.

- Era. Mas Mentor adora ensinar aqueles que mais precisam.
 - Por que ele iria querer fechar a fronteira?
 - Matty?
 - Que foi?
 - Você sabe se Mentor negociou?
- Matty parou para pensar.
- A gente está de férias da escola, então não o vejo com muita frequência. Mas vou à casa dele de vez em quando. – Matty não mencionou Jean, a filha do professor viúvo. – Não notei nada de diferente. Nenhuma Máquina de Jogos – acrescentou, rindo um pouco.

Mas o cego não o acompanhou. Ficou pensativo por um instante. Então falou com uma voz preocupada:

- É muito mais do que uma simples Máquina de Jogos.

– A filha do professor disse que a cachorra dela teve três filhotes. Se eu quiser, vou poder ficar com um quando ele crescer o suficiente.

– Não foi ela quem lhe prometeu um beijo? Agora um cachorro também? Eu me contentaria com o beijo se fosse você, Matty.

O cego sorriu, arrancando uma beterraba da terra e colocando-a no cesto de legumes. Eles estavam juntos na horta.

– Sinto falta do meu cachorro. Ele não dava nenhum trabalho.

Matty olhou para o canto do terreno, além da horta, em direção ao pequeno túmulo em que Toquinho fora enterrado dois anos antes.

– Tem razão, Matty. Seu cãozinho foi um bom companheiro durante muitos anos. Seria divertido ter um filhote pela casa – concordou Vidente com ternura.

– Eu poderia treinar um cachorro para guiar você.

– Não preciso de um cão-guia. Você consegue treinar um cachorro para cozinhar?

– Qualquer coisa menos beterrabas – falou Matty, fazendo uma careta enquanto jogava mais uma no cesto.



Quando foi à casa do professor naquela tarde, Matty encontrou Jean transtornada.

– Dois morreram ontem à noite. Eles ficaram doentes. Agora só sobrou um filhote, que está mal, e a mãe também.

– O que você fez para cuidar deles?

Jean balançou a cabeça, desamparada.

– O mesmo que faria para mim ou para o meu pai: infusão de casca de salgueiro-branco. Mas o cãozinho é muito pequeno para beber e a mãe está doente demais. Ela lambeu um pouco, mas depois simplesmente repousou a cabeça.

– Posso ver os dois?

Jean o levou pela casa pequena e, embora estivesse preocupado com os cachorros, Matty se pegou olhando ao redor, lembrando-se do que o cego tinha perguntado. Notou a mobília sólida, bem-arranjada, e as estantes cheias dos livros de Mentor. Na cozinha, as assadeiras de Jean estavam à vista, bem como as tigelas em que ela preparava a massa, com a qual faria seus pães deliciosos.

Não viu nada que parecesse ter sido negociado. Nenhuma bobagem como uma Máquina de Jogos, nenhum capricho como o sofá acolchoado de franjas o qual um jovem e tolo casal que morava mais à frente na rua negociara.

Matty sabia haver outros tipos de negócios, e claro, embora não os entendesse muito bem. Tinha ouvido boatos a respeito deles. Negócios que envolviam coisas invisíveis. Esses eram os mais perigosos.

– Eles estão aqui.

Jean abriu a porta do barraco que servia de despensa, contíguo à casa, atrás da cozinha. Matty entrou e se ajoelhou ao lado da cadela que dera à luz, agora deitada sobre um cobertor dobrado. Exceto pela barriguinha que se mexia com a respiração dificultosa, o filhote minúsculo estava imóvel, deitado na curva do ventre dela, como qualquer outro faria. Mas um cãozinho saudável estaria se contorcendo e mamando. Aquele ali deveria estar ordenhando a mãe com as patas para beber seu leite.

Matty sabia como eram os cachorros. Ele os adorava. Com cuidado, tocou o filhote com o dedo. Então, com um sobressalto, recolheu a mão. Tinha sentido uma dor repentina.

Estranhamente, ela o fez pensar em um relâmpago.

Lembrou-se de como tinha sido instruído, quando ainda era bem pequeno em seu vilarejo natal, a não sair de casa durante uma tempestade com raios e trovões. Já vira uma árvore ser partida em duas e carbonizada por um raio, e sabia o que poderia acontecer com um ser humano: a luz e a energia flamejante atravessariam o seu corpo, procurando um caminho para entrar na terra.

Já havia observado pela janela grandes lampejos candentes rasgarem o céu e sentira o cheiro sulfuroso que às vezes deixavam.

Certa vez, um fazendeiro do Vilarejo ficara no campo ao lado do seu arado enquanto as nuvens carregadas se juntavam no céu, na esperança de que a tempestade fosse soprada para longe dali. Um relâmpago o atingiu em cheio e, embora tivesse sobrevivido, o homem perdeu a memória, exceto pela sensação da potência bruta que o invadira naquele fim de tarde. As pessoas cuidavam dele agora. Apesar de ainda ajudar com as tarefas da fazenda, seu ânimo desaparecera, levado embora pela força misteriosa que existia nos raios.

Era isso que Matty tinha sentido na clareira – uma energia pulsante, como se ele tivesse um relâmpago dentro de si –, em um dia ensolarado, sem nenhuma tempestade se formando por perto.

Tentara apagar da mente o ocorrido, afastando qualquer pensamento sobre esse dia, pois era algo que lhe dava medo e constituía um segredo. Mas, enquanto recolhia a mão, Matty soube que era hora de fazer um teste outra vez.

– Onde está o seu pai? – perguntou a Jean. Não queria que ninguém visse aquilo.

– Ele tinha uma reunião. Está sabendo sobre a petição?

Matty assentiu. Ótimo. O professor não estava por ali.

– Acho que ele nem se importa com a reunião, na verdade. Só quer ver a viúva do Cuidador de Rebanhos. Ele está cortejando a mulher – revelou Jean, com um tom de divertimento terno. – Consegue imaginar? Cortejar alguém, na idade dele?

Matty queria que a garota soubesse dali. Teve uma ideia.

– Preciso que você vá ao Herborista. Traga milefólio.

– Tenho milefólio no jardim! Bem ao lado da porta! – respondeu Jean.

Mas ele não precisava da erva, na verdade. Só queria que ela fosse embora. Matty pensou rápido.

– Hortelã? Erva-cidreira? Erva-dos-gatos? Você tem tudo isso?

Ela balançou a cabeça.

– Não tenho erva-dos-gatos. Se os gatos fossem atraídos para o meu jardim, a cadela faria um escarcêu danado. Não faria, minha pobrezinha? – disse ela, afetuosa, agachando-se para murmurar no ouvido do animal moribundo.

Acariciou as costas da cachorra, que nem ergueu a cabeça. Seus olhos começavam a ficar vidrados.

– Vá – falou Matty, em tom de urgência. – Traga o que eu pedi.

– Acha mesmo que vai ajudar? – perguntou Jean, desconfiada.

Ela tirou a mão da cadela e se levantou, mas não partiu.

– *Anda logo!* – ordenou Matty.

– Não precisa apelar para a grosseria – falou Jean, com um quê de irritação na voz.

Contudo, deu-lhe as costas com um giro da saia e foi embora. Mal ouviu o som da porta se fechando, Matty se preparou para suportar a dolorosa onda de choque que sabia estar prestes a atravessar todo o seu corpo. Pousou a mão esquerda na cadela, a direita no filhote e instou-os a voltar à vida.



Uma hora depois, Matty cambaleava de volta para casa, exausto. Na casa de Mentor, Jean alimentava a cadela e ria das travessuras do filhotinho cheio de energia.

“Quem poderia imaginar que aquela combinação de ervas daria certo? Não é incrível!?”, exclamara ela, maravilhada ao ver mãe e filhote revitalizados.

“Foi pura sorte.”

Matty deixou Jean acreditar que tinham sido as ervas. Distraída pela vivacidade repentina dos cães, ela nem notou o abatimento do amigo. Sentado contra a parede do barraco, ele a observava cuidar dos animais, mas sua visão estava um pouco embaçada e o corpo inteiro doía.

Quando recobrou um pouco as forças, forçou-se a ficar de pé e ir embora. Por sorte, não havia ninguém em casa: o cego saíra. Matty sentiu-se grato por isso. Vidente teria notado que havia algo de errado; ele sempre sentia. Dizia que a atmosfera na casa se alterava, como se o vento tivesse mudado de direção, mesmo que Matty estivesse apenas gripado.

E aquilo era muito mais do que uma gripe. Ele se arrastou até o quarto ao lado da cozinha e se deitou na cama, com a respiração pesada. Matty nunca tinha se sentido tão fraco, tão esgotado. Exceto no episódio com o sapo...

O sapo era menor, pensou. Mas se tratava da mesma situação.

Ele havia topado com o pequeno anfíbio por acaso, na clareira. Não tinha motivo para estar lá naquele dia; queria apenas ficar sozinho, longe da agitação do Vilarejo, e fora até a Floresta, como fazia às vezes.

Descalço, levou um susto ao pisar no sapo.

“Desculpe!”, exclamara, bem-humorado, apanhando o animal do chão. “Você está bem? Devia ter saltado para longe quando me ouviu chegando.”

Mas o sapo não estava bem e não poderia ter escapado saltando. Logo ficou óbvio que não tinha sido o passo leve de Matty que o machucara. Algum outro bicho – provavelmente uma raposa ou uma doninha – atacara a criaturinha verde, que estava à beira da morte. Uma perna se achava pendurada, sustentada apenas por um pedaço rasgado e sangrento de tecido. Em sua mão, o sapo inspirava, trêmulo, e então se imobilizou.

“Alguém mastigou você e cuspiu fora”, falou Matty.

Estava compadecido do animal, mas não abalado. Assim era o cotidiano das criaturas da Floresta: uma vida dura com uma morte rápida.

“Bem, vou lhe dar um enterro digno.”

Ele se ajoelhou para cavar com as mãos um buraco na terra coberta de limo. Mas, ao tentar largar o pequeno animal, percebeu que estava conectado a ele de uma maneira que não fazia sentido. Uma espécie de poder doloroso emanava de sua mão, fluindo para o sapo e mantendo-os unidos.

Confuso e alarmado, tentou arrancar o corpo grudento da mão. Mas não conseguiu. Os dois estavam ligados pela dor vibrante. Então, passado um instante, enquanto Matty permanecia ajoelhado, ainda perplexo, o sapo estremeceu.

“Ah, você não está morto. Desgrude de mim, então.”

Por fim, ele conseguiu largar o anfíbio no chão. A dor penetrante diminuiu.

“O que foi isso?”, Matty se viu falando com o sapo, como se ele pudesse responder. “Achei que você estivesse morto. Só que vai perder essa perna. E seus dias de saltitar por aí acabaram. Sinto muito.”

Matty se levantou e olhou para o sapo impassível. *Brebt-brebt*, fez ele.

“Sim. Concorde. Desejo o mesmo a você.”

Matty se virou para ir embora.

Brebt-brebt.

O som o instigou a voltar e se ajoelhar outra vez.

Os olhos arregalados do sapo, mortiços e apagados pouco antes, agora estavam límpidos e alertas. Ele encarava Matty.

“Olha, vou colocar você ali naquelas moitas, porque, se ficar desprotegido aqui, alguma criatura vai aparecer para pegá-lo. Você está em grande desvantagem agora que não pode mais saltar para fugir. Precisa aprender a se esconder.”

Ele apanhou o sapo e o carregou até as moitas altas e cerradas.

“Se eu estivesse com minha faca, provavelmente cortaria esses fiapos que estão segurando a sua perna. Talvez você fosse sarar mais rápido assim. Do jeito que está, arrastar essa perna para lá e para cá vai ser terrível. Mas não posso fazer nada.”

Matty se agachou para soltar a criatura, ainda pensando em qual seria a melhor maneira de ajudá-la.

“Talvez eu possa encontrar uma pedra afiada para cortar isto. É só um pedacinho de carne e acho que você nem sentiria dor. Não saia daqui”, ordenou Matty, depositando o sapo na terra ao lado das moitas.

Como se ele pudesse, pensou.

À beira do córrego que havia cruzado, Matty encontrou a ferramenta de que precisava: um pedaço de rocha pontiagudo. Ele o levou até onde o sapo estava, imobilizado por conta da lesão.

“Agora, não tenha medo. Vou esticar um pouco você e depois cortar a perna fora com muito cuidado. Vai ser melhor assim.”

Ele virou o sapo de costas e tocou a perna destroçada, tentando posicioná-la de maneira que a amputação pudesse ser simples e rápida. Precisava cortar apenas algumas poucas tiras pegajosas de carne.

Mas então uma descarga dolorosa de energia irradiou por seu braço, concentrando-se nas pontas dos dedos. Matty não conseguia se mover. Enquanto segurava a perna quase arrancada do sapo, sentia o próprio sangue correr pelos vasos dela. Consequia ouvir o latejar da própria pulsação.

Apavorado, prendeu a respiração pelo que pareceu uma eternidade. Então tudo parou. A coisa que havia acontecido chegou ao fim. Titubeante, retirou a mão do sapo ferido.

Brebt-brebt.

Brebt-brebt.

“Vou dar o fora daqui. Não sei o que aconteceu, mas vou dar o fora daqui.”

Matty largou a pedra afiada e tentou se levantar, mas seus joelhos estavam fracos e ele se sentia zozzo e nauseado. Ainda ajoelhado ao lado do sapo, respirou fundo algumas vezes, tentando recuperar as forças para poder fugir dali.

Brebt-brebt.

“Pare. Não quero ouvir isto.”

Como se tivesse entendido o que Matty dissera, o sapo se virou de barriga para baixo e seguiu em direção às moitas. Mas não arrastava uma perna inútil. As duas se moviam, desajeitadamente, sem dúvida, mas o sapo se impulsionava com ambas. Ele desapareceu em meio à vegetação rasteira.

Passado um instante, Matty conseguiu se levantar. Exausto, saiu da Floresta e se arrastou de volta para casa.



Agora, deitado na cama, sentia o mesmo esgotamento, mas amplificado. Seus braços doíam. Matty refletiu sobre o ocorrido. *O sapo era muito pequeno. Desta vez, foram dois cachorros.*

Eles eram maiores.

Preciso aprender a controlar isto.

Então, para sua surpresa, começou a chorar. Matty tinha um orgulho infantil, de menino, do fato de nunca chorar. Mas chorou agora, e era como se estivesse sendo lavado pelas lágrimas, que escorriam pela face, como se o seu corpo precisasse se esvaziar.

Por fim, tremendo de cansaço, secou os olhos, virou-se de lado e adormeceu, embora ainda fosse meio-dia. O sol estava a pino sobre o Vilarejo. Matty teve sonhos vagos e assustadores relacionados à dor, o corpo ainda tenso mesmo

durante o sono. Então o sonho mudou. Seus músculos relaxaram e ele ficou sereno. Sonhava agora com feridas curadas, vida nova e tranquilidade.

– Está chegando gente nova. E tem uma garota bonita no meio deles!

Ramon chamou Matty, mas não parou. Ele estava andando depressa, louco para chegar à entrada do Vilarejo. Havia uma placa de boas-vindas ali, embora muitos dos forasteiros não soubessem ler. Matty tinha sido um desses. A palavra bem-vindos não significara nada para ele naquele momento.

“Eu vi a placa, mas não sabia ler”, dissera para Vidente certa vez. “E você até saberia, mas não pôde vê-la.”

“Que bela dupla nós formamos, não? Não é de espantar que nos demos tão bem.” O cego achara graça daquilo.

– Posso ir? Já quase acabei por aqui – perguntou agora Matty.

Ele e o cego estavam limpando a horta, arrancando as últimas ervilhas que haviam crescido demais. Fazia tempo que a temporada delas tinha passado. Logo o verão chegaria ao fim. Em breve começariam a fazer estoque de tubérculos.

– Pode, claro. Eu também vou. É importante darmos as boas-vindas a eles.

Os dois se apressaram a limpar as mãos sujas e saíram da horta, fechando o portão e seguindo pelo mesmo caminho pelo qual Ramon passara. A entrada do Vilarejo não ficava longe e os forasteiros estavam reunidos ali. No passado, costumavam surgir sozinhos ou aos pares, mas agora pareciam vir em grupos: em geral, famílias inteiras cansadas, pois haviam cruzado longas distâncias, e assustadas, pois tinham deixado situações terríveis para trás e suas fugas eram muitas vezes perigosas e apavorantes. Mas os recém-chegados sempre pareciam esperançosos, e claramente aliviados por serem recebidos com sorrisos. O povo do Vilarejo se orgulhava de dar boas-vindas e muitos chegavam a abandonar seus trabalhos para participar.

Era comum que os forasteiros tivessem um problema. Alguns precisavam de bengalas para andar ou estavam doentes. Às vezes, tinham sido desfigurados por ferimentos ou simplesmente nasceram dessa forma. Outros eram órfãos. Todos, no entanto, recebiam as boas-vindas.

Matty se juntou ao numeroso grupo reunido em semicírculo e abriu um sorriso encorajador para os recém-chegados. Enquanto isso, o comitê de boas-vindas anotava os nomes um a um e os encaminhava para os ajudantes, que os levariam para suas casas e os ajudariam a se instalar. Ele achou ter visto a menina de que Ramon falara, magra, mas muito bonita, mais ou menos da idade dos dois. Seu rosto estava sujo, os cabelos desgrehados. Ela segurava a mão de uma criança mais nova cujos olhos estavam cobertos de um muco amarelo; era uma doença comum nos mais jovens, facilmente curada com um preparado de ervas. Matty notou que a menina se preocupava com a criança e tentou sorrir de maneira tranquilizadora.

Havia mais forasteiros do que o normal dessa vez.

– É um grupo grande – sussurrou para o cego.

– Sim, consigo ouvir que é. Pergunto-me se eles já terão começado a ouvir boatos de que talvez fechemos nossas fronteiras.

Assim que Vidente terminou de falar, os dois ouviram algo e se viraram na direção do som. Um grupo de pessoas lideradas por Mentor se aproximava da entrada, onde o trabalhoso registro dos recém-chegados continuava. Elas entoavam: “Fechem as fronteiras. Fechem as fronteiras. Basta! Basta!”

O comitê de boas-vindas não sabia bem como reagir. Continuaram a sorrir para os forasteiros e a estender as mãos para eles. Mas o coro deixava todos constrangidos.

Finalmente, Líder apareceu em meio à confusão. Pelo jeito, haviam mandado alguém chamá-lo. A multidão se separou para lhe dar passagem e o grupo que protestava se calou.

A voz de Líder soava calma como sempre. Ele se dirigiu primeiro aos recém-chegados, dando-lhes boas-vindas. Normalmente, teria feito isso mais tarde, depois que já estivessem alimentados e instalados. Mas decidira tranquilizá-los logo com algumas breves palavras.

– Todos fomos forasteiros em algum momento – disse, com um sorriso –, com exceção dos mais jovens, que nasceram aqui. Nós sabemos o que vocês passaram. Não sentirão mais fome. Não terão mais que viver sob o domínio de governos injustos. Não serão mais perseguidos. É uma honra para nós recebê-los entre nós. Bem-vindos ao seu novo lar. Bem-vindos ao Vilarejo.

Ele se voltou para o comitê de recepção e disse:

– Façam o registro mais tarde. Eles estão cansados. Leve-os às casas para que possam tomar banho e comer. Deixe-os descansarem um pouco.

Os membros do comitê cercaram os forasteiros e os levaram dali. Então Líder se voltou para os que continuavam no local.

– Obrigado àqueles que vieram dar boas-vindas. Esta é uma das coisas mais importantes que fazemos aqui no Vilarejo.

Ele olhou para o pequeno grupo de descontentes.

– Quanto a vocês que discordam... Têm todo o direito, como bem sabem. O direito de discordar é uma das liberdades mais preciosas que temos aqui. Mas a reunião será daqui a quatro dias. Permitam-me sugerir que, em vez de deixarmos estes forasteiros preocupados e assustados, pois acabaram de chegar, estão cansados e confusos, esperemos para ver o que será decidido. Tenho certeza que mesmo aqueles entre vocês que desejam que o Vilarejo seja fechado para forasteiros valorizam a paz e a caridade que sempre adotamos aqui. Mentor, você parece estar liderando este movimento. O que me diz?

Matty se virou na direção do professor, que era tão importante para ele. Mentor refletia sobre o assunto. O garoto estava acostumado a vê-lo imerso em pensamentos, pois isso fazia parte de seu comportamento em sala de aula. Ele sempre ponderava cada questão com cuidado, mesmo que fosse uma pergunta tola do aluno mais jovem.

Que estranho, pensou Matty. A marca de nascença no rosto de Mentor parecia mais clara. Em geral, era de um vermelho vivo. Agora, se mostrava apenas rosada, como se estivesse desaparecendo. Mas era fim de verão.

Provavelmente, a pele do professor estava queimada de sol, como a do próprio Matty, tornando a marca menos visível.

Ainda assim, ele ficou aflito. Havia *outra coisa* diferente em Mentor. Não sabia bem o quê. Será que era porque Mentor parecia um pouco mais *alto*? Isso seria muito esquisito. Mas o professor sempre tinha andado um pouco encurvado, com os ombros caídos para a frente. As pessoas diziam que envelhecera a olhos vistos depois da morte da amada esposa, quando Jean ainda era muito pequena – tudo obra da tristeza.

Mas agora ele estava empertigado, com os ombros para trás. Assim, apenas *parecia* mais alto, convenceu-se Matty, aliviado. Era só uma mudança de postura.

– Sim – falou Mentor para Líder –, vejamos o que será decidido na reunião.

Sua voz soava diferente, notou Matty.

Ele viu que Líder também estava intrigado por perceber algo de estranho. Mas todos já se viravam para ir embora, a multidão se dispersava à medida que as pessoas retornavam aos seus afazeres cotidianos. Matty correu para alcançar o cego, que seguia de volta para casa pelo caminho habitual.

Mas então ouviu alguém anunciar atrás dele:

– Não se esqueçam! Feira de Negócios amanhã à noite!

A Feira de Negócios. Por conta das outras preocupações que consumiam seus pensamentos, Matty quase se esquecera dela.

Agora, decidiu que iria até lá.



A Feira de Negócios era uma tradição muito antiga. Ninguém se lembrava de quando havia começado. Vidente ouvira falar dela pela primeira vez assim que chegara ao Vilarejo, ainda inválido e ferido. Deitado em um leito da enfermaria, com dor e cego, entreouviu as conversas das pessoas bondosas que cuidavam dele enquanto sua memória retornava lentamente.

“Você foi à última Feira de Negócios?”, escutara uma pessoa perguntar à outra.

“Não, não tenho nada para negociar. E você?”

“Fui para assistir. Me pareceu uma grande bobagem.”

Então ele não pensara mais naquilo. Também não tinha nada para negociar. Não possuía nada. Haviām tirado as roupas rasgadas e sujas de sangue do seu corpo e as substituíram por outras. Uma espécie de amuleto pendia de um cordão em seu pescoço, porém, por mais que sentisse que ele era importante, não conseguia se lembrar por quê. Certamente não o trocaria por nenhuma inquietude; era tudo o que restava do passado.

O cego descrevera tudo isso para Matty.

“Mais tarde eu fui, só para ver”, comentou ele.

Matty riu ao ouvir isso. Tinha liberdade para tanto, pois já eram íntimos àquela altura.

“Ver?”, zombou.

O cego também riu.

“Tenho meu próprio tipo de visão.”

“Eu sei que tem. É por isso que o chamam de Vidente. Você enxerga mais do que a maioria das pessoas. Qualquer um pode assistir à Feira de Negócios?”

“Claro. Não há segredos aqui. Mas foi uma chatice, Matty. As pessoas diziam o que queriam em troca do que tinham para negociar. Lembro que as mulheres desejavam braceletes novos, então ofereciam os velhos. Esse tipo de coisa.”

“Então é como o Dia do Mercado.”

“Foi o que me pareceu. Nunca mais voltei.”

Agora, falando sobre o assunto na noite da chegada dos forasteiros, o cego se mostrou preocupado.

– Está tudo diferente, Matty. Quando ouço as pessoas falarem no assunto, consigo notar a mudança. Há algo de errado.

– O que tem de diferente no que elas falam?

Vidente estava sentado com seu instrumento no colo. Tocou um acorde. Então franziu o rosto.

– Não sei bem. É como se guardassem algum segredo.

– Criei coragem e perguntei a Ramon o que os pais dele negociaram em troca da Máquina de Jogos. Mas ele não sabia. Disse que não quiseram contar e que a mãe se esquivou quando ele perguntou, como se tivesse algo a esconder.

– Isso não me soa bem – disse o cego, acariciando as cordas e tocando mais dois acordes.

– A música? – perguntou Matty, com uma risada, tentando aliviar a tensão da conversa.

– Algo está acontecendo na Feira de Negócios – respondeu Vidente, ignorando a tentativa de Matty de fazer graça.

– Líder disse a mesma coisa.

– Sim, ele saberia. Eu tomaria cuidado se fosse você, Matty.

Na noite seguinte, enquanto preparavam o jantar, o garoto disse ao cego que planejava ir.

– Sei que você falou que sou jovem demais, Vidente. Mas não é verdade. Ramon vai. E talvez seja importante eu ir também. Talvez possa descobrir o que está acontecendo.

Vidente suspirou e assentiu.

– Só me prometa uma coisa.

– Pode falar.

– Não faça nenhum negócio. Observe e ouça. Mas não faça nenhum negócio. Mesmo que se sinta tentado a fazer.

– Prometo. – Então Matty riu. – Como eu faria? Não tenho nada para negociar. O que poderia oferecer em troca de uma Máquina de Jogos? Um câozinho novo demais para ser tirado da mãe? Quem iria querer isso?

O cego mexeu o frango que cozinhava em seu próprio caldo.

– Ah, Matty, você tem mais do que imagina... E as pessoas vão querer o que você tem.

O garoto refletiu sobre aquilo. Vidente estava certo, é claro. Matty tinha aquilo que tanto o perturbava – o *poder*, como o chamava em seus pensamentos

–, e talvez houvesse pessoas que o quisessem para si. Talvez devesse encontrar uma maneira de negociá-lo. Mas a ideia o deixava apreensivo. Ele voltou sua mente para outras questões menos preocupantes.

Tinha uma vara de pescar, mas precisava dela e a adorava. Tinha também uma pipa guardada no sótão, e talvez um dia pudesse trocá-la por uma melhor.

Mas não naquela noite. Agora, iria apenas observar. Ele havia prometido a Vidente.

Era o início da noite, logo depois do jantar, e Matty seguia às pressas pela rua com outras pessoas até o local da Feira de Negócios. Meneava a cabeça para os vizinhos ao passar por eles e acenava para os que via mais adiante. As pessoas retribuía o cumprimento, mas não se ouvia o falatório alegre característico do Vilarejo. Havia em todos um quê de obstinação, uma seriedade estranha; pairava no ar um clima de apreensão, incomum ali.

É por isso que Vidente queria me impedir, pensou Matty enquanto se aproximava do local. Tem algo errado aqui.

Ele ouvia o som ao redor. Um burburinho. Cochichos. Não era nada parecido com o Dia do Mercado, com o barulho de risadas, bate-papo e comércio: barganhas amigáveis, porcos guinchando, o cacarejar maternal das galinhas com seus pintinhos chilreantes. Agora, o que se escutava era um zumbido grave, um sussurro ansioso que se espalhava pela multidão.

Matty se juntou ao grupo que estava mais próximo do palanque, uma estrutura de madeira simples, como um palco, usada para várias ocasiões em que as pessoas se reuniam. Seria ali também a assembleia para debater sobre o fechamento das fronteiras, e Líder subiria ao tablado para presidir a sessão e manter a ordem.

Um grande telhado de madeira cobria a área para proteger os participantes em caso de chuva e, nos meses de frio, painéis laterais podiam ser deslizados para cercá-la. Naquela noite, entretanto, com o clima ainda quente, o espaço estava aberto. Uma brisa agitava os cabelos de Matty. Ele sentia o aroma do bosque de pinheiros que rodeava o local.

Encontrou um lugar ao lado de Mentor, na esperança de que Jean fosse se juntar ao pai, embora não a visse por ali. O professor baixou os olhos para ele e abriu um sorriso.

– Matty! Não esperava vê-lo aqui. É a primeira vez que aparece, não?

– É, não tenho nada para negociar.

Mentor passou o braço pelos ombros de Matty com afeto, e o garoto notou pela primeira vez que o professor tinha emagrecido.

– Ah, você ficaria surpreso... Todos têm algo para negociar.

– Jean tem as flores dela – falou Matty, tentando desviar o assunto para a filha de Mentor. – Mas ela leva para sua barraca no mercado. Não precisa da Feira de Negócios. Além disso, ela prometeu que me daria o cãozinho. Espero que não o negocie.

Mentor riu.

– Não, o cãozinho é seu, Matty. E quanto antes melhor. Ele é muito levado: hoje de manhã mesmo estava roendo meus sapatos.

Por um instante, era como se nada houvesse mudado. Mentor estava sendo carinhoso e alegre, o mesmo professor e pai amoroso que tinha sido por anos a

fiu. Seu braço em volta dos ombros de Matty era bem familiar.

Mas, de repente, ele se perguntou o que Mentor fazia ali. Na verdade, o que *todas* aquelas pessoas faziam ali. Ninguém havia trazido nenhuma mercadoria para negociar. Olhou à sua volta para confirmar a suspeita. Estavam todos tensos. Alguns murmuravam entre si. Matty notou o casal que morava na sua rua. Eles conversavam em voz baixa, talvez discutindo, e a jovem esposa parecia preocupada com o que o marido dizia. Mas suas mãos, como as de todos ali, estavam vazias. Ninguém tinha nada para negociar.

Um silêncio caiu sobre o espaço e a multidão abriu passagem para um homem alto, de cabelos negros, que ia em direção ao palanque. Seu nome era Negociador. Dizia-se que ele chegara como um forasteiro alguns anos antes, já com esse nome, e trouxera consigo o que sabia sobre transações do lugar de onde viera. Matty costumava vê-lo pelo Vilarejo e sabia que ele comandava a Feira de Negócios. Depois, o homem conferia o andamento das trocas, batendo à porta dos envolvidos. Tinha ido à casa de Ramon após a aquisição da Máquina de Jogos. Naquela noite, carregava apenas um livro grosso que o garoto nunca vira antes.

Mentor tirou o braço dos ombros de Matty e voltou avidamente sua atenção para o palanque, onde Negociador estava agora.

– *Está aberta a Feira de Negócios* – proclamou o homem.

Sua voz era alta e ele tinha um ligeiro sotaque, como muitos no Vilarejo, que ainda traziam consigo resquícios de suas antigas línguas. Agora, o silêncio na multidão era completo. Não se ouvia o menor sussurro. Matty escutou, no entanto, uma mulher começar a chorar à beira da aglomeração. Ele se colocou na ponta dos pés e olhou em sua direção a tempo de ver várias pessoas afastando-a dali.

Mentor nem se voltou para a comoção. Matty o observou. O rosto dele parecia um pouco diferente, mas não conseguia identificar em quê – a luz do crepúsculo era muito fraca.

Além disso, o professor, geralmente tão calmo, agora estava tenso, alerta, e parecia à espera de algo.

– Quem será o primeiro? – perguntou Negociador.

Enquanto Matty o observava, Mentor ergueu a mão e pôs-se a acenar freneticamente, como uma criança ansiosa para receber um prêmio na escola.

– Eu! Eu! – insistiu o professor.

Ainda sob o olhar de Matty, empurrou as pessoas à sua frente para se colocar em evidência.



Mais tarde, com um ar preocupado, o cego ouviu Matty descrever a Feira de Negócios.

– Mentor levantou a mão tão depressa que acabou sendo o primeiro. E ele se esqueceu completamente de mim, Vidente. Antes, estava conversando comigo,

como a gente sempre fazia. Então, quando eles começaram, foi como se eu nem existisse. Ele empurrou todo mundo no caminho e foi o primeiro a ir.

– Como assim, o primeiro a ir? Para onde ele foi?

– Para o palanque. Ele saiu empurrando e acotovelando os outros para passar, Vidente. Foi muito estranho. Então subiu ao palco quando Negociador o chamou.

O cego se balançava para a frente e para trás na cadeira. Ele não havia tocado nenhuma música naquela noite. Matty sabia que Vidente estava aflito.

– Costumava ser diferente. As pessoas simplesmente gritavam suas ofertas. Havia muitas risadas e irreverência naquela vez em que eu fui.

– Não ouvi nenhuma risada, Vidente. Só o silêncio, como se as pessoas estivessem muito nervosas. Foi um pouco assustador.

– E o que aconteceu quando Mentor subiu ao palanque?

Matty tentou se lembrar. Tinha sido um pouco difícil enxergar no meio da multidão.

– Ele ficou parado lá em cima. Então Negociador lhe perguntou algo, mas era como se já soubesse a resposta. E todos riram um pouco, como se também imaginassem, mas não foi uma risada do tipo divertida. Foi uma risada de quem entende algo.

– Você conseguiu ouvir o que ele perguntou?

– Não na primeira vez, mas sei o que foi porque ele também perguntou para todo mundo que subiu ao palanque. Foi a mesma pergunta todas as vezes: *O que pede em troca?*

– E todos respondiam o mesmo?

Matty balançou a cabeça, então lembrou que precisava responder em voz alta:

– Não, cada um respondia uma coisa.

– Conseguiu ouvir a resposta do Mentor?

– Consegui. Ela fez todo mundo rir daquele jeito estranho. Mentor falou: “O mesmo de sempre.”

O cego franziu a testa.

– Dava para deduzir o que ele quis dizer com isso?

– Acho que sim, porque todo mundo olhou para a viúva do Cuidador de Rebanhos, que corou. Ela estava perto de mim, então eu vi. Quando as amigas dela começaram a cutucá-la, provocando-a, eu a ouvi dizer: “Ele ainda precisa negociar mais algumas vezes.”

– O que aconteceu em seguida?

Matty tentou se lembrar da sequência de acontecimentos.

– Negociador pareceu dizer que sim, ou pelo menos concordar com a cabeça, depois abriu o livro dele e anotou o pedido.

– Eu bem queria ver esse livro – falou o cego. Então, rindo de si mesmo, acrescentou: – Ou melhor, queria que você pudesse vê-lo e lê-lo para mim. E depois?

– Mentor continuou parado lá em cima. Pareceu aliviado ao ver Negociador anotar algo para ele no livro.

– Por que você diz isso?

– Ele sorriu e me pareceu menos nervoso.

– E depois?
– Todos ficaram muito quietos e Negociador perguntou: “O que oferece em troca?”

O cego refletiu.

– As perguntas eram as mesmas para todos? Sempre “O que pede em troca?” e, depois, “O que oferece em troca?”?

– Sim. Todos respondiam à primeira pergunta bem alto, como Mentor, mas apenas sussurravam a resposta à segunda, para que ninguém ouvisse.

– Então o que eles pediam em troca se tornava público...

– Isso. E às vezes quem estava assistindo gritava, zombando dos pedidos. *Ridicularizando* os outros. Acho que essa é a palavra correta.

– E ele anotava todos os pedidos?

– Não. Quando a mãe do Ramon subiu ao palanque e Negociador perguntou “O que pede em troca?”, ela disse “Um casaco de peles”. Mas Negociador negou.

– Ele deu algum motivo?

– Deu. Falou que ela já havia conseguido a Máquina de Jogos. “Quem sabe na próxima”, acrescentou. Então disse para ela continuar tentando.

O cego se remexeu na cadeira, irrequieto.

– Por que não faz um chá para nós, Matty?

O garoto foi até o fogão de lenha onde a chaleira de ferro já fumegava. Despejou água sobre as folhas de chá em duas canecas grossas e entregou uma para Vidente.

– Repita para mim a segunda pergunta que era feita a todos – pediu o cego depois de tomar um gole de chá.

– “*O que oferece em troca?*” – Ele tentou imitar a voz alta e imponente de Negociador, bem como o seu ligeiro sotaque.

– Mas você não pôde ouvir nenhuma das respostas que as pessoas deram, correto?

– Isso mesmo. Elas sussurravam, e ele anotava no livro.

De repente, Matty teve uma ideia e se endireitou na cadeira.

– E se eu roubar o livro e lê-lo para você?

– Matty, Matty...

– Desculpe – falou o garoto no mesmo instante.

Roubar tinha sido algo tão natural em sua vida anterior que às vezes, mesmo anos depois, ele esquecia que esse tipo de comportamento não era aceito no Vilarejo. Quando haviam terminado de tomar o chá em silêncio, Vidente disse:

– Bem, quem me dera poder descobrir o que as pessoas estão oferecendo em troca. Você disse que elas foram embora de mãos vazias. Mas que cada uma sussurrou algo que foi anotado.

– Sem contar a mãe do Ramon – lembrou-lhe Matty. – Negociador se recusou. Mas os outros conseguiram o que queriam. Mentor conseguiu.

– Mas não sabemos o quê.

– É, não. “O mesmo de sempre”, foi o que ele pediu.

– Diga-me uma coisa, Matty. Antes de deixar a Feira de Negócios, Mentor não recebeu nada, certo? Ele estava carregando alguma coisa?

– Não, nada.
– Nem ninguém?
– Passaram datas de entrega para algumas pessoas. Alguém ganhou uma Máquina de Jogos. Eu iria adorar ter uma, Vidente – comentou Matty, mesmo sabendo que não daria em nada.

De fato, o cego não lhe deu atenção.

– Tenho só mais uma pergunta para você, Matty. Pense bem antes de responder.

– Está bem.

Matty se preparou para pensar bem.

– Tente lembrar se as pessoas lhe pareceram *diferentes* depois que a Feira terminou. Não todas, mas apenas as que fizeram alguma negociação.

Matty suspirou. O lugar estava cheio, o evento tinha sido longo e, ao final, ele já se sentia desconfortável e cansado. Vira Ramon e acenara para o amigo, mas o amigo acompanhava a mãe, que estava irritada por ter recebido um não de Negociador. Ramon não retribuía o cumprimento.

Ele havia procurado por Jean, sem sucesso.

– Não lembro. No fim, já não estava prestando atenção.

– E quanto à pessoa que recebeu a Máquina de Jogos? Você disse que alguém ganhou uma. Quem foi?

– Aquela mulher que vive lá perto da praça do mercado. Sabe quem é? O marido dela anda todo encurvado por causa de um problema nas costas. Ele estava com ela, mas não subiu ao palanque para negociar.

– Sim, sei de quem você está falando. Eles são uma boa família – falou Vidente. – Então foi ela quem pediu em troca uma Máquina de Jogos. Você chegou a vê-la ir embora?

– Acho que sim. Ela estava com outras mulheres e todas riam ao saírem de lá.

– Achei que você tinha dito que ela estava com o marido.

– E estava, mas ele foi ficando para trás.

– Como ela lhe pareceu?

– Feliz por ter ganhado uma Máquina de Jogos. Estava dizendo às amigas que poderiam ir à sua casa se divertir com ela.

– Só isso? Não se lembra de mais nada a respeito dela *depois* da negociação? Não antes.

Matty deu de ombros. Começava a ficar cansado de tantas perguntas. Estava pensando em Jean e na possibilidade de ir à casa dela pela manhã. Quem sabe não poderia pegar o filhote? No mínimo, o cãozinho seria uma desculpa para a visita. Ele já estava saudável, crescendo rápido, com as patas e as orelhas grandes. Recentemente, Matty tinha visto uma cena engraçada: a mãe rosnando para o filhote porque ele estava mordiscando sua orelha de brincadeira.

O comportamento do cãozinho fez Matty se lembrar de outra coisa.

– Pensando melhor, *aconteceu* algo diferente. Ela é uma boa mulher, a que ganhou a Máquina de Jogos.

– Sim, é verdade. Ela é gentil. Alegre. Muito amorosa com o marido.

– Bem – continuou Matty devagar –, quando estava indo embora, ela se virou para trás de repente e o repreendeu por ele ser tão lento.

– Lento? Mas ele é deficiente. Não pode andar de outra forma – replicou o cego, surpreso.

– Eu sei. Mas ela o encarou com uma expressão sarcástica e imitou o seu jeito de andar. Zombou dele. Mas foi só por um instante.

Vidente ficou calado, balançando-se na cadeira. Matty apanhou as canecas vazias, levou-as para a pia e se pôs a lavá-las.

– Já é tarde. Hora de ir para a cama.

Ele se levantou da cadeira e colocou o instrumento na prateleira onde sempre ficava. Então foi andando devagar para o quarto.

– Boa noite, Matty – disse, depois balbuciou algo em tom irônico, quase para si mesmo: – Quer dizer que agora ela tem uma Máquina de Jogos...

Matty, ainda diante da pia, lembrou-se de algo:

– A marca de nascença desapareceu completamente do rosto de Mentor.

O cãozinho estava pronto. E Matty também. O cachorro que havia sido o companheiro de infância do garoto durante anos tivera uma vida feliz e ativa, morrera dormindo e fora enterrado com pompa e tristeza a alguns metros da horta. Durante muito tempo, com saudades de Toquinho, Matty não quis outro bicho de estimação. Mas agora tinha superado isso. Portanto, quando Jean o chamou – Matty precisava ir imediatamente, pois o pai estava furioso com suas travessuras –, ele foi correndo.

Desde a Feira de Negócios, na semana anterior, Matty não voltava à casa do Mentor. Como sempre, o jardim estava viçoso e bem cuidado, com rosas temporãs desabrochadas e os ásteres de outono cheios de botões. Foi ali que encontrou Jean, ajoelhada diante de um canteiro, cavando a terra com uma espátula. Ela lhe abriu um sorriso, mas não o brejeiro e paquerador de sempre, que quase levava Matty à loucura. Naquela manhã, a garota parecia aflita.

– Ele está preso no barraco – avisou, referindo-se ao cãozinho. – Você trouxe uma coleira para levá-lo para casa?

– Não tem necessidade. Ele vai me seguir. Tenho jeito com cães.

Jean suspirou, largou a espátula e secou o suor da testa, sujando-a de terra de um jeito que Matty achou muito atraente.

– Queria poder dizer o mesmo. Não consigo controlá-lo por nada neste mundo. Ele cresce tão rápido e é tão forte e cabeça-dura... Meu pai está fudo da vida, quer ver essa criatura selvagem longe daqui.

Matty deu um sorriso torto.

– Mentor lida com um monte de criaturas selvagens na escola. Eu mesmo já fui uma, e ele me domou.

Jean sorriu.

– Eu lembro. Você era uma coisinha maltrapilha e encapetada quando chegou ao Vilarejo, Matty.

– Eu gostava de me chamar de O Mais Feroz dos Ferozes.

– E era mesmo – concordou Jean, rindo-se. – E agora o seu cãozinho é que é.

– Seu pai está em casa?

– Não, foi visitar a viúva do Cuidador de Rebanhos, como sempre – falou Jean com um suspiro.

– Ela é uma boa mulher.

– É, sim. Gosto dela. Mas, Matty...

O garoto, que até então estava em pé, sentou-se na grama à beira do canteiro.

– Que foi?

– Posso contar algo que vem me incomodando?

Ele sentiu uma onda de afeto por Jean. Havia muito tempo que se sentia atraído por seu jeitinho afetado de ser, seus charmes e truques de sedução bobos. Mas agora, pela primeira vez, sentiu algo diferente. Viu a jovem mulher que

havia por trás de todas aquelas superficialidades. Com o cabelo cacheado caindo sobre a testa suja de terra, era a pessoa mais linda que Matty vira na vida. E agora estava falando com ele não de um jeito tolo e infantil, feito para seduzir, mas de forma sincera, angustiada e madura. Sentiu de repente que a amava, e nunca havia sentido algo parecido.

– É sobre o meu pai – falou ela em voz baixa.

– Ele está mudando, não está? – atalhou Matty, surpreendendo a si mesmo, pois não tinha falado isso em voz alta até então, nem mesmo formulado a ideia, e agora a manifestava para Jean. Sentiu-se estranhamente aliviado.

Jean começou a chorar baixinho.

– Está. Ele negociou o seu eu mais profundo.

– Negociou? – Isso surpreendeu Matty, pois não havia refletido a tal ponto sobre a questão. – E o que pediu em troca? – perguntou, horrorizado, percebendo que praticamente repetira a frase que ouvira na Feira de Negócios.

– A viúva do Cuidador de Rebanhos – respondeu Jean, aos prantos. – Queria que ela o amasse, então fez essa negociação. Ele está ficando mais alto e empertigado. A calvície no topo da cabeça desapareceu, Matty. A marca de nascença também.

É claro! Então era isso.

– Eu vi isso, mas não tinha entendido.

Ele abraçou a garota, que agora estava aos soluços. Por fim, Jean recuperou o fôlego.

– Não sabia que ele se sentia tão sozinho, Matty. Se soubesse...

– Então é por isso... – Matty tentava juntar as peças em sua cabeça.

– O cãozinho. Antes, ele teria adorado um filhote sapeca, assim como amou você quando não passava de um menino maltrapilho. Depois que ele chutou o cãozinho ontem, eu tive certeza. Até então, apenas suspeitava.

Jean secou os olhos com as costas da mão e deixou outra mancha de terra adorável ali.

– E a petição! – acrescentou Matty, lembrando-se dela de repente.

– Exato. Papai sempre recebeu os forasteiros de braços abertos. Era a parte mais bonita dele, a maneira como cuidava de todos e tentava ajudá-los a aprender. Mas agora...

Eles ouviram um ganido alto vindo do barraco e o barulho de algo raspando.

– Deixe o cãozinho sair, Jean. É melhor eu levá-lo para casa antes que o seu pai volte.

Ela foi até a porta do barraco e a abriu. Embora seu rosto estivesse riscado de lágrimas, sorriu ao ver o entusiasmo com que o filhote desajeitado saltou para a frente, pulou nos braços de Matty e lhe lambeu as bochechas. Seu rabo branco abanava freneticamente.

– Preciso de um tempo para pensar – falou ele, coçando o cãozinho debaixo do queixo para acalmá-lo.

– Pensar em quê? Não há o que fazer. Não se pode desfazer uma negociação. Mesmo que uma coisa idiota como uma Máquina de Jogos quebre, ou que você se canse dela, não é permitido voltar atrás.

Matty se perguntou se deveria contar a ela. Jean vira os efeitos do poder dele na cadela e no filhote, mas sem compreender. Agora, se quisesse, ele poderia explicar. Porém, não sabia se deveria. Não conhecia a extensão do seu poder e não desejava prometer algo impossível à garota que amava. Curar a mente e o coração de um homem, seu eu mais profundo – desfazer uma negociação irreversível –, ia além, muito além, do que Matty era capaz.

Portanto, ele ficou calado e levou embora seu cãozinho cheio de vida.



– Olhe! Ele senta quando eu mando. – Então Matty grunhiu e disse: – Ai, desculpe.

Será que um dia vou aprender a não dizer “Olhe” para um homem que não consegue enxergar?

Mas Vidente apenas riu.

– Não preciso enxergar. Consigo ouvir quando ele se senta. As patas dele param de fazer barulho. E não sinto os dentes dele nos meus sapatos.

– Ele é esperto, acho – falou Matty, otimista.

– Sim, acho que você tem razão. Ele é um bom cãozinho, Matty. Vai aprender rápido. Não precisa se preocupar com as travessuras.

O cego estendeu a mão e o filhote correu até ele para lamber seus dedos.

– E é muito bonito, também – acrescentou Matty.

Na verdade, estava tentando se convencer disso. O cãozinho era uma mistura de várias cores, com patas grandalhonas, um rabo espevitado e orelhas tortas.

– Tenho certeza que sim.

– Ele precisa de um nome. Ainda não consegui decidir qual seria o melhor.

– O nome verdadeiro dele virá naturalmente, você vai ver.

– Espero receber o meu logo – disse Matty.

– Ele virá quando chegar a hora.

Matty assentiu e voltou-se novamente para o cachorro.

– Primeiro pensei em Sobrevivente, por ser o único da ninhada que não morreu. Mas é longo demais. Não parece ser o nome certo. – Matty apanhou o cãozinho e colocou-o no colo, coçando-lhe a barriga. – Então... Como ele teimou em continuar vivo, pensei em chamá-lo de Teimoso.

– Teimoso? – O cego riu.

– Eu sei, eu sei. Não é muito bom... – disse Matty, fazendo uma careta.

Ele tornou a largar o filhote no chão. O cãozinho saiu correndo, abanando o rabo, para rosnar para a lenha empilhada ao lado do fogão e roer as beiradas da madeira crua.

– Por que não pergunta ao Líder? – sugeriu o cego. – É ele quem concede os nomes verdadeiros às pessoas. Talvez possa fazer o mesmo por um cachorro.

– Boa ideia. Preciso ir à casa dele, de qualquer maneira. Está na hora de entregar as mensagens sobre a assembleia para as pessoas. Vou levar o filhote.



Desajeitado com suas pernas curtas e patas grandes demais, o cãozinho mal conseguia subir a escada da casa de Líder. Matty o apanhou no colo, depois deixou-o no chão do andar de cima, onde Líder estava à espera, sentado à sua mesa. A pilha de mensagens estava pronta. Matty poderia tê-las pegado e saído para cumprir sua tarefa sem parar. Mas demorou-se ali. Ele gostava da companhia de Líder. Além disso, queria lhe contar algumas coisas. Começou a organizá-las em sua mente.

– Quer colocar um papel no chão para ele? – perguntou Líder, observando com uma expressão divertida enquanto a criaturinha corria pelo escritório.

– Não, ele está bem. Nunca fez sujeira no lugar errado. Foi a primeira lição que aprendeu.

Líder se recostou na cadeira e se espreguiçou.

– Ele será um bom companheiro para você, Matty, como Toquinho foi. Sabia que, no lugar onde passei a infância, não havia cachorros? Nenhum tipo de animal.

– Não havia galinhas? Nem bodes?

– Não, nada.

– Então o que vocês comiam?

– Tínhamos peixes. Muitos peixes, de uma incubadora. E uma fatura de legumes. Mas nenhuma carne de outros animais. Tampouco bichos de estimação. Eu nem sabia o que significava isso. Ou mesmo amar e ser amado.

Essas palavras fizeram Matty pensar em Jean. Ele sentiu-se corar um pouco.

– Você nunca amou uma garota?

Matty achou que Líder fosse rir. Mas, em vez disso, o rosto do jovem assumiu uma expressão reflexiva.

– Tive uma irmã – falou ele após um instante. – Ainda penso nela, e espero que esteja feliz.

Líder pegou um lápis de cima da mesa, girou-o nos dedos e olhou pela janela. Seus olhos azul-claros pareciam capazes de enxergar muito longe, até mesmo o passado, ou talvez o futuro.

Depois de certa hesitação, Matty se explicou:

– Eu quis dizer uma *garota*. Não uma irmã. Mas uma... bem, uma *garota*.

Líder largou o lápis e sorriu.

– Sei do que está falando. Houve uma garota certa vez, muito tempo atrás. Eu era mais jovem que você, Matty, mas estava na idade em que essas coisas começam a acontecer.

– O que houve com ela?

– Ela mudou. E eu também.

– Às vezes acho que preferiria que nada mudasse, nunca – falou Matty com um suspiro.

Então se lembrou do que queria contar ao Líder.

– Eu fui à Feira de Negócios. Nunca tinha ido.

Líder deu de ombros.

– Quem me dera tivessem votado para que ela acabasse... Eu costumava ir, mas parei. Na época, a impressão é que era uma tolice e perda de tempo. Agora, parece que está pior.

– É a única maneira de conseguir algo como uma Máquina de Jogos.

Líder fez uma careta.

– Uma Máquina de Jogos... – comentou com desdém.

– Bem, eu gostaria de ter uma – resmungou Matty. – Mas Vidente se recusa.

O cãozinho foi até um canto do escritório, farejou, fez um círculo ao redor de si mesmo, deitou-se e adormeceu. Matty e Líder assistiram à cena e sorriram.

– Não é só para Máquinas de Jogos e coisas desse tipo.

Matty vinha se perguntando como colocar a questão, como descrever o que vira. Agora, em meio ao silêncio, enquanto os dois observavam o filhote dormir, ele simplesmente desembuchou tudo de uma vez:

– Tem outra coisa acontecendo na Feira de Negócios. As pessoas estão mudando, Líder. Mentor está mudando.

– Eu também notei mudanças nele. O que você quer dizer, Matty?

– Mentor negociou seu eu mais profundo e acho que outras pessoas também estão fazendo isso.

Líder se inclinou para a frente e ouviu com atenção Matty descrever o que tinha visto, suas suspeitas, o que sabia.



– Líder deu um nome para ele, mas não sei se gosto.

Matty voltara à casa por volta da hora do almoço, após entregar a última mensagem. Vidente estava lavando roupa.

– Qual? – perguntou o cego, virando-se na direção da voz de Matty.

– Sapecá.

– Hummm. Até que soa bem. O que o cãozinho acha?

Matty tirou o filhote de dentro do casaco, onde ele estava encolhido. O cachorro passara a manhã inteira correndo junto aos seus calcanhares, mas com o tempo suas pernas curtas se cansaram, de modo que o dono o carregou pelo resto do caminho.

O cãozinho pestanejou, pois estivera dormindo, e Matty o colocou no chão.

– Sapecá? – falou o garoto, e o filhote olhou para cima, abanando o rabo. – *Sapecá, senta!*

O cãozinho atendeu na mesma hora. Olhava fixamente para o menino.

– Ele obedeceu! – exclamou Matty, encantado. – *Sapecá, deita!*

Após hesitar por um instante, o filhote baixou o corpo rente ao chão com relutância e tocou o tapete com o focinho pequeno.

– Ele já sabe o seu nome verdadeiro! – Matty se ajoelhou ao lado do animal e afagou sua cabeça. – Muito bem, cãozinho.

Sapecá o encarou com seus grandes olhos castanhos; o corpo malhado, ainda obedientemente estirado no chão, vibrava de afeto.

– Sapecá bonzinho.

Muito se falava no Vilarejo sobre a assembleia iminente. Por toda parte, Matty ouvia as pessoas discutindo sobre a petição.

Aquela altura, já se viam alguns recém-chegados pelo Vilarejo, com as feridas sarando, roupas limpas e cabelo penteado, os rostos menos temerosos. A aflição e o desespero que transpareciam tinham se transformado em algo mais sereno. Agora suas crianças interagiam com outras do Vilarejo, correndo pelas ruas e trilhas enquanto brincavam de pique-pega e esconde-esconde. Matty se lembrou da própria infância, da sua valentia e da terrível angústia que ela encerrava. Antes de chegar ao Vilarejo, não acreditava que alguém fosse querê-lo. Mesmo depois, demorou muito para confiar na bondade dos moradores.

Seguido de perto por Sapeca, Matty foi até a praça do mercado para comprar pão.

– Bom dia! – exclamou ele alegremente para uma mulher que encontrou pelo caminho.

Era uma das recém-chegadas e Matty se recordava dela do dia da recepção. Seus olhos estavam arregalados de pavor naquele dia. Tinha cicatrizes por conta de feridas não tratadas, e um de seus braços era torto, dificultando qualquer tarefa.

Mas agora parecia relaxada e seguia sem pressa pelo caminho. Ela retribuiu o cumprimento de Matty com um sorriso.

– Sapeca, pare com isso! *Senta!* – ralhou o garoto com o cãozinho, que havia saltado para abocanhar e puxar a bainha puída da saia da mulher.

Sapeca lhe obedeceu a contragosto. A mulher se agachou para afagar a cabeça do cão.

– Não tem importância – falou ela com ternura. – Eu já tive um cachorro. Precisei deixá-lo para trás.

A forasteira tinha sotaque. Como muitos no Vilarejo, conservava o jeito de falar do lugar de origem.

– Você vai ficar?

– Vou. As pessoas são boas. Têm paciência comigo. Eu sofri uma lesão e vou ter que reaprender algumas coisas. Vai demorar.

– É importante ter paciência aqui, já que temos tantas pessoas com dificuldades no Vilarejo. Meu pai... – Matty parou de falar e se corrigiu: – Quero dizer, o homem com que eu vivo... Ele é chamado de Vidente. Você já deve ter conhecido. Ele é cego. Agora, anda por qualquer parte sem nenhum problema. Mas, quando chegou aqui, tinha acabado de perder a visão...

– Há uma questão que me preocupa – interrompeu a mulher.

Matty soube na hora que ela não ia falar sobre as condições das trilhas ou a localização dos prédios. Conseguia perceber sua aflição.

– Você pode levar qualquer questão ao Líder.

Ela balançou a cabeça.

– Talvez você mesmo possa responder. É sobre o fechamento das fronteiras do Vilarejo. Tenho ouvido falar sobre uma petição.

– Mas você já está aqui! – tranquilizou-a Matty. – Não precisa se preocupar! Faz parte da nossa comunidade agora. Eles não vão mandá-la embora, mesmo que fechem as fronteiras.

– Eu trouxe meu menino comigo. Vladik. Ele tem mais ou menos a sua idade. Talvez você já o tenha visto.

Matty balançou a cabeça. Não notara o menino. O grupo de forasteiros era muito grande dessa vez. Não entendia por que a mulher se preocupava com o filho. Talvez ele estivesse enfrentando problemas com a adaptação. Isso acontecia com alguns recém-chegados. Acontecera com o próprio Matty.

– Quando cheguei aqui – disse para a mulher –, eu estava com medo. Acho que me sentia sozinho também. E me comportava mal. Mentia e roubava. Mas, olha, agora estou ótimo. Devo receber meu nome verdadeiro em breve.

– Não, não é isso. Meu filho é um bom menino, não mente nem rouba. E é forte e esforçado. Já o chamaram para trabalhar nas plantações. E logo irá para a escola.

– Bem, então você não precisa se preocupar.

Ela tornou a balançar a cabeça.

– Não, não é ele que me preocupa. São meus outros filhos. Eu trouxe Vladik, mas tive que deixar os demais. Nós viemos primeiro, meu menino e eu, para aprender o caminho. Foi uma viagem muito longa e árdua. Os outros virão mais tarde. Os mais novos. Minha irmã vai trazê-los depois que eu tiver me estabelecido aqui. – A voz dela falhou. – Mas agora ouço as pessoas dizendo que as fronteiras serão fechadas. Não sei o que fazer. Talvez o melhor seja voltar. Deixar Vladik aqui para que ele possa fazer sua vida e retornar para os meus pequenos.

Matty hesitou. Não sabia o que responder. Será que ela poderia voltar? Estava ali havia bem pouco tempo, então ainda não era tarde demais. Certamente a Floresta ainda não enroscaria aquela pobre mulher. Mas, se voltasse, para o que retornaria? Matty não fazia ideia de como ela fora ferida. Mas sabia que em alguns lugares – por exemplo, onde Matty costumava viver – as pessoas sofriam punições terríveis. Olhou para as cicatrizes dela, para o braço quebrado, fora do lugar, e imaginou se a mulher teria sido apedrejada.

Claro que iria querer trazer os filhos para a segurança do Vilarejo.

– A votação será amanhã – explicou Matty. – Você e eu não podemos votar porque ainda não recebemos os nomes verdadeiros. Mas dá para ouvir o debate. E falar, se quiser. E assistir à votação.

Ele explicou como chegar ao palanque. Com a mão boa, a mulher tomou as mãos de Matty em um gesto carinhoso de agradecimento antes de ir embora.

Na praça do mercado, o garoto comprou um pão na barraca de Jean, que enfiou um crisântemo na embalagem. Ela sorriu para Sapeca e se agachou para deixá-lo lamber migalhas dos seus dedos.

– Você vai à assembleia amanhã? – perguntou Matty.

– Acho que sim. Papai não fala de outra coisa.

Jean suspirou e pôs-se a arrumar as mercadorias na barraca.

– Antes, eram livros e poesia – continuou com uma angústia repentina e violenta. – Lembro que, quando eu era pequena, depois que mamãe morreu, ele me contava histórias e recitava poemas durante o jantar. Então, mais tarde, me contava sobre as pessoas que os escrevera. Lembra quando a gente começou a estudar literatura na escola, Matty? Era tudo muito familiar para mim porque ele tinha me ensinado sem eu nem saber que estava aprendendo.

Matty lembrava.

– Ele usava vozes diferentes – falou. – Você se lembra de lady Macbeth? “Saia, mancha maldita! Saia, eu ordeno!” – Ele tentou repetir os versos com a voz sinistra, mas ao mesmo tempo nobre, que Mentor costumava usar.

Jean riu.

– E Macduff! Eu chorei quando ouvi papai recitar a fala de Macduff sobre a morte da esposa e dos filhos.

Matty também se recordava dessa fala. Parados diante da barraca de pão, com Sapeca correndo em volta dos seus pés, ele e Jean recitaram os versos juntos:

Todos os meus lindos amores?

Todos, é o que me dizes? Ah, criatura dos infernos! Todos?

Todos os meus belos rebentos e a mãe deles

Abatidos com um só golpe...?

Não posso me permitir esquecer quanto

Tudo isso me era precioso.

Então Jean se virou para o outro lado. Ela continuou a empilhar os pães na barraca, mas seus pensamentos estavam claramente em outra parte. Por fim, encarou Matty e falou com uma voz intrigada:

– Era tudo tão importante para papai, e ele fez com que fosse importante para mim também: a poesia, a linguagem, a maneira como a usamos para lembrar como devemos viver a vida... – O tom de voz dela mudou, tornando-se amargurado. – Agora ele só sabe falar sobre a viúva do Cuidador de Rebanhos, sobre o fechamento do Vilarejo. O que aconteceu com o meu pai?

Matty balançou a cabeça. Ele não sabia a resposta. A declamação da famosa fala de Macduff o lembrara da mulher com que havia conversado a caminho dali, a mulher que temia pelo futuro das crianças que deixara para trás. *Todos os meus lindos amores.*

De repente, teve a sensação de que estavam todos condenados.

Esquecera-se completamente do próprio poder. Esquecera-se, inclusive, do sapo.

A assembleia começou da maneira ordeira e cautelosa com que reuniões daquele tipo sempre eram conduzidas. Líder subiu ao palanque, leu a petição em voz alta e clara e declarou aberto o debate. Um a um, os habitantes do Vilarejo se levantaram para dar suas opiniões.

Os forasteiros tinham vindo também. Matty viu a mulher que havia encontrado no caminho, parada ao lado de um menino alto, de cabelos claros, que devia ser Vladik. Os dois estavam no grupo de recém-chegados, que ocupavam um espaço separado, pois não podiam votar.

Crianças pequenas, entediadas, brincavam à beira do pinheiral. Matty já fora como elas: quando ainda era novo ali, não gostava de assembleias ou debates. Mas, agora, estava com Vidente e os outros adultos. Prestando atenção. Não tinha nem trazido Sapeca, que costumava acompanhá-lo para todo lado. Naquele dia, o cãozinho havia ficado em casa, ganindo atrás da porta fechada enquanto eles se afastavam.

Era assustadoramente óbvio, agora que a população estava reunida, que algo terrível se desenrolava. A escuridão contribuía, mas a verdade é que Matty ficara tão interessado nos procedimentos da Feira de Negócios que não prestara atenção em todos lá, apenas nos que subiram ao palanque, como Mentor, ou na mulher que havia sido estranhamente cruel com o marido na volta para casa.

Agora, no entanto, estavam em plena luz do dia. Matty podia observar todos ao redor e, para o seu horror, as mudanças eram evidentes.

Ramon estava bem perto dele, com os pais e a irmã mais nova. Fazia um bom tempo que eles tinham a Máquina de Jogos. Matty observou-os atentamente. Não via o amigo desde que fora chamá-lo para pescar, alguns dias antes, e lhe disseram que Ramon não estava se sentindo bem.

Ele olhou para Matty e sorriu. Mas Matty ficou sem fôlego por um instante, espantado ao ver que o amigo estava mesmo doente. Seu rosto já não era bronzeado e corado, mas magro e pálido. Ao lado dele, a irmãzinha também parecia mal, com os olhos fundos, tossindo.

Antes, tinha certeza, a mãe teria se agachado para acariciar a filha. Agora, a mulher simplesmente deu uma sacudida no ombro da criança e fez “shhhh”.

A cada pessoa que se pronunciava, Matty podia identificar as que haviam negociado. Alguns dos cidadãos mais trabalhadores, gentis e corretos do Vilarejo agora subiam ao palanque e esbravejavam seu desejo de que as fronteiras fossem fechadas, para que “nós não precisemos continuar dividindo os recursos que possuímos” – Matty sentiu um calafrio ao ouvir esse “nós”, segregando “eles”.

Nós precisamos que o peixe seja todo nosso.

Nossa escola não é grande o suficiente para ensinar as crianças deles também, apenas as nossas.

Eles não sabem nem falar direito. Nós mal conseguimos entendê-los.

Eles têm muitas necessidades. Nós não queremos tomar conta deles.

Nós já fizemos isso por tempo demais.

Veza por outra, um cidadão solitário, intocado pela negociação, subia à plataforma e tentava se fazer ouvir. Falava sobre a história do Vilarejo, sobre como cada um dos que estavam ali tinham fugido da pobreza e da crueldade e foram bem recebidos naquele novo lugar que os acolhera.

O cego discursou com eloquência sobre o dia em que havia sido levado até ali à beira da morte, sobre como fora tratado durante meses pelo povo do Vilarejo, até que, embora nunca tivesse recuperado a visão, aquele se tornara o seu verdadeiro lar. Matty se perguntava se ele próprio deveria subir ao palanque para falar. Queria fazer isso, pois certamente o Vilarejo também passara a ser o seu verdadeiro lar, e também o salvara, mas sentia-se um pouco acanhado. Então ouviu o cego começar a falar no lugar dele:

– Meu menino chegou aqui seis anos atrás, ainda criança. Muitos de vocês lembram como Matty era nessa época. Ele brigava, xingava e roubava.

O garoto gostou do som da expressão “meu menino”, que nunca tinha ouvido o cego usar até então. Mas ficou constrangido quando viu as pessoas se virarem para olhar em sua direção.

– O Vilarejo o fez mudar, transformando-o no que é hoje – continuou o cego. – Em breve ele receberá seu nome verdadeiro.

Por um instante, Matty esperou que Líder, que continuava em cima do palanque, erguesse a mão para pedir silêncio, o chamasse, pousasse a mão sobre a sua testa e anunciasse seu nome verdadeiro. Era assim que acontecia, às vezes.

Mensagem. Matty prendeu a respiração, torcendo.

Mas, em vez disso, ouviu outra voz:

– Eu lembro como ele era! Se fecharmos as fronteiras, não precisaremos mais fazer nada disso! Não precisaremos lidar com ladrões, arruaceiros e pessoas com a cabeça cheia de piolhos, como Matty era!

Ele se virou para ver quem estava falando. Era uma mulher. Ficou chocado, como se alguém tivesse lhe dado um tapa. Era a própria vizinha, a mulher que havia feito suas roupas quando ele chegara. Lembrava-se de ficar parado diante dela, maltrapilho, enquanto ela o media e colocava o dedal para costurar. Na época, a mulher tinha a voz suave e conversava carinhosamente com ele.

Agora, tinha uma máquina de costura muito moderna e peças de tecido que usava para criar roupas finas. Era o cego quem costurava os trajes simples que ele e Matty usavam.

Ela também havia negociado, e se voltara não só contra ele, como contra todos os recém-chegados.

A voz da mulher incitou os outros e, agora, um grande número de pessoas clamava: “Fechem o Vilarejo! Fechem as fronteiras!”

Matty nunca tinha visto Líder tão triste.



Depois que a assembleia acabou e a votação foi concluída, Matty arrastou os pés de volta para casa ao lado do cego. A princípio, ficaram calados. Não havia nada a dizer. O mundo deles tinha mudado.

Passado algum tempo, Matty tentou falar, esforçando-se para manter o humor e ver o lado bom da situação.

– Imagino que agora vão me enviar para todas as outras vilas e comunidades para transmitir a mensagem. Devo ter que viajar bastante. Que bom que ainda não é inverno. É difícil viajar na neve.

– Ele veio na neve – falou Vidente. – Sabe como é.

Matty ficou confuso por um instante, sem saber de quem o cego estava falando. Quem? *Ah, sim*, pensou. *O pequeno trenó*.

– Líder é quem mais sabe das coisas por aqui – observou Matty. – E ele ainda é mais jovem do que muitos.

– Ele vê além.

– O quê?

– Ele tem um dom especial. Algumas pessoas os têm. Líder é capaz de ver além.

Matty ficou espantado. Já havia notado algo de diferente nos olhos azul-claros de Líder, a maneira como pareciam ter uma espécie de visão incomum. Mas nunca ouvira isso ser descrito desse modo.

Não pôde deixar de pensar no que descobrira há pouco sobre si mesmo.

– Algumas pessoas, como Líder, possuem um dom especial?

– Sim, é verdade – respondeu Vidente.

– O dom é sempre o mesmo? As pessoas sempre... como você disse?... veem além?

Os dois estavam se aproximando da bifurcação no caminho, onde precisavam virar para voltar à casa deles. Matty observou, com a mesma admiração de sempre, o cego pressentir a chegada desse trecho e saber, mesmo sem enxergar, quando dobrar.

– Não. Cada pessoa tem o seu.

– Você tem um dom? É por isso que sabe por onde andar?

O cego riu.

– Não. Isso eu aprendi. Há muitos anos não enxergo. No começo, tropeçava e batia nas coisas. Precisava de ajuda o tempo todo. É claro que, antigamente aqui no Vilarejo, todos estavam sempre dispostos a me ajudar e me guiar. – Havia amargura em sua voz. – Quem sabe o que vai acontecer agora?

Eles chegaram à casa e ouviram Sapeca arranhar a porta e latir de empolgação ao perceber que se aproximavam.

Matty não queria que a conversa terminasse ali. Queria contar ao cego a respeito de si mesmo, revelar-lhe seu segredo.

– Então você não tem um dom especial, como Líder, mas outras pessoas, sim?

– Minha filha, por exemplo. Ela me contou naquela noite, na noite em que você me levou até ela.

– Kira? Ela tem um dom especial?

– Sim, sua velha amiga Kira. Que o ensinou a ter bons modos.

Matty ignorou o comentário.

– Ela já deve ser adulta agora. Eu a vi na última vez em que estive lá, mas isso já deve fazer quase dois anos. Mas, Vidente, o que você quer dizer...

O cego parou de repente diante dos degraus que conduziam à porta de entrada.

– *Matty!* – exclamou, em tom de urgência.

– O que foi?

– Só agora me dei conta de uma coisa: as fronteiras serão fechadas dentro de três semanas.

– Isso.

Vidente se sentou nos degraus. Pousou a cabeça nas mãos. Fazia isso às vezes, quando precisava pensar. Matty se acomodou ao lado dele e esperou. Conseguia ouvir Sapeca do lado de dentro, jogando-se contra a porta, frustrado.

Por fim, o cego falou:

– Preciso que você vá à nossa antiga vila, Matty. Líder vai mandá-lo até lá de qualquer forma, com uma mensagem. Sem dúvida, ele o enviará a vários lugares. Mas, Matty, preciso que você vá à nossa antiga vila primeiro. Líder vai entender.

– Mas *eu* não estou entendendo.

– Minha filha. Ela disse que um dia viria para cá, para viver aqui quando chegasse a hora. Você a conhece, Matty. Sabe que tinha coisas para fazer lá antes.

– Eu sei. E ela conseguiu, Vidente. Pude ver na última vez em que estive lá. As coisas mudaram. As pessoas cuidam bem das crianças agora. E...

Matty hesitou, incapaz de falar por um instante, por conta da recordação dos abusos que ele próprio havia sofrido. Então acrescentou simplesmente:

– Kira mudou a situação. Está melhor agora.

– Faltam apenas três semanas, Matty. Após o fechamento das fronteiras, ela não poderá mais vir. Você precisa trazê-la para cá antes que isso aconteça. Se não o fizer, Matty, nunca mais a verei.

– Sempre acho estranho quando você fala “ver”.

O cego sorriu.

– Eu vejo com o coração, Matty.

O menino assentiu.

– Eu sei que vê. Vou trazê-la para você. Irei amanhã mesmo.

Eles se levantaram juntos. A noite caía. Matty abriu a porta e Sapeca pulou nos seus braços.

– Enfie dentro da camisa, Matty, para não amassar. Você tem uma longa jornada pela frente.

O menino pegou o maço de mensagens dobradas no envelope grosso e o colocou onde Líder indicara, junto ao peito. Matty não lhe contou, mas pensou em guardá-lo em outro lugar quando fosse arrumar a bagagem, com os mantimentos e o cobertor. Dentro da camisa certamente era o lugar mais seguro e limpo. Mas ele planejava levar Sapeca ali, colado ao peito.

Três semanas não era tempo suficiente para ir a todos os vilarejos e comunidades. Alguns ficavam a vários dias de distância e outros só podiam ser alcançados de balsa. Matty não conseguiria ir pelo rio; o homem chamado Barqueiro era quem sempre levava mensagens e mercadorias por aquela rota.

Mas fora decidido que a mensagem seria afixada em todos as trilhas que atravessavam a Floresta, para que qualquer pessoa que estivesse vindo pudesse vê-la e voltar atrás. Matty era o único que conhecia todos os caminhos e não temia cruzar aquele local perigoso. Ele colaria todos os avisos. E seguiria até a sua antiga vila. Havia anos que o Vilarejo mantinha uma comunicação contínua com as pessoas de lá, de modo que elas deveriam ser alertadas das novas regras.

Líder se postara diante da janela, como fazia com frequência, observando o Vilarejo e seus habitantes. Matty aguardou. Estava ansioso para partir e começar logo sua longa jornada, mas tinha a sensação de que Líder queria lhe contar algo.

Por fim, ele se dirigiu a Matty, parando ao seu lado.

– Ele lhe disse que eu vejo além, não disse?

– Sim. Falou que você tem um dom especial. A filha dele também tem.

– A filha dele... A garota chamada Kira, não é? Que ajudou você a sair da sua antiga vila? Vidente nunca fala a respeito dela.

– É porque ele se entristece. Mas pensa nela o tempo todo.

– E Kira também tem um dom?

– Isso. Mas o dela é diferente. Vidente me revelou que cada pessoa tem o próprio dom.

Você sabe do meu?, pensou Matty. Mas não precisou perguntar.

Como se tivesse lido os pensamentos do garoto, Líder falou:

– Eu sei do seu.

Matty sentiu um calafrio. O dom ainda o enchia de medo.

– Mantive meu dom em segredo – falou em tom de desculpa. – Não contei nem mesmo ao Vidente. Não queria esconder. Mas ainda não consigo entender o que é. Tento não pensar nele. Tento esquecer que está dentro de mim. Mas então simplesmente acontece. Consigo sentir quando está vindo. Não sei como evitar.

– Não tente. Quando ele vem sem você convocá-lo, é porque se faz necessário. Porque alguém precisa do seu dom.

– Um *sapo*? Foi com um sapo que aconteceu primeiro!

– Foi para mostrar a você. Sempre começa com algo pequeno. No meu caso, a primeira coisa que vi além foi uma maçã.

Apesar da seriedade da conversa, o menino deu uma risadinha. Um sapo e uma maçã. *E um cãozinho.*

– Espere até ser realmente necessário, Matty. Não desperdice o seu dom.

– Mas como vou saber?

Líder sorriu e afagou o ombro do garoto com carinho.

– Você saberá.

Matty olhou ao redor em busca de Sapeca e viu que ele estava dormindo em um canto.

– É melhor eu ir andando. Ainda nem arrumei minhas coisas. E quero passar na casa de Jean para dizer a ela aonde estou indo.

Líder o manteve ali, envolvido na curva confortável do seu braço.

– Matty, espere. Quero...

Então ele tornou a olhar pela janela. O garoto continuou parado, sem saber o que estava esperando. Nesse momento, sentiu algo. O peso do braço do jovem assumiu uma qualidade diferente, de algo que ia além da carne humana. Matty se encheu de poder. Sentia através do braço de Líder, mas sabia ser algo que estava permeando todo o ser do outro. Compreendeu que aquilo era o dom dele em ação.

Por fim, depois de um instante insuportável, Líder ergueu o braço, suspirou e se envergonhou um pouco. Matty o ajudou a se sentar em uma cadeira. Líder estava exausto e respirava com dificuldade.

– A Floresta está ficando mais cerrada – avisou Líder quando conseguiu falar.

Matty não sabia o que ele queria dizer com isso. Soava como algo ameaçador. Mas, ao olhar pela janela, em direção à vegetação rasteira e aos pinheiros que delimitavam a Floresta, não notou nada de diferente.

– Não entendo exatamente o que é – continuou Líder. – Mas consigo ver que a Floresta está ficando mais densa, como um... – Ele hesitou. – Eu ia dizer “como um coágulo de sangue”. Como algo que vai ficando mais vagaroso e doente.

Matty tornou a olhar pela janela.

– As árvores continuam iguais, Líder. Mas um temporal está vindo. Dá para ouvir o vento. E olhe: o céu está escurecendo. Talvez tenha sido isso que você viu.

Líder balançou a cabeça, cético.

– Não. O que vi foi a Floresta. Tenho certeza. É difícil descrever, Matty, mas tentei enxergar *através* da Floresta para sentir como estava a filha de Vidente. E foi muito, muito difícil atravessá-la. Ela estava... densa, *cerrada*. Acho melhor você não ir, Matty, sinto muito. Sei que adora fazer essas jornadas e que tem orgulho de ser o único capaz de empreendê-las. Mas acho que a Floresta está perigosa desta vez.

O coração de Matty se contraiu. Ele esperava receber seu nome verdadeiro, Mensageiro, por causa daquela viagem. Mas, ao mesmo tempo, algo lhe dizia que Líder tinha razão.

Então lembrou-se:

– Líder, eu *preciso* ir!

– Não. Podemos afixar as mensagens na entrada do Vilarejo. Isso significará que os forasteiros terão que voltar depois de longas e árduas viagens, o que é uma tragédia. Mas...

– Não, não é por causa das mensagens! É por causa da filha de Vidente. Prometi a ele que iria trazer Kira para cá. Será a última chance de ela vir. A última chance de Vidente ficar com ela.

– E ela vai querer vir?

– Ela sempre quis vir. E não tem família lá. Kira tem idade suficiente para casar, mas ninguém iria querer ficar com ela. A perna dela é torta. Kira precisa de uma muleta para andar.

Líder respirou fundo algumas vezes.

– Matty, vou tentar olhar além da Floresta mais uma vez. Tentarei ver a filha de Vidente e as necessidades dela. Fique comigo por enquanto, pois a viagem vai depender do que eu descobrir. Mas saiba que, para mim, é muito difícil fazer isso duas vezes seguidas. Não se aflija com o que vai ver.

Ele se levantou e foi até a janela. Sabendo que não poderia ajudar, Matty foi para o canto em que Sapeca dormia e sentou-se ao lado do cãozinho. Observou Líder ficar tenso, como se sentisse dor. Ouviu-o arfar e gemer um pouco.

Os olhos azuis do jovem permaneceram abertos, mas já não pareciam fitar os objetos no escritório ou através da janela. Líder havia partido, seus olhos e todo o seu ser, para um lugar que Matty não conseguia ver, onde ninguém poderia segui-lo.

Ele pareceu brilhar fracamente.

Por fim, deixou-se cair na cadeira, trêmulo, e tentou recuperar o fôlego.

Matty se aproximou e esperou Líder se recompor. Lembrou-se de como se sentira depois de curar o cãozinho e sua mãe. De quanto necessitara dormir.

– Cheguei ao lugar onde ela está – avisou Líder quando pôde falar de novo.

– Ela sabia que você estava lá? Conseguiu sentir sua presença?

Líder balançou a cabeça.

– Não. Fazê-la perceber que eu estava ali teria consumido mais energia do que eu tinha. É muito longe e a Floresta ficou cerrada demais.

De repente, Matty teve uma ideia.

– Líder, você acha que dois dons podem *se encontrar*?

Ele encarou o garoto, ainda respirando com dificuldade.

– Como assim?

– Não sei bem, mas... e se você fizesse metade do caminho, e ela também? Vocês não poderiam se encontrar no meio com os seus dons? Não seria tão difícil se você precisasse chegar só até a metade. Se vocês *se encontrassem*.

Os olhos de Líder estavam fechados agora.

– Não sei, Matty.

O menino esperou, porém Líder não disse mais nada. Depois de um tempo, Matty receou que ele tivesse dormido.

– Sapeca?

O cãozinho acordou, se sacudiu e veio para junto do dono.

– Líder – falou Matty, inclinando-se para perto dele –, estou indo. Vou buscar a filha de Vidente.

– Tome muito cuidado – balbuciou o jovem, ainda com os olhos fechados. – Há perigo agora.

– Pode deixar. Sempre tomo.

– Não desperdice seu dom. Não o gaste à toa.

– Pode deixar – repetiu o garoto, embora não soubesse ao certo o que ele queria dizer com isso.

– Matty?

– Sim?

O menino já estava no patamar da escada, segurando Sapeca, que ainda não conseguia descer ou subir degraus sozinho.

– Ela é muito bonita, não é?

Matty deu de ombros. Imaginou que Líder estivesse se referindo a Kira, mas a filha do cego era mais velha e tinha sido como uma irmã para ele. Ninguém em sua antiga vila a achava bonita. Desprezavam-na por causa de sua deformidade.

– Ela tem uma perna torta – recordou Matty. – Precisa de uma muleta para andar.

– Eu sei. Ela é muito bonita.

Mas sua voz era difícil de ouvir a essa altura, e no instante seguinte ele estava dormindo. Ainda segurando Sapeca, Matty se apressou a descer as escadas.



Já era tarde quando Matty acabou de se preparar para a viagem. Caíra uma chuva forte e o vento ainda soprava, agitando as folhas das árvores. O céu estava escuro por conta da tempestade e da noite que se aproximava.

O garoto guardou o maço de mensagens dentro do cobertor enrolado. Diante da pia, o cego colocava mantimentos na mochila de Matty. Ele não poderia carregar o suficiente para toda a viagem, que seria longa demais. Mas o menino estava habituado a se sustentar com a comida que a Floresta oferecia. Ele se alimentaria pelo caminho quando as provisões acabassem.

– Enquanto você estiver fora, arrumarei o quarto de hóspedes para Kira. Diga-lhe isso, Matty. Que ela terá um lugar confortável para viver. E poderá ter um jardim. Sei como isso é importante para ela. Kira nunca viveu sem um jardim.

– Não vou precisar convencê-la. Ela sempre disse que viria para cá quando chegasse a hora. E a hora é agora. Líder percebeu. Kira perceberá também. Você falou que ela tem um dom – Matty tentou tranquilizar o cego enquanto dobrava um suéter.

– É difícil abandonar o único lugar que você conhece.

– Você fez isso.

– Eu não tive escolha. Fui trazido para cá quando me encontraram na Floresta com os olhos destruídos.

– Bem, eu abandonei. Muitos outros também.

– Sim. É verdade. Mas espero que não seja difícil para ela.

Matty viu o que o cego estava fazendo.

– Não coloque beterrabas. Odeio beterrabas.

– Elas fazem bem.

– Não se estiverem jogadas no chão. E lá que elas vão parar se você colocá-las aí dentro.

O cego riu e largou as beterrabas na pia.

– Bem, elas são pesadas, de qualquer maneira. Retardariam o seu progresso. Vou pôr cenouras, então.

– Qualquer coisa, menos beterraba.

Alguém bateu à porta. Era Jean. Seu cabelo estava mais encaracolado do que o normal por causa da umidade remanescente da chuva.

– Você vai assim mesmo, Matty, com este tempo?

O menino riu da preocupação dela.

– Já atravessei a Floresta debaixo de neve – vangloriou-se. – Este tempo não é nada. Sim, já vou partir. Estou só embalando comida para levar.

– Eu trouxe um pouco de pão – disse ela, tirando um embrulho do cesto que carregava.

Matty notou que Jean o decorara com um ramo e um crisântemo amarelo. Pegou o pão e lhe agradeceu, embora se perguntasse como ele caberia na bagagem. Por fim, o cego encontrou uma maneira de enfiá-lo no cobertor enrolado.

– Quero ver Ramon antes de sair do Vilarejo – falou Matty. – É melhor eu ir andando ou não vou começar a viagem nunca.

– Ah, Matty... Você não sabe? – disse Jean. – Ramon está muito doente. A irmã também. Colocaram um aviso na porta da casa deles. Ninguém pode entrar lá.

Por mais preocupante que fosse a notícia, Matty não ficou surpreso: havia dias que Ramon tossia, aparentando ter febre, cada vez pior.

– Herborista se pronunciou?

– É por isso que colocaram o aviso... Herborista tem medo de ser contagioso. De que possa haver uma epidemia.

O que está acontecendo com o Vilarejo? Matty ficou muito apreensivo. Nunca ocorrera uma epidemia ali. Ele se lembrou do lugar em que nascera, onde, de tempos em tempos, muitas pessoas morriam e todos os seus pertences eram queimados, na esperança de acabar com a doença transmitida pela sujeira, por pulgas ou, como pensavam alguns, por feitiçaria. Mas nunca houvera nada parecido no Vilarejo. Todo mundo sempre fora muito cauteloso, asseado.

Matty notou que o cego também assumira uma expressão preocupada.

Por um instante, o garoto permaneceu apenas parado, pensando, enquanto Vidente arrumava a mochila em suas costas e encaixava o cobertor enrolado debaixo dela. Pensou primeiro no sapo, depois no cãozinho, e se perguntou se o dom dele salvaria o amigo. Poderia ir à casa de Ramon agora e pousar as mãos no corpo febril. Seria indescritivelmente difícil, sugaria todas as suas forças, mas talvez houvesse uma chance.

E depois? Mesmo que sobrevivesse à tentativa, Matty se enfraqueceria e teria que se recuperar. Não poderia atravessar a Floresta se curasse Ramon. Ela já

estava ficando cerrada, seja lá o que isso significasse. Logo, seria impossível cruzá-la. Eles perderiam a filha do cego para sempre.

E o mais importante: Líder tinha lhe falado para poupar o dom. *Não o desperdice.*

Então Matty decidiu, com um aperto no coração, que deixaria Ramon enfrentar a doença sozinho.

– Olhe – falou Jean de repente. – Olhe só isso. Está *diferente*.

Matty viu que ela estava diante da tapeçaria que Kira fizera para o pai. Mesmo de onde se achava, pôde entender a frase de Jean. Toda a área da floresta, as centenas de pontos minúsculos em vários tons de verde, havia escurecido; as linhas faziam nós e se contorciam de maneira estranha. A imagem, antes serena, se transformara em algo não mais belo. Assumira uma atmosfera ameaçadora, de impenetrabilidade.

O garoto se aproximou para olhar melhor, intrigado e aflito.

– O que foi, Matty? – perguntou Jean.

– Nada. Está tudo bem.

Apenas com o olhar, indicou que ela não deveria falar em voz alta sobre a estranha mudança na tapeçaria. Matty não queria que Vidente soubesse.

Estava na hora de partir.

Ele sacudiu os ombros para ajustar a mochila de forma confortável nas costas e se inclinou à frente para abraçar o cego, que sussurrou em seu ouvido:

– Tome cuidado.

Para sua surpresa, Jean o beijou. Ela o provocara muitas vezes, mas agora cumpriu a promessa. Foi essa carícia rápida e perfumada nos lábios que lhe deu coragem e, antes mesmo de ir embora, fez Matty ter vontade de voltar para casa.

Sapeca tinha medo do escuro. Matty nunca havia notado isso, pois eles sempre ficavam dentro de casa, com a lamparina a óleo acesa à noite. Riu um pouco ao ouvir o cãozinho ganir quando a noite caiu e a Floresta mergulhou na escuridão. Matty o apanhou e lhe sussurrou palavras tranquilizadoras, mas ainda sentia o filhote tremer em seus braços.

Bem, pensou, já era hora de dormir, de qualquer maneira. Estavam perto da clareira em que havia encontrado o sapo, que provavelmente continuava por ali. Atravessou com cuidado o limo macio, segurando Sapeca junto ao peito e tateando o caminho com os pés. Então se ajoelhou no leito de raízes de uma árvore alta e tirou a mochila das costas. Desenrolou o cobertor, arrancou alguns pedaços do pão para Sapeca e comeu alguns também. Depois se enroscou com o cãozinho e pegou no sono.

Brebt-brebt.

Brebt-brebt.

Sapeca ergueu a cabeça. Seu focinho se agitou e ele levantou as orelhas, curioso. Mas então voltou a enfiar a cara debaixo da curva do braço de Matty. Logo, também estava dormindo.



Os dias passaram e, depois da quarta noite de viagem, a comida acabou. Mas Matty sentia-se forte e destemido e, para sua surpresa, o pequeno Sapeca não precisava ser carregado. O cãozinho o seguia, e sentava-se, paciente, enquanto ele afixava os cartazes ao longo dos caminhos que se bifurcavam. O trabalho tornou a jornada consideravelmente mais longa. Se tivesse ido direto, muito em breve já estaria perto da comunidade de Kira. Mas, lembrando que ser um mensageiro era sua tarefa mais importante, ele pegava trilhas secundárias, cruzava longas distâncias e deixava os avisos em todos os pontos onde forasteiros pudessem ser alertados a voltar atrás.

Sabia que a mulher cheia de cicatrizes e seu grupo vieram do leste. O povo daquela região tinha uma aparência característica. Matty conseguia ver, espalhados pelo caminho naquela direção, indícios de que haviam passado por ali pouco tempo antes: a vegetação rasteira esmagada onde tinham se juntado para dormir, pedaços de carvão onde fora feita uma fogueira, uma fita rosa que parecia ter caído dos cabelos de uma criança. Ele a apanhou e colocou-a na mochila.

Imaginou se, àquela altura, a mulher que deixara o filho para trás já teria voltado sozinha para junto das outras crianças. Não se via sinal dela.

Felizmente, o tempo continuava limpo. Embora houvesse se vangloriado de ter feito viagens debaixo de neve, a verdade é que era muito difícil enfrentar as intempéries, e quase impossível encontrar comida quando o clima estava ruim. Agora, no começo no outono, havia bagas e muitas nozes. Ele adorava os esquilos tagarelas que armazenavam os próprios mantimentos, e foi com um pouco de culpa que saqueou um ninho estocado até a metade com provisões para o inverno.

Sabia qual era a melhor maneira de pescar e conhecia os melhores lugares. Sapeca torceu o focinho para os peixes, mesmo depois de Matty grelhar um em sua pequena fogueira.

– Fique com fome, então – disse-lhe o garoto, rindo, e terminou sozinho o peixe dourado e brilhoso.

Sapeca levantou as orelhas, ouviu algo e saiu correndo. Matty escutou um grasnido, seguido de um bater de asas, um farfalhar de folhas e rosnados. Após um instante, o cachorro voltou, parecendo satisfeito, com algumas penas presas no bigode.

– Então é assim? Eu como peixe, você come ave?

Matty achava divertido conversar com Sapeca como se ele fosse humano. Desde que Toquinho havia morrido, sempre viajara por aqueles caminhos sozinho. Agora, era ótimo ter companhia e, às vezes, o garoto achava que o cãozinho entendia cada palavra.

Embora a mudança fosse sutil, Matty entendia o que Líder quisera dizer ao mencionar que a Floresta estava ficando mais cerrada. O menino a conhecia tão bem que conseguia antecipar as mudanças trazidas pelas estações. Normalmente, no fim do verão, como agora, algumas folhas estariam caindo; quando a neve chegasse mais tarde, muitas árvores ficariam peladas. No auge do inverno, precisaria buscar água em locais onde os riachos corriam rápido e não congelavam, pois a maioria das lagoas que conhecia estaria coberta de gelo. Na primavera, teria que afugentar insetos irritantes, mas também haveria frutos silvestres frescos e doces.

Tudo, no entanto, sempre lhe parecera familiar.

Mas havia algo de diferente naquela viagem. Pela primeira vez, Matty sentiu uma hostilidade por parte da Floresta. Os peixes demoravam a vir para o seu anzol. Um dos esquilos, que geralmente eram dóceis, chilreou com irritação e mordeu seu dedo quando Matty lhe estendeu a mão. Os frutinhas vermelhos que ele sempre comia estavam cheios de pontinhos pretos e amargos. Pela primeira vez, notou heras venenosas crescendo ao longo de vários trechos do caminho, onde nunca haviam aparecido.

Também estava tudo mais escuro. As copas das árvores pareciam ter se movido, inclinando-se umas em direção às outras, criando um dossel ao longo da trilha. Elas os protegeriam da chuva, percebeu Matty, e talvez isso fosse algo bom. Mas não davam a impressão de serem benevolentes: havia trevas em pleno dia, e sombras que distorciam o caminho e vez por outra o faziam tropeçar em raízes e pedras.

Além disso, um mau cheiro pairava no ar. A Floresta agora fedia, como se ocultasse coisas mortas, em decomposição, naquela escuridão densa de agora.

Ao acampar em uma clareira que conhecia bem de outras viagens, Matty se acomodou em um tronco que já usara muitas vezes para sentar enquanto preparava a comida. De repente, ele cedeu sob o seu peso e o garoto teve que saltar de pé e espanar casca apodrecida e húmus gosmento e malcheiroso das roupas. O tronco, que resistira durante tanto tempo, firme e útil, se reduzira a pedaços de matéria vegetal morta; nunca mais voltaria a oferecer a Matty um lugar de descanso. Ele o chutou para longe e observou inúmeros besouros desalojados saírem correndo para novos esconderijos.

Começou a dormir mal. Pesadelos o atormentavam. Tinha dores de cabeça repentinas e sua garganta estava irritada.

Mas já se aproximava do seu destino, portanto prosseguiu. Para desviar os pensamentos da inquietação provocada pela Floresta, Matty se lembrou de quando era um garotinho. Da época em que ainda era pequeno e chamava a si mesmo de O Mais Feroz dos Ferozes, e da amizade com Kira.

Que garoto mais atrevido e corajoso tinha sido! Sem pai, com apenas uma mãe pobre e amargurada para cuidar de crianças que não havia desejado nem amava, Matty se voltara para uma vida de pequenos crimes e travessuras. Passava a maior parte do tempo com um grupo maltrapilho de meninos de cara suja, que faziam qualquer tipo de tramoia possível para sobreviver. O ambiente hostil à sua volta o conduzia ao roubo e aos golpes; se naquela época já fosse adulto, teria sido preso ou coisa pior.

No entanto, Matty sempre tivera um lado gentil, mesmo quando tentava mascarar-lo. Amava o cão, um vira-lata que havia encontrado ferido e do qual cuidara até ele ficar bom. Com o correr do tempo, passara a amar também a garota coxa chamada Kira, que nunca conhecera o próprio pai e ficara sozinha após a morte repentina da mãe.

“Mascote”, era como a garota o chamava, rindo. “Meu parceiro.” Ela o fez tomar banho, ensinou-lhe boas maneiras e lhe contou histórias.

“Eu sou O Mais Feroz dos Ferozes!”, exclamara Matty certa vez, vangloriando-se.

“Você é O Mais Sujismundo dos Sujismundos, isso sim”, respondera ela às gargalhadas e lhe dera o primeiro banho da vida.

Ele havia lutado e protestado, mas a verdade é que adorara a sensação da água quente. Por outro lado, nunca aprendera a gostar de sabão, embora Kira tenha lhe dado um pouco do seu. Mas, ao sentir os anos de sujeira sendo lavados do corpo, ele percebera que poderia se tornar alguém mais limpo, melhor.

Vagando como sempre, Matty aprendera os caminhos intrincados da Floresta. Um dia, encontrara a trilha até o Vilarejo, e ali conhecera o cego.

“Ela está viva?”, perguntara-lhe o homem, sem acreditar nos próprios ouvidos. “Minha filha está viva?”

Para Vidente, seria muito perigoso voltar. As pessoas que haviam tentado matá-lo, que o deixaram para morrer anos antes, achavam que tinham sido bem-sucedidas. Matariam o cego no mesmo instante se reaparecesse. Mas Matty, sorrateiro como ele só, o trouxera de volta em segredo, na calada da noite, para que Vidente pudesse enfim conhecer a filha. No canto do quarto, ficou observando Kira reconhecer a pedra quebrada que o cego usava como amuleto, encaixando-a no fragmento que sua mãe lhe dera no leito de morte. Matty viu também o cego tocar o rosto da filha, para gravar suas feições, e assistiu em silêncio aos dois lamentarem a morte de Katrina, seus corações conectados pela perda.

Então, quando a escuridão caiu na noite seguinte, ele conduziu o cego de volta. Mas Kira não quisera ir. Não naquele momento.

“Um dia”, prometera após as súplicas de Matty e do pai. “Eu irei um dia. Ainda há tempo. Tenho algumas coisas a fazer aqui antes.”

“Deve haver algum jovem”, falara o cego para o menino durante a viagem de regresso. “Ela está na idade.”

“Duvido”, retrucara Matty, rindo. “Não Kira. Ela tem mais o que pensar. E tem aquela perna torta pra danar. Se ocê é coxo, num pode se casar. Kira tem sorte de num terem jogado ela pras feras cumê. Bem que queriam. Só num fizeram isso porque ela sabia fazer coisas que eles precisavam.”

“Que coisas?”

“Ela planta flores e...”

“A mãe dela fazia o mesmo.”

“É, foi a mãe dela que ensinou, e a fazer cores com elas.”

“Tinturas?”

“Isso, ela tinge os fios e depois faz imagens com eles. Ninguém mais sabe fazer isso. Dizem que ela tem um toque mágico. E querem que ela fique por isso.”

“Ela seria honrada no Vilarejo. Não só por causa do talento, mas também por sua perna deformada.”

“Vira aqui.” Matty pegara o braço do cego e o conduziu para uma curva à direita no caminho. “Cuidado com as raízes.”

Ele notara que uma raiz tinha se erguido e espetado de leve o pé do homem, mesmo calçado com uma sandália. Isso o deixara muito nervoso durante o restante do trajeto. Graças à sua familiaridade com a Floresta, Matty conseguia sentir que ela estava dando pequenos Alertas ao cego. Não permitiria que ele voltasse a atravessá-la.

“Ela vai vir quando estiver pronta”, garantira Matty, tranquilizando o pai de Kira. “E, até lá, vou ficar indo e voltando.”

Mas já fazia dois anos que os amigos não se viam.



Matty saiu cambaleante da Floresta, pestanejando diante da claridade repentina do sol, pois passara tantos dias em meio à penumbra das árvores cerradas que quase esquecera como era a luz do dia.

Sentou-se no meio do caminho e ficou parado, ofegante, um pouco zonzo, enquanto Sapeca, preocupado, esfregava as patas em sua perna. Antes, ele costumava sair – como era mesmo a palavra? – *perambulando* pela Floresta, às vezes até assobiando. Mas dessa vez foi diferente. Era como se tivesse sido expulso dali. Mastigado e cuspidor. Quando tornou a olhar para as árvores, o caminho pelo qual tinha vindo parecia hostil, inóspito, impenetrável.

Sabia que precisaria entrar de novo na Floresta e percorrer as mesmas trilhas escuras que agora pareciam tão ameaçadoras. Conduziria Kira por elas, rumo a um futuro seguro junto ao seu pai. E, de repente, teve certeza de que seria a última vez que viajaria por aquele lugar.

Matty não podia se demorar. Não restava muito tempo para procurar seus velhos amigos de infância, recordar com eles suas travessuras ou vangloriar-se

um pouco do seu novo status. Costumava fazer isso quando ia lá. Nem mesmo poderia se despedir do estranho que seu irmão se tornara.

O Vilarejo seria fechado três semanas após o anúncio. Matty havia calculado o tempo com muito cuidado. Calculara a duração da viagem, somando os dias extras que consumiriam seus desvios para afixar as mensagens. Agora, só teria tempo para descansar – algo de que necessitava desesperadamente –, juntar comida para o retorno e convencer Kira a voltar com ele. Se atravessassem a Floresta em ritmo constante, sem interrupções (embora soubesse que o progresso seria mais lento com a garota), chegariam a tempo.

Matty pestanejou de novo, respirou fundo, levantou-se e seguiu às pressas para a pequena cabana depois da curva seguinte, onde Kira morava.



Os jardins estavam maiores do que Matty se lembrava; Kira os ampliara após a última visita dele, quase dois anos antes. Arbustos densos de flores amarelas e cor-de-rosa cercavam a pequena habitação de vigas cortadas à mão e telhado de palha. Matty nunca tinha prestado atenção aos nomes das flores – os meninos geralmente não se importavam com essas coisas –, mas agora desejava sabê-los para poder contar a Jean.

Sapeca foi até a base de um poste de madeira em que se enroscara uma trepadeira com flores roxas. Então ergueu a pata e proclamou sua presença e autoridade.

A porta da cabana se abriu e Kira apareceu. Usava um vestido azul e trazia os cabelos longos e negros presos atrás com uma fita da mesma cor.

– Matty! – exclamou, extasiada, e ele abriu um sorriso torto. – E você arranjou um cãozinho novo! Estava torcendo para que isso acontecesse. Ainda lembro como você ficou triste depois que Toquinho morreu.

– O nome dele é Sapeca. Desculpa, acho que ele está regando a sua...

– Clematite. Não tem problema – falou Kira, rindo, e o abraçou.

Abraços costumavam deixá-lo constrangido. Normalmente ele teria retesado os ombros e recuado, mas agora, por causa do cansaço e do afeto por Kira, o menino a abraçou e, para o seu próprio espanto, sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Ele pestanejou para afastá-las.

– Muito bem, agora se afaste um pouco para eu dar uma olhada em você – disse ela. – Já está mais alto do que eu?

Matty deu um passo para trás, sorrindo, e notou que os olhos deles estavam no mesmo nível.

– Daqui a pouco vai estar – continuou ela. – E sua voz já é quase a de um homem.

– Já li até Shakespeare – disse ele, orgulhoso.

– Rá! Eu também! – exclamou Kira.

Ao saber disso, o menino teve a confirmação de quanto aquele lugar havia mudado, pois antigamente as meninas não tinham permissão para ler.

– Ah, many, ainda me lembro de quando você era bem pequeno, e tão selvagem!

– O Mais Feroz dos Ferozes! – recordou ele, arrancando de Kira um sorriso afetuosos.

– Você deve estar exausto. E faminto! Acabou de fazer uma longa viagem. Entre. Tenho uma sopa no fogo. E quero notícias do meu pai.

Os dois entraram na cabana que Matty conhecia tão bem. Ele esperou Kira pegar a muleta apoiada numa parede e ajeitá-la debaixo do braço direito. Arrastando a perna inútil, ela apanhou uma tigela grossa de barro de uma prateleira e foi até a fogueira, onde um caldeirão fervia, cheirando a ervas e legumes.

Matty olhou ao redor. Não era de espantar que ela não quisesse sair dali. Das traves robustas do teto pendiam inúmeras ervas e plantas secas, que Kira usava para produzir as tinturas. As prateleiras se destacavam com rolos de linhas e fios organizados por cor: desde branco e amarelo bem claro, passando por azuis e roxos, até chegarem aos tons de marrom e cinza. Em um tear num canto entre duas janelas, um bordado ainda pela metade retratava uma paisagem intrincada de montanhas. Matty pôde ver que agora ela trabalhava no céu, já tendo bordado algumas nuvens róseas.

Kira pousou a tigela de sopa fumegante sobre a mesa diante do amigo e foi até a cozinha encher uma tigela com água para Sapeca.

– Agora me conte sobre papai. Ele está bem?

– Está ótimo. Mandou lembranças.

Ele viu Kira apoiar a muleta na pia e se ajoelhar com dificuldade para colocar a tigela no chão. Então chamou Sapeca, que estava empenhado em mastigar as cerdas de uma vassoura em um canto.

Quando o cãozinho veio para junto dela e voltou sua atenção para a tigela, Kira se levantou, cortou uma fatia grossa de pão, tornou a encaixar a muleta debaixo do braço e colocou a comida na mesa. Matty observou o seu andar, a forma como sempre tinha andado. O pé direito era virado para dentro, puxando junto a perna inteira, que não havia crescido como a outra; era mais curta, encurvada e inútil.

O menino agradeceu e mergulhou uma ponta da fatia de pão na sopa.

– Ele é um amor de cãozinho.

Matty mal deu ouvidos ao tagarelar alegre de Kira sobre o cachorro. Estava pensando no nascimento de Sapeca e na agonia do filhote e de sua mãe, que quase morreram.

Olhou para a perna deformada da amiga. Como seria mais fácil para Kira andar, como poderia viajar em um ritmo mais constante e veloz, se o membro fosse reto, se o pé se fincasse com firmeza no chão.

Lembrou-se de como ficara depois de ter salvado os cachorros. Agora estava cansado, exausto, por causa da longa viagem através da Floresta. Mas, naquele dia, sentira-se à beira da morte.

Tentou recordar quanto tempo havia levado para se recuperar. Sabia que tinha adormecido. Sim. Dormira a tarde inteira, satisfeito porque o cego não estava em casa para fazer perguntas. Porém, se levantara antes do jantar – ainda cansado,

mas capaz de esconder o ocorrido, de comer e conversar como se nada tivesse acontecido.

Portanto, a recuperação levava apenas algumas horas, na verdade. Mesmo assim, fora apenas um cãozinho. Um cãozinho e sua mãe. *Dois cachorros*. Ele havia consertado – curado, salvado? – dois cães em um fim de manhã e só se recuperara no fim do dia.

– Matty? Você não está ouvindo! Estava quase dormindo! – exclamou Kira, rindo de forma afetuosa e compassiva.

– Desculpe.

Ele levou o último pedaço de pão à boca e a encarou com uma expressão de culpa.

– Vocês estão cansados. Olhe para Sapeca.

Matty obedeceu e viu o cãozinho ferrado no sono, encolhido em um bolo de fios não tingidos amontoado próximo à porta, como se a pilha macia fosse uma mãe.

– Tenho trabalho a fazer no jardim. Preciso fincar estacas para a coreópsis. Deite e descanse um pouco enquanto eu estiver lá fora. Podemos conversar mais tarde. E você pode ir ao vilarejo para visitar seus amigos.

Matty assentiu e foi até o sofá para se deitar em cima da manta de tricô que Kira havia estendido ali. Em sua mente, contava os dias que ainda lhe restavam. Explicaria a ela depois que não teria tempo de visitar os amigos.

Com os olhos pesados de exaustão, observou-a colocar a tigela na pia. Apoiando-se na muleta, Kira apanhou algumas estacas em uma gaveta e uma bola de barbante. De posse das ferramentas de jardinagem, ela se virou para sair. Havia tempo que Matty conhecia tudo a respeito de Kira: o sorriso, a voz, o grande otimismo, a força e a habilidade extraordinárias das mãos, o fardo que era a perna inútil.

Preciso lhe dizer isto, pensou Matty antes de adormecer. Eu posso consertar você.

Para seu espanto, Kira se recusou. Não a ir embora, pois Matty ainda não havia lhe sugerido isso, mas a ter uma perna reta e perfeita. Seu “não” foi definitivo e incontestável.

– É assim que eu sou, Matty. É como sempre fui.

Ela o fitava com um olhar carinhoso. Mas sua voz era firme.

Anoitecera. O fogo brilhava na lareira e Kira havia acendido lamparinas. Matty bem queria que o cego estivesse ali, tocando seu instrumento, pois os acordes suaves e complexos sempre traziam paz. Queria que a amiga ouvisse a música, se sentisse confortada.

Ainda não dissera a Kira que ela precisava voltar com ele. Antes, durante o jantar, enquanto a amiga falava das mudanças na comunidade, sobre como a situação estava melhor, Matty mal conseguia ouvir. Ele ponderava o que dizer à amiga, quando e como. Havia muito pouco tempo, e o menino sabia que deveria expor a questão de forma convincente.

Mas, de repente, Matty a ouvira fazer um comentário casual sobre sua deficiência. Kira estava descrevendo uma pequena tapeçaria que bordara recentemente, para dar de presente de casamento a seu amigo Thomas, o entalhador.

– Estava prontinha e enrolada e eu a decorei com flores. Então, na manhã do casamento, saí daqui carregando a tapeçaria nos braços. Mas, como tinha chovido e o caminho estava molhado, escorreguei e a deixei cair em uma poça de lama! – Kira riu. – Por sorte, ainda era cedo, logo pude voltar para cá e consegui limpá-la. Ninguém ficou sabendo. Minha perna é um estorvo quando está molhado lá fora. Nunca aprendi direito a andar de muleta na lama.

Ela pegou o bule e se pôs a servir mais chá em suas canecas.

Surpreendendo a si mesmo, Matty desembuchou:

– Eu posso consertar sua perna.

O recinto caiu no mais completo silêncio, exceto pelo chiado e o crepitar do fogo. Kira olhava firme para Matty.

– Posso, *sim* – falou ele após um instante. – Eu tenho um dom. Seu pai disse que você também tem um, então deve entender.

– É verdade. Sempre o tive. Mas meu dom não abrange consertar deformidades.

– Eu sei. Seu pai contou que o seu é diferente.

Kira olhou para as próprias mãos, que envolviam a caneca de chá. Abriu-as sobre a mesa, depois virou-as para cima. Matty pôde ver as palmas estreitas e os dedos fortes, suas pontas calejadas de tanto trabalhar no jardim e no tear e com as agulhas que usava para fazer as tapeçarias complexas e bonitas.

– O meu está nas mãos – falou ela, baixinho. – Ele surge quando produz algo. Minhas mãos...

Matty sabia que não deveria interrompê-la. Mas o tempo era muito curto. Então decidiu cortá-la, pedindo desculpas.

– Kira, quero que você me conte tudo sobre o seu dom. Só que mais tarde. Agora, a gente tem coisas mais importantes a fazer e decidir. Vou lhe mostrar algo. Olhe só isto. Meu dom também está nas mãos.

Ele não havia planejado aquilo. Mas parecia necessário. A faca afiada que usara para cortar o pão no jantar estava em cima da mesa. Matty a apanhou e suspendeu a perna esquerda da calça. Kira observava com uma expressão confusa. Rapidamente, sem titubear, ele perfurou o próprio joelho. Sangue vermelho-escuro logo escorreu em um filete irregular.

– Meu Deus! – Kira ofegou, encarando-o, e levou a mão à boca. – O que...?

Matty engoliu em seco, respirou fundo, fechou os olhos e pousou as mãos no joelho. Sentiu que estava vindo. As veias começaram a pulsar, a vibração atravessou seu corpo e o poder emanou, penetrando o ferimento. Poucos segundos depois, estava feito.

Ele pestanejou e afastou as mãos. Elas estavam um pouco sujas de sangue. O filete na perna já havia começado a coagular.

– Matty! O que você está...?

O menino gesticulou e Kira se inclinou para a frente, analisando com atenção seu joelho. Em seguida, pegou o guardanapo bordado da mesa, embebeu-o em chá e limpou-lhe a perna. O filete desapareceu. O joelho estava liso, incólume. Não havia nenhum ferimento agora. Ela continuou a fitar a região, então mordeu o lábio, estendeu a mão e puxou para baixo a bainha da calça de Matty, cobrindo seu joelho.

– Entendi. – Foi tudo o que disse.

Matty afastou a onda de cansaço que aquilo lhe causara.

– Esse era um machucado bem pequeno. Foi só para mostrar o que posso fazer. Não exigiu muito de mim. Mas já fiz com coisas maiores, Kira. Com outras criaturas. Com feridas muito mais graves.

– Com humanos?

– Ainda não. Mas sei que é possível. Sinto que é, Kira. Quando se tem um dom, você *sabe*.

Ela assentiu.

– Sim. É verdade.

A garota olhou para as próprias mãos, pousadas sobre a mesa, ainda segurando o pano úmido.

– Kira, sua perna vai exigir muito de mim. Vou precisar dormir depois, talvez um dia inteiro ou até mais. E não tenho muito tempo.

Ela o encarou, intrigada.

– Tempo para quê?

– Depois eu explico. Mas acho que a gente deveria começar logo. Se eu agir agora mesmo, posso dormir a noite inteira e boa parte da manhã. Você pode usar esse tempo para se acostumar a ser uma pessoa completa...

– Eu *sou* completa – interrompeu ela, irritada.

– Quero dizer, com duas pernas fortes. Você vai ficar impressionada ao ver como é, a facilidade com que vai poder se movimentar. Mas vai precisar de

tempo para se habituar.

Ela o encarou firme. Olhou para a sua perna deformada.

– Por que não se deita ali no sofá? Posso puxar aquela cadeira para sentar ao seu lado – sugeriu Matty, e começou a torcer as mãos para se preparar.

Respirou fundo várias vezes e se sentiu energizado. Notou que havia recuperado toda a sua força. O corte no joelho fora mesmo uma coisinha de nada.

Ele se levantou, pegou a cadeira de madeira e colocou-a ao lado do sofá em que tinha cochilado à tarde. Ajeitou as almofadas para que a amiga ficasse confortável. Atrás, ouviu Kira também se erguer, apanhar a muleta, que estava apoiada na mesa, e atravessar a sala. Quando Matty se virou, ficou surpreso ao ver que ela havia levado as canecas para a pia e começara a lavá-las, como se aquela fosse uma noite como outra qualquer.

– Kira?

Ela olhou em sua direção, o rosto um pouco fechado. Então recusou.

Não havia a menor chance de convencê-la. Passado algum tempo, Matty desistiu de tentar.

Por fim, ele puxou a cadeira de volta para poder se sentar diante do fogo. As noites estavam mais frias agora, com o fim do verão. Chegara a passar frio em suas noites na Floresta, acordando pela manhã dolorido e enregelado. Era confortável estar próximo do calor do fogo agora.

Kira pegou um pequeno quadro de madeira com um bordado ainda pela metade esticado de uma ponta a outra. Levou-o até a cadeira e pôs um cesto cheio de linhas coloridas no chão, ao seu lado. Então apoiou a muleta na parede da lareira, sentou-se e pegou a agulha já preparada com uma linha verde, que estava presa ao tecido.

– Eu vou com você – falou ela de repente, com a voz suave. – Mas do jeito que sou. Com minha perna. E minha muleta.

Matty a encarou, intrigado. Como Kira sabia o que ele pretendia lhe pedir?

– Eu ia explicar para você – disse o menino um instante depois. – Ia tentar convencê-la. Como...?

– Eu comecei a lhe contar mais cedo sobre o meu dom. O que minhas mãos fazem. Puxe sua cadeira mais para perto e eu lhe mostrarei agora.

Matty obedeceu. Kira inclinou o quadro de tear para que ele pudesse ver. Como a tapeçaria colorida na parede da casa do cego, aquela era uma paisagem. Os pontos eram minúsculos e intrincados e as seções se diferenciavam por uma sutil mudança de cor, de modo que o verde-escuro se transformava gradualmente em tons mais e mais claros de verde, até se tornar um amarelo suave nas bordas. As cores se combinavam para formar um extraordinário padrão de árvores, com inúmeras folhas individualmente cerzidas nos mínimos detalhes.

– É a Floresta – falou Matty, reconhecendo o local.

Ela assentiu.

– Olhe para além dela – falou Kira, apontando uma seção no canto superior direito, onde a Floresta se abria e casas pequeninas estavam bordadas em volta de caminhos sinuosos.

Matty teve a impressão de quase conseguir ver a casa que dividia com o cego, por mais infima que ela fosse no tecido.

– O Vilarejo – disse ele enquanto examinava, abismado, a meticulosidade do trabalho de Kira.

– Eu bordei esta imagem inúmeras vezes e, às vezes, minhas mãos começavam a se mover de maneira involuntárias. As linhas pareciam ter vida própria.

Ele se inclinou mais para perto, a fim de analisar melhor o bordado. O nível de detalhe em algo tão minúsculo era extraordinário.

– Matty, nunca fiz isso com outra pessoa vendo. Mas consigo sentir em minhas mãos agora. Observe.

O menino olhou atentamente Kira apanhar a agulha preparada com a mão direita. Ela a inseriu no tecido em uma parte inacabada perto dos limites da Floresta. De repente, suas mãos começaram a vibrar um pouco. Elas *brilharam*. Matty já vira aquilo, no dia em que Lider parara diante da janela, reunira suas forças e vira além.

Matty encarou Kira e viu que seus olhos estavam fechados. Mas as mãos se moviam bem depressa agora. Elas iam várias vezes ao cesto, mudando as linhas com um movimento tão rápido que ele mal conseguia acompanhar. A agulha penetrava repetidamente o tecido, sem intervalo.

O tempo pareceu congelar. O fogo ainda crepitava e estalava. Sapeca bufou em meio ao sono, junto à lareira. Matty continuava imóvel, atônito, observando as mãos reluzentes trabalharem a toda a velocidade. Era como se horas, dias, semanas passassem, mas, estranhamente, apenas um breve instante havia transcorrido. Aquele dia, o seguinte e a véspera estavam unidos, entrelaçados nas mãos que se moviam sem parar, enquanto os olhos de Kira permaneciam fechados, o fogo continuava a crepitar e o cachorro seguia dormindo.

Então tudo acabou.

Kira abriu os olhos, empertigou-se na cadeira e alongou os ombros.

– Fico muito cansada – explicou, embora Matty já soubesse disso. – Olhe agora. Rápido, pois vai desaparecer.

Ele se inclinou para a frente e viu que agora, na parte de baixo da cena bordada, duas pessoas minúsculas entravam na Floresta. Matty se reconheceu, com a mochila nas costas; ficou maravilhado ao notar que conseguia ver inclusive o rasgo na manga do casaco. Atrás dele, bordado meticulosamente em tons de marrom, estava Sapeca com o rabo empinado. Ao lado do cachorro via-se Kira, com o vestido azul, a muleta encaixada debaixo do braço e os cabelos pretos amarrados atrás.

A extremidade superior do bordado também tinha mudado. Agora ali estava o cego parado ao lado da casa que ele havia reconhecido como a sua. Pela postura, era como se esperasse por algo.

De repente, Matty viu também uma multidão nas fronteiras do Vilarejo. As pessoas arrastavam enormes toras de madeira. Alguém, que parecia Mentor, dava ordens. Elas se preparavam para construir uma muralha.

Matty se recostou na cadeira. Piscou, estupefato, então se inclinou à frente para analisar o bordado outra vez. Tentava encontrar Jean em alguma parte da

cena. Mas os detalhes já haviam desaparecido. Ele ainda conseguia ver os pontos coloridos, mas o bordado voltara a ser uma paisagem simples – por mais extraordinária e bela que fosse. Enxergou pessoas ali ainda por um instante, rudimentares agora, sem nenhum detalhe, mas então se apagaram bruscamente e desapareceram.

Kira largou o quadro de tear no chão e se levantou.

– Temos que partir pela manhã. Vou preparar a comida.

Matty ainda estava pasmo com o que tinha visto.

– Não entendo.

– Você entende o que aconteceu quando cortou o joelho com aquela faca e fechou e curou a ferida com as próprias mãos?

– Não – admitiu ele. – Não entendo. É o meu dom. Isso é tudo o que sei.

– Bem – falou Kira em tom casual –, este é o meu: minhas mãos criam uma imagem do futuro. Ontem pela manhã, peguei o mesmo tecido e vi você saindo da Floresta. À tarde, quando abri a porta, lá estava você.

Ela deu uma risadinha.

– Mas não tinha visto Sapeca. Ele foi uma boa surpresa.

O cachorro acordou e ergueu a cabeça ao ouvir seu nome. Então foi para junto dela, pedindo carinho.

– Enquanto você dormia – disse Kira –, eu retomei o bordado e vi que papai estava à minha espera. Isso foi hoje à tarde. Agora, começaram a transportar essas toras para erguer a muralha. E... você notou a mudança na Floresta, Matty?

Ele balançou a cabeça.

– Estava prestando atenção nas pessoas.

– A Floresta ficou mais cerrada. Temos que nos apressar, Matty.

Estranho. Líder tinha visto o mesmo.

– Kira?

– Oi?

Ela pegava comida de um armário.

– Você viu um rapaz de olhos azuis? Mais ou menos da sua idade? A gente o chama de Líder.

Kira se deteve por um instante, pensativa. Uma mecha de cabelo preto caiu diante do seu rosto e ela a afastou para trás. Em seguida, balançou a cabeça.

– Não. Mas eu o *senti*.

Eles acordaram cedo. O sol ainda despontava no céu e Matty pôde ver pela janela que os jardins estavam banhados em uma luz âmbar. Em volta de uma treliça alta, uma trepadeira grossa que estava apenas verde quando ele chegara no dia anterior agora encontrava-se repleta de ipomeias brancas e azuis. Depois da treliça, em estacas também altas, pequenos ásteres tremulavam à brisa matinal, com suas pétalas rosa-escuro e centros dourados.

Matty sentiu uma presença de repente e, ao se virar, deu com Kira parada, olhando para fora.

– Vai ser difícil para você deixar tudo para trás – falou ele.

Mas Kira sorriu e balançou a cabeça.

– Está na hora. Eu sempre soube que este dia chegaria. Disse isso ao meu pai naquela época.

– Ele falou que você vai ter um jardim lá. Queria que eu avisasse.

Kira assentiu.

– Coma depressa, Matty, para podermos sair. Já dei de comer a Sapecá.



– Precisa de ajuda? – perguntou o menino, com a boca cheia do muffin que ela lhe dera, enquanto a observava ajeitar uma trouxa nas costas, cruzando as alças no peito. – O que tem nela?

– Não, consigo fazer isso sozinha. São meu quadro de tear e algumas agulhas e linhas.

– Kira, a viagem vai ser longa e árdua. Você não vai ter tempo para sentar e costurar.

Então Matty se calou. É claro que ela precisava daquilo. Era assim que seu dom se manifestava.

Kira colocara comida na mochila dele, bem como em seu cobertor enrolado. Pesava mais do que na vinda, pois eram dois agora. Mas Matty se sentia forte. Estava quase aliviado por ela não ter deixado que consertasse sua perna, pois isso o teria enfraquecido terrivelmente, lhes custaria vários dias e os enviaria para a Floresta menos preparados e mais vulneráveis.

Além disso, via que Kira estava habituada à muleta e à perna deformada. Uma vida inteira andando daquela maneira tornara o defeito parte dela, como a própria garota dissera. Ela era assim. Tornar-se uma Kira que andasse rápido, com as duas pernas retas, seria como se transformar em uma pessoa diferente. E aquela não era uma jornada que Matty pudesse fazer com uma estranha.

– Sapecá, se você fosse um pouco maior e menos travesso, eu colocaria uma mochila nas suas costas – disse Kira, rindo.

O cãozinho ansioso se postava diante da porta abanando o rabo. Já havia notado que eles estavam de partida. Não queria ser deixado para trás.

Logo carregavam tudo o que tinham embalado com cuidado na noite anterior.
– Bem, estamos prontos – anunciou Kira, e Matty assentiu.

Diante da porta aberta, com Sapeca já cheirando a terra do lado de fora, eles se viraram e olharam para o interior da ampla habitação, que fora o lar de Kira desde a infância. Ela estava abandonando o tear, os cestos de fios e linhas, os quadros, as ervas secas penduradas nas traves do teto, as canecas e os pratos de barro feitos pelo oleiro da vila e a linda bandeja de madeira que seu amigo Thomas lhe dera de presente tempos antes, entalhada com motivos intrincados. Dos ganchos na parede pendiam roupas que ela própria havia feito: saias e casacos enfeitados com bordados e apliques decorativos. Naquele dia, Kira usava o vestido azul simples e um suéter de lã pesado, com botões de pequenas pedras achatadas.

Ela fechou a porta para tudo aquilo.

– Venha, Sapeca – chamou Matty desnecessariamente.

O cão foi correndo até os dois e ergueu a pata uma última vez junto ao batente da porta, como se dissesse: “Eu estive aqui.”

Então Matty foi em direção à trilha que adentrava a Floresta. Apoiando-se na muleta, Kira o acompanhou, seguida por Sapeca com as orelhas em pé.



– Sabe – falou Kira –, atravessei muitas vezes o caminho entre esta cabana e o centro da minha vila. – Ela riu. – Ora, é claro que você sabe disso, não é, Matty? Afinal, fez o mesmo comigo quando ainda era um garotinho.

– Pois é. Várias vezes.

– Mas nunca entrei na Floresta, nem uma vez. Não havia necessidade, é claro. E, por algum motivo, ela sempre me pareceu assustadora.

Tinham acabado de entrar e ainda era possível ver a luz da clareira atrás deles, bem como um dos cantos da pequena cabana de Kira. Matty conseguia notar, no entanto, que logo em frente o caminho se encontrava estranhamente mergulhado na escuridão. Ele não se lembrava de ser tão sombrio ali.

– Está com medo agora? – perguntou Matty.

– Ah, não, não com você. Você conhece muito bem a Floresta.

– É, conheço mesmo.

Contudo, Matty se sentia apreensivo, embora tentasse esconder isso de Kira. A trilha adiante não lhe parecia tão familiar como sempre. Ele via que era a mesma, pois as curvas continuavam iguais – quando dobraram a seguinte, já não era possível ver a clareira atrás –, mas o que antes era fácil, o que ele estava habituado a fazer, se alterara. Agora, tudo parecia um tanto diferente: um pouco mais escuro e, decididamente, mais hostil.

Mas Matty não falou nada. Apenas seguiu em frente e Kira o acompanhou, firme.



– Eles entraram na Floresta.

Líder deu as costas para a janela. Passara um bom tempo parado ali, compenetrado, enquanto o cego aguardava atrás. Vinham fazendo aquilo havia vários dias.

Líder sentou-se para descansar. Respirava com dificuldade. Estava habituado à maneira como o corpo perdia momentaneamente as forças e precisava se recuperar depois de ver além.

O cego suspirou, aliviado.

– Então ela aceitou vir com ele.

Líder assentiu, ainda sem condições de falar.

– Temia que ela não fosse querer – continuou Vidente. – Significa deixar tanta coisa para trás... Mas Matty a convenceu. Bom para ele.

Líder se espreguiçou e bebeu um gole do copo d'água em cima da mesa. Então conseguiu falar:

– Ela não precisou ser convencida. Já sabia que era a hora. Ela tem o seu dom.

O cego foi até a janela e ficou parado ali, com os ouvidos apurados. Barulhos de coisas pesadas sendo arrastadas e largadas eram acompanhados de gritos: “Para cá!”, “Largue aqui!”, “Cuidado!”.

Então escutaram a voz de Mentor, que soava mais alta do que as outras:

– Empilhe-os bem aqui! Cinco por pilha. Você! Seu idiota! Pare com isso! Se não vai ajudar, suma daqui.

Líder se retraiu.

– Pouco tempo atrás, ele era tão paciente, sua voz era tão mansa... Ouça como fala agora.

– Diga-me como está a aparência dele – pediu o cego.

Líder foi à janela e olhou para o local em que as pessoas se preparavam para erguer a muralha. Identificou Mentor na multidão.

– Ele deixou de ser calvo. E está mais alto. Ou, pelo menos, mais empertigado. Perdeu peso. E o maxilar parece mais firme do que antes.

– Que negociação estranha.

Líder deu de ombros.

– Por uma mulher, homens fazem as coisas mais estranhas.

– Imagino que seja cedo demais para você ver além outra vez.

O cego continuava diante da janela. Sua postura indicava apreensão.

Líder sorriu.

– Você sabe que sim. Eles acabaram de entrar. Estão bem.

– Quanto tempo lhes resta?

– Dez dias. De acordo com o decreto, só daqui a dez dias a muralha poderá ser erguida. Há tempo de sobra.

– Matty é como um filho para mim. É como se minhas duas crianças estivessem lá fora.

– Eu sei – Líder passou o braço pelos ombros do homem, em um gesto

– Eu sei. – Lider passou o braço pelos ombros do homem, em um gesto tranquilizador. – Volte aqui amanhã de manhã e veremos outra vez.

– Vou trabalhar no jardim. Estou preparando canteiros de flores para Kira.

– Boa ideia. Vai afastar a preocupação da sua cabeça.

Porém, depois que Vidente foi embora, Lider continuou parado diante da janela por mais um tempo, ouvindo os preparativos dos construtores da muralha. Ele mesmo estava muito preocupado. Não quisera contar ao cego. Mas, enquanto observava Matty, Kira e o cãozinho, vira que a Floresta mudava, movia-se, tornando-se mais cerrada e preparando-se para aniquilá-los.

– Vou pegar uns peixes ali na frente – avisou Matty. – Sapeca não vai querer comê-los, mas eu e você, sim. E tem também frutos silvestres e nozes. Então a gente não precisa racionar isso. Coma quanto quiser.

Kira assentiu e deu outra mordida na maçã vermelho-escura que ele lhe dera.

– Seria bom reduzir o peso da mochila. Assim poderemos avançar mais rápido.

Eles estavam sentados no cobertor no lugar que Matty escolhera para passarem a primeira noite. Tinham cruzado uma distância considerável durante o dia. O menino ficara impressionado ao ver como ela conseguia acompanhar bem seu ritmo.

– Não, Sapeca, minha muleta, não – ralhou Kira, mas de forma afetuosa, quando ele tentou roê-la. – Tome – acrescentou, pegando um graveto do chão.

Ela o atirou para o cachorro, que saiu correndo com o novo brinquedo, rosnando alegremente, na esperança de que alguém o perseguisse. Como ninguém fez isso, ele se deitou e atacou o graveto como um guerreiro, destruindo a casca com os dentes pequenos, porém afiados.

Matty jogou alguns ramos secos na fogueira que haviam feito. Já era quase noite e estava frio.

– A gente andou bastante hoje. Você me surpreendeu se saindo tão bem. Achei que, por causa da perna...

– Estou muito acostumada com ela. Sempre andei assim. – Kira desamarrou as sandálias de couro e começou a massagear os pés. – Mas estou cansada. E olhe: estou sangrando. – Ela se inclinou para a frente, embolando a batinha da saia na mão, e limpou sangue da sola do pé. – Vou jogar este vestido fora quando chegarmos lá – disse ela, rindo. – Existe tecido lá para que eu possa fazer novas roupas?

– Sim. A gente tem bastante na praça do mercado. E você também pode pegar roupas emprestadas da minha amiga Jean. Ela é mais ou menos do seu tamanho.

Kira o encarou.

– Jean? Você ainda não tinha me falado dela.

Matty sorriu, aliviado por estar escuro e ela não poder vê-lo corar. Ficou espantado ao notar que ruborizava. O que estava havendo? Havia anos que conhecia Jean. Os dois costumavam brincar quando eram pequenos, logo após sua chegada ao Vilarejo. Certa vez, ele tentara assustá-la com uma cobra, mas descobrira que ela gostava do animal.

Entretanto, para Kira, Matty se limitou a dar de ombros.

– Ela é minha amiga. E é bonita – acrescentou, arrependendo-se logo em seguida, constrangido.

Esperava que Kira fosse zombar dele, mas ela não estava ouvindo. Examinava os próprios pés e, mesmo sob a luz bruxuleante do fogo, Matty pôde ver que as solas tinham cortes feios e sangravam.

Ela mergulhou a batinha da saia na tigela d'água que havia colocado para Sapeca e limpou as feridas. Sob a luz da fogueira, Matty viu-a se encolher de dor.

– Está doendo muito? – perguntou ele.

– Vou ficar bem. Vou passar um pouco do unguento de ervas que eu trouxe.

Ela abriu uma algibeira que tirou do bolso e começou a tratar as perfurações e os cortes.

– Tem algo de errado com as sandálias? – indagou Matty, olhando para os calçados de couro macio que estavam lado a lado no chão. Suas solas eram firmes e, pela maneira como Kira andava, pareciam confortáveis.

– Não. Elas estão ótimas. Mas é estranho... Eu precisava ficar parando o tempo todo para arrancar gravetos de dentro delas. Você deve ter notado. – Kira voltou a rir. – É como se a vegetação rasteira estivesse *se esticando* para me espetar. – Ela esfregou um pouco mais de unguento nas feridas. – E me espetava com *força*, ainda por cima. Talvez amanhã eu enrole alguns panos em volta dos pés antes de calçar as sandálias.

– Boa ideia.

Matty evitou transparecer como aquilo o deixava apreensivo. Tornou a alimentar a fogueira e rearranjou algumas pedras em volta dela, para que as chamas não pudessem escapar do pequeno espaço em que foram acesas.

– É melhor a gente ir dormir, assim dá para começar a andar bem cedo amanhã – sugeriu ele.

Um instante depois, os três estavam enroscados no chão sob o cobertor, Sapeca entre eles. Matty ficou escutando. Ouvia a respiração regular de Kira, que havia adormecido imediatamente. Sentia o cachorro se remexer em seu sono leve de filhote, talvez sonhando que perseguia pássaros e esquilos. Ouviu os últimos movimentos dos gravetos na fogueira à medida que ela se apagava, tornando-se um monte de cinzas. Ouviu o barulho do vento e o bater de asas de uma coruja mergulhando em direção ao solo, então o guincho agudo de um roedor vítima de suas garras.

Notou também que, da direção para a qual estavam viajando, vinha um resquício do mau cheiro que permeava o coração da Floresta. Pelos cálculos de Matty, ainda demorariam três dias para chegar lá. Ficou surpreso ao perceber que o odor pungente de decomposição tinha viajado até ali. Quando enfim adormeceu, seus sonhos foram dominados pela consciência daquela putrefação e pela iminência de um grande perigo.



Pela manhã, depois de comerem, Kira enrolou os pés em tiras de tecido que havia rasgado da barra do vestido. Quando as bandagens estavam grossas o suficiente para protegê-la, afrouxou as tiras das sandálias e enfiou com cuidado os pés enfaixados.

Então pegou a muleta e andou um pouco em volta da fogueira para testar o aranjó.

– Ótimo – falou após um instante. – Está bem confortável. Não terei mais problemas.

Embrulhando o que restava da comida no cobertor, Matty a encarou.

– Me diga se acontecer outra vez, isso dos ramos e gravetos espetarem você.

Ela assentiu.

– Preparado, Sapeca? – falou Kira.

O cãozinho veio correndo dos arbustos, onde estivera mexendo na toca de um roedor. Ela ajeitou nas costas a trouxa com as ferramentas de bordado e se preparou para seguir Matty, que já começara a andar.

Para sua surpresa, ele teve certa dificuldade em achar o caminho naquela segunda manhã. Isso nunca tinha acontecido. Kira esperou pacientemente atrás dele enquanto Matty investigava várias possíveis saídas da clareira em que haviam dormido.

– Já passei tanto por aqui... – disse para Kira, confuso. – Dormi várias vezes neste lugar. E a trilha sempre estava liberada e fácil de encontrar. Mas agora...

Ele afastou uns arbustos com a mão, analisou por um instante o solo revelado, então sacou a faca do bolso e podou os galhos.

– Aqui – falou, apontando. – Este é o caminho. Mas, de alguma forma, os arbustos cresceram, escondendo-o. Não é estranho? Acabei de passar por aqui um dia e meio atrás. Tenho certeza de que a vegetação não estava tão crescida assim.

Ele manteve os arbustos densos afastados para que Kira pudesse passar com mais facilidade e ficou satisfeito ao ver que seus passos pareciam firmes e indolores, apesar dos pés feridos.

– Posso usar a muleta para afastar os obstáculos – falou ela. – Está vendo?

Kira a ergueu e a usou para empurrar para cima um cipó grosso que tinha se estendido de uma árvore a outra, na extremidade oposta do caminho, formando uma barreira na altura dos ombros. Juntos, eles se agacharam e passaram por debaixo. Mas, no mesmo instante, viram que havia outros adiante, impedindo o avanço.

– Vou cortá-los – disse Matty. – Espere aqui.

Kira aguardou. Sapeca se manteve repentinamente quieto e desconfiado aos pés dela enquanto Matty cortava os cipós que se acumulavam, agora na altura dos olhos.

– Ai! – exclamou ele, retraindo-se.

Uma seiva corrosiva pingou dos cipós cortados e o queimou ao cair em seu braço, abrindo um buraco no tecido de algodão fino da manga da camisa.

– Cuidado para ela não pingar em você – alertou, gesticulando para que Kira avançasse.

Atravessaram cautelosamente a trilha, que era um labirinto de cipós entrelaçados, Matty na dianteira com a faca. A seiva espirrava a todo momento em seus braços, até as mangas da camisa estarem todas esburacadas, e os braços, cheios de queimaduras. O progresso era muito lento e, quando enfim o caminho se alargou, livre da vegetação lustrosa (que eles já conseguiam ver,

perplexos, crescer e bloquear outra vez a trilha que haviam acabado de cruzar), pararam para descansar. Tinha começado a chover. As copas das árvores eram tão cerradas acima deles que a chuva mal conseguia penetrá-las, mas a folhagem gotejava e a água fria caía em seus ombros.

– Você tem mais daquele unguento de ervas? – perguntou Matty.

Kira o tirou do bolso e entregou-o a ele. O menino havia arregaçado as mangas e examinava os braços. Feridas inflamadas e bolhas cobriam-lhe a pele.

– Foi a seiva – explicou, esfregando o unguento nas lesões.

– Parece que meu suéter era grosso o suficiente para me proteger. Está doendo?

– Não, não muito.

Mas não era verdade. Matty não queria alarmá-la, mas a dor era excruciante, como se os braços ardessem em chamas. Prendeu a respiração e mordeu a língua para não gritar enquanto aplicava o unguento.

Por um instante, pensou em usar o seu dom, invocar o poder vibrante para erradicar aquelas erupções venenosas. Mas sabia que não deveria fazer isso. Exigiria demais dele. Matty estaria, nas palavras de Líder, *desperdiçando o seu dom*. Além disso, retardaria seu avanço. Precisavam seguir em frente. Algo tão aterrorizante estava acontecendo que o garoto nem mesmo se atrevia a entender.

Kira não sabia de nada disso. Ela nunca havia feito aquela viagem antes. Sentia as dificuldades do segundo dia, mas não percebia como eram incomuns. Ainda conseguia rir, sem saber da dor inacreditável que Matty sentia.

– Minha nossa – falou ela, com uma risadinha –, ainda bem que minha clematite não cresce tão rápido nem fica tão espessa. Eu não conseguiria abrir a porta da frente.

Matty voltou a desenrolar as mangas e devolveu o unguento a Kira, forçando-se a sorrir. Sapeca gania e tremia.

– Pobrezinho – falou Kira, pegando-o no colo. – Ficou assustado com a trilha? Aquela seiva pingou em você?

Ela o entregou a Matty, que não encontrou feridas. Mas o cãozinho se recusava a andar. O menino o enfiou no casaco, dobrando suas pernas desajeitadas, e o filhote se aninhou junto ao peito do dono. Sentiu o pequeno coração da criaturinha bater contra o seu.

– Que cheiro é este? – perguntou Kira, fazendo uma careta. – Parece adubo.

– Tem um monte de coisas em decomposição no centro da Floresta.

– Vai ficar pior?

– Infelizmente, vai.

– Como você faz para aguentar? Amarra um pano sobre o nariz e a boca?

Ele queria lhe contar a verdade: *Nunca senti este cheiro antes. Já passei por aqui mais de dez, talvez mais de vinte vezes, mas nunca o senti. Aqueles cipós nunca estiveram ali. Nunca foi desse jeito.*

Em vez disso, respondeu:

– É o melhor método, imagino. E o seu unguento tem um aroma gostoso de ervas. A gente esfrega um pouco em cima dos lábios, para bloquear o fedor.

– E então passa bem rápido – sugeriu ela.

– Isso. A gente passa o mais rápido possível.

A ardência tinha diminuído nos braços, que, agora, apenas latejavam dolorosamente.

Mas seu corpo estava quente e fraco, como se ele estivesse doente. Matty teve vontade de se deter para descansar, sugerindo que estendessem o cobertor e se deitassem um pouco. Mas nunca descansara ao meio-dia nas viagens anteriores. E, dessa vez, não podiam ser dar ao luxo de perder tempo. Precisavam seguir adiante, em direção à origem do mau cheiro. Pelo menos os cipós estavam atrás deles e Matty não via outros à frente.

A chuva fria continuava a cair. Ele se lembrou de repente de como os cabelos de Jean se encaracolavam quando o tempo estava úmido, emoldurando o seu rosto. Em contraste com aquele cheiro horrível que se intensificava a cada minuto, recordou a fragrância do beijo de despedida. Pareciam ter se passado séculos.

– Vamos – falou, gesticulando para que Kira o seguisse.



Líder disse a Vidente que Matty e Kira tinham superado a primeira noite e já haviam avançado bastante no segundo dia. Da cadeira em que descansava, ele balbuciou as palavras, sem forças para falar com sua habitual voz firme.

– Ótimo – comentou o cego, animado, sem suspeitar de nada. – E o cãozinho? Como está Sapeca? Conseguiu vê-lo?

Líder assentiu.

– Ele está bem.

A verdade, Líder sabia, era que o filhote estava em melhores condições do que o próprio Matty. Assim como Kira. Pôde ver que ela tivera problemas no primeiro dia, quando a Floresta a atacara, machucando-a. O dom dele lhe oferecera um vislumbre dos pés feridos. Tinha visto a jovem esfregando unguento e se retraindo de dor; compassivo, ele também se encolhera. Mas ela estava se saindo bem agora. Embora não tivesse contado ao cego, podia enxergar que agora a Floresta atacava Matty.

E o pior ainda estava por vir.

Na segunda tarde, Matty estava em agonia e sabia que ainda faltava um dia para o pior chegar. Envenenados pela seiva, os braços tinham inflamado e o pus escorria. O caminho fora quase todo engolido pela vegetação, os arbustos o arranhavam, raspando nas queimaduras infeccionadas, fazendo-o quase soluçar de dor.

Não podia mais enganar Kira e deixá-la pensar que aquela era uma viagem comum. Ele lhe contou a verdade.

– O que devemos fazer? – perguntou ela.

– Não sei. A gente pode tentar retornar, mas o caminho de volta já está bloqueado, como você pode ver. Duvido que dê para encontrá-lo, e não posso atravessar aqueles cipós outra vez, disse tenho certeza. Olhe para os meus braços.

Com cuidado, arregaçou as mangas arruinadas da camisa. Kira arquejou de espanto. Seus braços já não pareciam membros humanos: haviam inchado até a pele se esgarçar e um fluido amarelado os lambuzava.

– O centro está perto – explicou Matty. – Além dele, fica o caminho da saída. Mas a gente ainda tem um longo percurso pela frente, e é bem provável que a situação piore.

Kira o seguiu sem reclamar, pois não havia alternativa, mas estava pálida e assustada.

Quando enfim chegaram à lagoa em que Matty normalmente enchia o cantil e, às vezes, até pescava, encontraram-na estagnada. Antes límpida e fresca, a água agora estava marrom-escura e coalhada de insetos mortos. O fedor era tão forte que ele só podia imaginar a imundície.

Eles estavam morrendo de sede.

A chuva havia cessado, mas os deixara molhados e enregelados.

O cheiro era muito, muito pior.

Kira passou o unguento de ervas em cima dos lábios e amarrou pedaços de pano sobre o nariz e a boca de cada um para filtrar o odor. Sapeca se encolheu, com a cabeça abaixada, dentro da blusa de Matty.

O mesmo caminho que ele sempre pegava terminou bruscamente em um pântano que nunca estivera ali. Juncos afiados como facas cresciam na lama reluzente. Não havia como contorná-los. Matty observou o obstáculo e tentou bolar um plano.

– Vou cortar um cipó grosso para usar como corda. A gente vai ficar amarrado por ele, assim, se um ficar preso...

Dobrando o braço grotescamente inchado com dificuldade, cortou um pedaço de cipó pesado com a faca.

– Deixe que eu amarro – disse Kira. – Sou boa nisso. Já amarrei muitas linhas e fios.

Habilidosa, ela cingiu a cintura de Matty, e depois a sua, com o pedaço de cipó flexível.

– Olhe, está bem preso.

Ela puxou os nós e ele pôde ver que Kira havia feito um trabalho de mestre, deixando um trecho de cipó entre os dois.

– Eu vou primeiro – falou Matty –, para testar a lama. O que mais me preocupa é...

Kira assentiu.

– Eu sei. Pode ser areia movediça.

– Isso. Se eu começar a afundar, você vai ter que me puxar com força para me ajudar a sair. Vou fazer o mesmo por você.

Atravessaram o pântano bem vagarosamente, procurando aglomerados de vegetação onde apoiar os pés, testando a firmeza do solo nas partes em que eram obrigados a pisar na lama espessa. Os juncos afiados cortavam sem piedade suas pernas, e mosquitos se banqueteavam com o sangue fresco. De vez em quando, puxavam um ao outro para se libertarem do lamaçal. As sandálias de Kira, uma a uma, foram sugadas dos seus pés e desapareceram.

Por milagre, os sapatos de Matty continuavam em seus pés, cobertos de lama escorregadia, de modo que ele parecia usar botas pesadas e molhadas quando saiu do outro lado do pântano. Segurando firme o cipó, puxou Kira pela lama, barranco acima. Então cortou o cipó que os unia.

– Olhe! – exclamou, apontando para os próprios pés, cobertos com a lama que já secava, formando uma crosta.

Por um instante, estranhamente, teve vontade de rir daquelas botas grotescas. Então viu os pés descalços de Kira e sentiu um calafrio. Eles estavam em carne viva e sangue escorria dos cortes reabertos e de novas lacerações causadas pelos juncos afiados. Matty desceu o barranco, pegou punhados de lama úmida e cobriu cuidadosamente os pés e as pernas dela, estancando o sangramento e procurando aliviar a dor com a pasta espessa e fria.

Olhou para o céu através das copas cerradas para calcular a hora. Tinham demorado muito para atravessar o pântano. Seus braços estavam inúteis, mas ele ainda conseguia segurar a faca na mão inchada. Com as pernas e os pés dilacerados e cobertos de lama, Kira se ajoelhou ao lado dele, tentando recuperar o fôlego. O fedor dificultava a respiração e Matty conseguia sentir o cãozinho sufocar dentro da sua camisa.

Ele se esforçou para falar em um tom otimista:

– Vem comigo. Acho que o centro está logo em frente. E a noite já vai cair. A gente encontra um lugar para dormir e, pela manhã, começa o trecho final. Seu pai está esperando.

Ele seguiu em frente devagar. Kira se levantou, apoiando-se nos pés arruinados, e o acompanhou.



Matty sentia que a razão o abandonava de vez em quando, e começou a imaginar que estava fora do corpo. Gostava de escapar da dor. Em sua mente, pairava acima da própria cabeça, olhando para o menino sofredor que atravessava de forma implacável a vegetação escura e espinhosa conduzindo uma garota coxa. Sentia pena daquela dupla e queria convidá-los a subir e pairar com ele ali, naquele lugar confortável. Mas o eu sem corpo não tinha voz e não podia chamar nem ser ouvido.

Eram devaneios, fugas, e não duravam muito.

– Podemos parar por um instante? Preciso descansar. Desculpe. – A voz de Kira estava fraca, abafada pelo pano que lhe cobria a boca.

– Tem uma pequena clareira logo aqui em cima. – Matty apontou, esforçando para seguir até o lugar que avistara. – A gente vai ter espaço para sentar.

Quando chegaram lá, ele sacudiu o corpo para tirar o cobertor enrolado das costas, pousando-o no chão para servir de almofada. Os dois se deixaram cair um ao lado do outro.

– Olhe. – Kira indicou a saia do vestido, mostrando-a para Matty. O tecido azul, agora desbotado, estava em frangalhos. – Foi como se os galhos estivessem me atacando. Eram como facas. Cortavam minhas roupas... – ela examinou a roupa esvaída – ... mas não chegavam a machucar meu corpo. Como se aguardassem. Me provocando.

Por um instante terrível, Matty se lembrou de como Ramon descrevera o pobre Cuidador de Rebanhos, enroscado pela Floresta, cujo corpo fora encontrado estrangulado pelos cipós. Imaginou se a Floresta o teria provocado primeiro, queimando-o e cortando-o antes dos últimos momentos da morte horrenda.

– Matty, diga alguma coisa.

Ele se sobressaltou. Havia deixado sua mente divagar outra vez.

– Desculpe. Não sei o que dizer. Como estão seus pés?

Matty a viu estremeecer e olhou para baixo. A crosta de lama que ele aplicara como bálsamo já se soltara. Os pés não passavam de carne dilacerada.

– E olhe para os seus pobres braços – falou ela. As mangas rasgadas estavam manchadas pelo pus que vazava das feridas.

Ele se recordou de como era o Vilarejo no passado, na época em que uma pessoa com dificuldade para andar era ajudada alegremente por outra mais forte. Quando alguém com o braço ferido recebia cuidados e atenção até estar curado.

Ouvia os sons ao redor e imaginava que fossem do Vilarejo: risadas suaves, conversas serenas e o burburinho dos afazeres cotidianos e de vidas felizes. Mas era apenas uma ilusão produzida pela memória e pela nostalgia. Os ruídos, na verdade, eram o coaxar rascante de um sapo, os movimentos sorrateiros de um roedor nos arbustos e o borbulhar de alguma criatura serpeante e hostil nas águas escuras da lagoa.

– Estou tendo muita dificuldade em respirar – comentou Kira.

Matty percebeu que ele também estava. Era aquele cheiro horrível, que tornava o ar pesado, como um travesseiro fedorento pressionado contra o rosto

deles, sufocando-os. Ele tossiu.

Pensou em seu dom. Inútil agora. Provavelmente ainda tinha forças e energia suficientes para curar os próprios braços feridos e os pés massacrados de Kira. Mas então a Floresta os atacaria de novo, e de novo, e ele estaria enfraquecido demais para resistir. Ao olhar para baixo com fraqueza, notou uma gavinha verde-clara brotar da base de um arbusto espinhoso e rastejar silenciosamente na direção deles. Ficou observando, um tanto fascinado. Ela se movia como uma víbora: decidida, silenciosa e letal.

Matty tornou a sacar a faca. Quando a haste sinistra e encaracolada – parecida com as dos pés de ervilha que cresciam no começo do verão na horta de casa – alcançou seu tornozelo, começou a se enroscar, apertando sua carne. Rapidamente, ele a decepou com a lâmina pequena. Em poucos segundos, a planta ficou amarronzada e se soltou, sem vida.

Mas isso não lhe trouxe nenhuma sensação de vitória. Era apenas um intervalo em uma batalha que ele estava fadado a perder.

Notou que Kira pegava a mochila, então ralhou com ela.

– O que está fazendo? A gente tem que sair daqui logo. Este lugar é perigoso.

Ela não vira a coisa mortífera que agarrara Matty, mas ele sabia que haveria mais. O menino vigiava os arbustos, à espera.

Percebeu que a planta o havia atacado primeiro. Não queria morrer antes de Kira, não queria deixá-la sozinha.

Consternado, viu que ela pegava os acessórios de bordado.

– Kira! A gente não tem tempo para isso!

– Pode ser que eu consiga...

Então, com habilidade, ela colocou linha em uma agulha.

Consiga o quê?, perguntou-se Matty, amargurado. *Criar uma linda tapeçaria retratando nossas últimas horas de vida?* Ele recordou que, nos livros de arte que folheara na casa de Líder, muitas pinturas mostravam a morte. Uma cabeça decapitada em uma bandeja. Uma batalha, o solo coberto de cadáveres. Espadas, lanças e fogo. Pregos sendo martelados na carne tenra das mãos de um homem. Os artistas haviam preservado muita dor por meio da beleza.

Talvez ela pudesse fazer o mesmo.

Matty observou as mãos dela, que se agitavam sobre o pequeno quadro de tear, bordando. Seus olhos estavam fechados. Ela não controlava os próprios dedos; simplesmente se moviam.

Matty esperou, vigilante, observando os arbustos que os cercavam, aguardando o ataque seguinte. Ele temia o cair da noite. Queria seguir em frente, sair daquele lugar antes do escurecer. Mas esperou enquanto as mãos de Kira se moviam.

Por fim, ela ergueu os olhos.

– Alguém está vindo nos ajudar. É o jovem de olhos azuis.

Líder:

– Líder está vindo?

– Ele entrou na Floresta.

Matty suspirou.

– É tarde demais, Kira. Ele não vai encontrar a gente a tempo.

– Ele sabe exatamente onde estamos.

– Ele consegue ver além – falou Matty, tossindo. – Eu já contei isso? Não lembro.

– Ver além?

Ela começou a guardar seus pertences.

– É o dom dele. Você vê o futuro. Ele vê além. E eu...

Matty se calou. Ergueu um dos braços terrivelmente inchados e olhou, abatido, para o pus que brotava através do tecido das mangas. Então soltou uma risada rouca.

– Eu posso consertar um sapo.

O cego estava sozinho com seu medo agora, desde que Líder havia partido. Ele voltara à própria casa para esperar, passando, no caminho, pelos trabalhadores que ainda se preparavam para construir uma muralha ao redor do Vilarejo.

No quintal ao lado da pequena habitação que dividira com Matty durante tanto tempo, sentia o cheiro de terra revirada recentemente. No dia anterior, começara a cavar um jardim de flores para a filha, soltando as ervas daninhas para puxá-las depois.

Jean perguntara por Matty. Ela havia admirado o trabalho de Vidente e dissera que traria sementes das próprias flores. “Podemos ter jardins iguais”, falara. Jean estava ansiosa para conhecer a filha do cego. Não tivera uma irmã mais velha, e talvez Kira pudesse ser isso para ela. Vidente fora capaz de ouvir o sorriso na voz da menina.

Mas isso tinha sido no dia anterior; ele contara que os viajantes estavam bem, a caminho de casa, pois ainda achava que essa era a verdade.

Contudo, naquela manhã, depois de ficar parado diante da janela por um longo tempo, Líder lhe informara o que realmente estava acontecendo.

O cego soltara um grito de angústia: “Os dois?! *Minhas duas crianças?!*”

Em circunstâncias normais, Líder precisaria repousar depois de ver além. Mas, dessa vez, não foi isso que ela fez. Vidente conseguia ouvi-lo se mover pelo escritório, juntando coisas.

“Não deixe o Vilarejo saber que fui embora”, pedira Líder.

“Embora? Para onde está indo?”

O cego ainda estava desnortado por causa da notícia recente.

“Vou salvá-los, é claro. Mas não confio nos que estão construindo a muralha. Se perceberem que não estou aqui para lembrar a todos do decreto, temo que começarão mais cedo. Não quero me ver impedido de entrar na volta.”

“Consegue passar despercebido?”

“Sim, conheço um caminho secreto. E eles estarão tão envolvidos no trabalho que não se lembrarão de procurar por mim. Sou a última pessoa que querem ver, de qualquer maneira. Sabem da minha opinião sobre a muralha.”

O otimismo na voz de Líder apaziguara o desespero do cego. *Vou salvá-los, é claro*, fora o que garantira. Talvez pudesse ser verdade.

“Você tem comida? Agasalho? Armas? Talvez vá precisar de armas. Por mais que eu odeie pensar nisso.”

Mas Líder dissera que não.

“Nossos dons são nossas armas.”

Então desceu correndo as escadas.

Agora, sozinho em casa, Vidente voltou a se sentir desamparado. Estendeu a mão para a parede ao lado da cozinha e sentiu as bordas da tapeçaria pendurada ali, feita por Kira. Deixou os dedos correrem por ela, tateando a paisagem

bordada. Já havia sentido aqueles pontos minúsculos e regulares muitas vezes, pois os tocava sempre que sentia saudades da filha. Agora, naquela manhã devastadora, não passavam de nós e fios emaranhados. Sentia a morte, acompanhada de seu cheiro terrível.

A noite estava chegando ao fim e eles continuavam vivos. Matty acordou ao raiar do dia e se viu ainda encolhido ao lado de Kira, no lugar em que os dois haviam desmoronado juntos após seguirem noite adentro até o mais longe possível.

– Kira?

Sua voz estava rouca por causa da garganta áspera, mas ela o ouviu e se mexeu. Então abriu os olhos.

– Não consigo enxergar direito – sussurrou Kira. – Está tudo embaçado.

– Consegue se sentar?

Ela tentou e soltou um gemido.

– Estou tão fraca... Espere.

Kira respirou fundo e se obrigou a sentar.

– O que é isso no seu rosto? – perguntou, apontando para seu lábio superior.

Ele o tocou e viu que a mão estava manchada de sangue.

– Meu nariz está sangrando – falou, intrigado.

Kira lhe entregou o pano que usara em volta do rosto no dia anterior e ele o pressionou contra o nariz para estancar o sangue.

– Você acha que consegue andar? – perguntou Matty após um instante.

Ela balançou a cabeça.

– Desculpe. Sinto muito, Matty.

Ele não ficou surpreso. Depois de rasgarem o vestido, os galhos espinhosos atacaram-lhes as pernas ao cair da noite, e agora Matty via que Kira estava terrivelmente ferida. Os cortes eram tão profundos que ele conseguia ver seus músculos e tendões expostos brilharem, amarelos e rosados, com uma espécie de beleza destrutiva, onde a carne rasgada se abria.

Matty, por sua vez, talvez ainda conseguisse avançar, cambaleante. Mas seus braços estavam completamente inúteis agora e as mãos pareciam apenas patas gigantes. Ele já não conseguia segurar a faca.

Quanto a Sapeca, não sabia dizer. O cãozinho estava imóvel contra seu peito.

Matty observou, impassível, um lagarto marrom com uma língua dardejante atravessar o cobertor, com o rabo oscilando.

– Continue você – murmurou Kira, recostando-se e fechando os olhos. – Vou apenas dormir.

Com dificuldade, ele estendeu os braços para a trouxa de Kira, caída ao seu lado desde a noite anterior. Em meio a uma névoa de dor, percebeu que os dedos ainda reagiam aos seus comandos, embora de forma desajeitada, e os usou para abrir a bolsa e apanhar o quadro de tear. Devagar, penosamente, colocou linha na agulha. Então sacudiu-a para acordá-la.

– Não... não quero acordar.

– Kira, tome. – Ele lhe entregou o quadro. – Tente só mais uma vez. Por favor. Veja onde está Líder, se puder.

Ela pestanejou e olhou para o quadro como se não o reconhecesse. Matty colocou a agulha com linha em sua mão direita. Ele estava se lembrando de algo que dissera certa vez a Líder, sobre os dons se encontrarem no meio do caminho.

Mas a amiga havia fechado os olhos outra vez. Matty levantou a voz:

– Kira! Coloque a linha no tecido. E tente encontrar Líder. Tente, Kira!

Ela suspirou e, com um gesto débil, obedeceu, enquanto Matty segurava o quadro. Ele observou suas mãos. Nada aconteceu. Nada mudou.

– *Mais uma vez* – implorou.

Viu as mãos dela se agitarem, então começaram a brilhar.



No segundo dia de viagem, Líder começou a sentir os ataques da Floresta. Provavelmente tinham se iniciado antes, na forma de galhos finos e pontiagudos – lembrava-se agora de como um deles quase acertara o seu olho –, mas, determinado como estava a encontrar e seguir o caminho correto, não dera atenção aos pequenos ferimentos que sofria. Atravessara as profundezas da Floresta sem pensar no perigo, concentrado apenas em achar a dupla que estava tão perto da morte. Não tinha parado para comer ou dormir.

Começara a notar o mau cheiro na manhã do segundo dia, e isso o fez apertar o passo. Sem titubear, empurrava para longe os galhos que tentavam agarrá-lo e ignorava os espinhos que lhe cortavam os braços e o rosto.

Então chegou a um local em que o caminho parecia terminar abruptamente. Ele se deteve, intrigado, e examinou a vegetação rasteira. Perto dali, um sapo verde reluzente emergiu da base de um arbusto.

Brebt-brebt.

Brebt-brebt.

Ele saltitou em sua direção pela lama, então se virou e seguiu em frente. Líder o acompanhou, abrindo caminho pelos arbustos cerrados, e para sua surpresa descobriu que o animal o conduzia até o local em que a trilha recomeçava. Aliviado, pois temera por um instante estar perdido, prosseguiu. Mas, agora, reconhecia os ataques. Agora, via que não se tratava de galhos espinhosos aleatórios e que, tampouco, era sua própria falta de jeito que o fazia topar com eles: estava realmente sendo atacado pela Floresta.

De repente, o ar ao redor se alvoroçou de insetos que o picavam. Voavam contra o seu rosto e o mordiam sem piedade. Lembrou-se dos cercos a castelos medievais sobre os quais lera, em que exércitos de arqueiros disparavam tantas flechas que o céu se obscurecia. Era assim que ele se sentia. Picado em mil lugares ao mesmo tempo, Líder gritou.

Então, de forma tão repentina quanto haviam chegado, os insetos partiram: reagrupando-se para um novo ataque, pensou ele. Líder saiu correndo, tentando se afastar daquela área pantanosa que servia de lar e criadouro aos parasitas. No fim, o caminho de fato o levou até um terreno mais seco, mas, ali, uma rocha pontiaguda se lançou contra ele e lhe rasgou o joelho. Depois, outra abriu um

corte tão feio em sua mão que ele precisou enfaixá-la com firmeza, por medo de que a perda de sangue o enfraquecesse ainda mais.

Cambaleando e sangrando, desejou por um instante ter trazido alguma espécie de arma. Mas o que poderia tê-lo protegido da Floresta? Ela era uma força poderosa demais para ser combatida com uma faca ou um porrete.

Nossos dons são nossas armas, lembrou-se de ter dito ao cego. Parecia ter sido muito tempo antes. Falara aquelas palavras com convicção, mas agora nem conseguia ver sentido nelas.

Parou por um instante, em silêncio. Seu rosto estava desfigurado agora, inchado por causa das mordidas, que vertiam um fluido escuro. Sangue escorria de sua orelha esquerda, que fora cortada por outra pedra afiada. Um dos tornozelos foi enroscado por um cipó. Ele crescia tão rápido que Líder conseguia vê-lo se mover, subindo em direção ao joelho. Sabia que logo estaria imobilizado, então os insetos voltariam para terminar o serviço.

Virou-se para onde sabia ser o centro da Floresta, o lugar em que Matty e Kira estavam presos, e se forçou a ver além. Parecia ser a única coisa que lhe restava fazer.

– O que você está vendo? – perguntou Matty, com a voz rouca.

Mas Kira não respondeu de imediato. Seus olhos estavam fechados. Os dedos se moviam como em um sonho. A agulha entrava e saía.

Ele levantou a cabeça para tentar ver. Mas seus olhos estavam inchados e, quando Matty se erguia, ainda escorria sangue do nariz. Assim, ele se recostou de novo, gemendo devido ao esforço, e sentiu o corpo lânguido do cãozinho se mexer dentro da camisa.

Matty nunca tinha sentido uma tristeza tão esmagadora. Seu outro cão havia morrido já velho, de forma pacífica e natural. Mas Sapeca era apenas um filhotinho, mal começara a viver, e fora uma criatura cheia de energia, muito curiosa e brincalhona. Parecia quase impossível que tivesse se tornado uma coisa sem vida em tão pouco tempo.

Mas isso se aplicava a tudo. Sua tristeza era por todo o resto: pelo Vilarejo, que já não era o lugar feliz que costumava ser; por Kira, não mais a jovem forte e determinada que conhecia havia tanto tempo. E Líder? Matty se perguntava o que estaria acontecendo com ele agora.

De repente, Kira pareceu despertar.

– Ele está vindo. Está perto – sussurrou.

Sua voz vinha de muito próximo da orelha de Matty, que estava encolhido junto a ela. Mas, ao mesmo tempo, soava distante, como se Kira estivesse indo para um lugar longe dali.



O cipó em volta do tornozelo de Líder o puxava, penetrando sua carne, fincando-se ali, enviando um novo broto perna acima. Outro serpeou para fora dos arbustos e se enroscou em seu pé. Líder não percebeu nada disso. Continuava imóvel, alerta. Os olhos estavam abertos, mas ele já não via as árvores cobertas de vermes ao redor, com folhas deterioradas, ou a lama escura e malcheirosa. Via além, e era algo belo.

– Kira – disse ele, embora tenha sido sua mente a falar, pois sua voz física era inaudível agora, a boca inchada por conta das feridas abertas.

– Precisamos de você – respondeu ela, e era sua mente que estava falando também.

Matty, ao lado dela, ouvia apenas o adejar suave dos dedos se movendo sobre o tecido.



No lugar chamado Além, a consciência de Líder se encontrou com a de Kira e eles se envolveram um ao redor do outro como colunas de fumaça, cumprimentando-se.

– Estamos feridos – disse-lhe Kira –, e perdidos.

– Também estou ferido, e preso.

Após esse diálogo, os dois se separaram, afastando-se perigosamente um do outro. Líder conseguia sentir o cipó agora. O joelho se dobrou quando a planta enterrou os espinhos afiados nele. Tentou agarrá-lo, mas as mãos também estavam presas.

Com grande esforço, sua consciência voltou a tocar a consciência de Kira.

– Peça ajuda ao menino – falou Líder.

– Está falando de Matty?

– Sim, embora esse não seja o nome verdadeiro dele. Diga-lhe que precisa do dom dele agora. Nosso mundo precisa dele.

Matty sentiu Kira se remexer ao seu lado. Ela abriu os olhos. O menino observou-a umedecer os lábios. Sua voz saiu tão fraca que ele não conseguiu entender as palavras.

Com dificuldade, ele se inclinou para junto dela, colando a orelha à boca de Kira.

– Precisamos do seu dom – sussurrou Kira.

Matty se deixou cair para trás, em pânico. Ele havia seguido as instruções de Líder: não desperdiçara o seu dom. Não tinha curado Ramon, não consertara a perna torta de Kira nem tentara salvar o cãozinho. Mas, agora, era tarde demais. Seu corpo estava tão ferido que mal conseguia se mover. Ele já não podia dobrar os braços destroçados. Como colocaria as mãos no que quer que fosse? Além disso, o que a amiga queria que ele tocasse? Havia muitas coisas arruinadas.

Em agonia e desespero, Matty se virou para longe dela e rolou de cima do cobertor em direção à lama espessa e malcheirosa. Com os braços estendidos e as mãos tocando a terra, ficou deitado, à espera da morte.

Então, sentiu os dedos começarem a vibrar.

Começou com uma sensação quase imperceptível. Era diferente das sensações mais fortes que ainda castigavam o seu corpo: a ardência angustiante nos braços e nas mãos, as ulcerações quase insuportáveis na boca seca, o latejar febril da cabeça.

Era como um poder sussurrante. Matty o sentia na ponta dos dedos, nas linhas e fissuras da pele. Fluía através das mãos enquanto ele permanecia imóvel na lama.

Embora Matty ainda tremesse por causa da doença e da angústia, seu sangue começara a esquentar e a bombear mais rápido. Ele continuou parado. O líquido espesso e negro deslizava, sinuoso, por suas veias. Entrou em seu coração e pulsou, movendo-se com determinação pelo labirinto de músculos, reunindo a energia que vinha debilmente dos pulmões deteriorados. Fluiu para as artérias. Matty conseguia discernir as células dentro do próprio sangue e ver suas cores na própria consciência, bem como os prismas das moléculas. Tudo aquilo estava desperto agora, acumulando poder.

Sentia cada um dos nervos, milhões deles, tesos de energia à espera de ser liberada. As fibras dos músculos se enrijeceram.

Ofegante, Matty invocou o seu dom. Não sabia como deveria direcioná-lo. Simplesmente enterrou as unhas na terra, sentindo o poder penetrar, pulsante, o mundo arruinado. De repente, teve consciência de que havia sido escolhido para aquilo.

Ao lado dele, Kira começou a respirar com mais facilidade. O que fora quase um coma se transformava agora em um sono comum.

Não muito longe, Líder tentou levantar um pé e sentiu que estava livre do cipó que o prendia. Ele abriu os olhos.

No Vilarejo, uma brisa começou a soprar e entrou pelas janelas da casa em que Ramon vivia com a família. O menino sentou-se de repente na cama, onde passara dias doente, e a febre começou a deixar seu corpo.

O cego sentiu a brisa levantar uma das beiradas da tapeçaria na parede. Tateou o tecido e percebeu que os pontos estavam tão regulares e lisos quanto costumavam ser.

Matty gemeu e pressionou as mãos com mais força no solo. Toda a sua força, seu sangue e sua respiração penetravam a terra agora. Sua mente e seu espírito tornaram-se parte dela. O menino ascendeu. Pairava no ar, sem peso, observando o eu físico lutar e se contorcer. Entregou-se voluntariamente, negociando a si mesmo por tudo o que amava e valorizava, e sentiu-se livre.



Líder andou para a frente. Passou as mãos pelo rosto e sentiu as lesões desaparecerem, como se tivessem sido lavadas. Via o caminho com clareza agora, pois os arbustos haviam recuado, suas folhas brilhando com um verdor renovado, salpicadas de brotos. Uma borboleta amarela pousou numa moita, deteve-se por um instante e saiu voando. Pedras arredondadas ladeavam o caminho e a luz do sol incidia através das copas. O ar estava límpido e ele ouvia um córrego ali perto.



Matty conseguia ver e ouvir tudo. Jean, diante do jardim, exclamava alegremente ao avistar o pai; Mentor, novamente encurvado e calvo, acenava para a filha a caminho da escola, com um livro na mão. A marca de nascença voltara ao seu rosto e a poesia retornara. Matty o escutou recitar:

*Agora, nesta senda que todos trilham,
Sobre os ombros o trazemos para casa,
E o pousamos em seu derradeiro abrigo,
Para habitar uma cidade mais silenciosa.*

Ele viu os construtores da muralha abandonarem o trabalho.

Escutou os recém-chegados cantarem em suas próprias línguas – em uma centena de idiomas diferentes, mas ainda assim entendendo uns aos outros. Viu a mulher cheia de cicatrizes parada no meio deles ao lado do filho, orgulhosa, e o povo do Vilarejo reunido para ouvi-los.

Viu a Floresta e compreendeu o que Vidente quisera dizer. Era ilusão. Um emaranhado de medos, mentiras e disputas por poder que havia se disfarçado de outra coisa e quase destruíra tudo. Agora ela se desfazia, como uma flor desabrochando, radiante de possibilidades.

Pairando no ar, olhou para baixo e viu a si próprio imóvel. Sentiu sua respiração desacelerar. Suspirou, deixou-se ir e foi invadido por uma sensação de paz.

Viou Kira acordar e Líder encontrá-la.



Kira umedeceu um pedaço de pano no córrego para limpar o rosto impassível de Matty. Líder o havia virado de barriga para cima. Ela chorou ao vê-lo, mas ficou feliz ao notar que as feridas terríveis tinham desaparecido. Kira limpou seus braços e mãos. A pele estava firme e incólume, sem cicatrizes.

– Eu o conhecia desde que ele era um garotinho – falou, chorando. – Ele estava sempre com o rosto sujo, sempre fazendo travessuras.

Ela afagou o cabelo de Matty.

– Dizia que era O Mais Feroz dos Ferozes.

Líder sorriu.

– Ele era assim. Mas esse não era o seu verdadeiro nome.

Kira secou os olhos.

– O que ele mais queria era receber o nome verdadeiro no fim desta viagem.

– E o teria recebido.

– Ele queria se chamar *Mensageiro* – revelou Kira.

Líder balançou a cabeça.

– Não. Já houve outros mensageiros, e muitos outros ainda virão. – Ele se agachou e pousou a mão solenemente na testa de Matty, acima dos seus olhos fechados. – Seu verdadeiro nome é *Curandeiro*.

Um farfalhar repentino nos arbustos assustou os dois.

– O que foi isso? – perguntou Kira, alarmada.

Ao ouvir sua voz, o cãozinho saiu do lugar em que estivera escondido aquele tempo todo, com o pelo coberto de gravetos.

– É o Sapeca!

Kira o pegou nos braços e ele lambeu sua mão.

Ao lado dela, Líder apanhou com ternura o corpo do menino e se preparou para carregá-lo para casa. Ao longe, ouviam-se os primeiros cantos de lamentação.

Sobre a autora

LOIS LOWRY tem mais de 40 livros publicados e já recebeu diversos prêmios, como o Boston Globe-Horn Book, o Dorothy Canfield Fisher, o Mark Twain e a Medalha California Young Readers. Ganhou duas vezes a Medalha John Newbery, da Association for Library Service to Children, uma delas por *O Doador de Memórias* – traduzido para 39 idiomas e adaptado para o cinema –, o primeiro volume desta série.

www.loislowry.com

CONHEÇA OS OUTROS LIVROS DA SÉRIE



O Doador de Memórias

Em *O Doador de Memórias*, os habitantes de uma pequena comunidade, satisfeitos com a vida estável que levam, conhecem apenas o presente – o passado lhes foi apagado da mente.

Um único indivíduo é encarregado de ser o guardião das memórias, com o objetivo de proteger o povo do sofrimento e ter a sabedoria necessária para orientar os dirigentes da sociedade em momentos difíceis.

Aos 12 anos, Jonas recebe a honra de se tornar o próximo guardião. Ele precisará passar por um treinamento difícil e não faz ideia de que seu mundo nunca mais será o mesmo. Orientado pelo velho Doador, Jonas descobre o universo extraordinário que lhe fora roubado. Como uma névoa que vai se dissipando, a terrível realidade por trás daquela utopia começa a se revelar.



A escolhida

Em *A escolhida*, Kira enfrenta um futuro incerto. Portadora de uma deficiência, vivendo em uma civilização que descarta os mais fracos, ela é hostilizada pelos vizinhos, que a consideram inútil.

Quando é chamada a julgamento pelo Conselho dos Guardiões, Kira se prepara para lutar pela vida. Mas os autoritários chefes já têm outros planos e a encarregam de uma tarefa grandiosa: restaurar os bordados de uma túnica centenária que contam a história do mundo.

Escolhida por seu talento quase mágico para bordar, a jovem fica radiante. Quando dá início ao serviço de investigação do passado, ela depara com uma série de mistérios nas profundezas do universo que achava conhecer tão bem. Confrontada com uma verdade chocante, Kira precisará tomar decisões que mudarão sua vida e toda a comunidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

Sobre a autora

Conheça os outros livros da série

Informações sobre a Arqueiro